

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

HEDER DE OLIVEIRA SILVA

**PLATAFORMA GEOGUIA: GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE AULAS DE
CAMPO EM GEOGRAFIA NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**DOURADOS - MS
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

**PLATAFORMA GEOGUIA: GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE AULAS DE
CAMPO EM GEOGRAFIA NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia
em Rede Nacional da Universidade Federal da
Grande Dourados para a obtenção do título de Mestre
em Ensino de Geografia.

Discente: Heder de Oliveira Silva

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Freitas Marinho

DOURADOS - MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586p Silva, Heder De Oliveira

PLATAFORMA GEOGUIA: GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE AULAS DE
CAMPO EM GEOGRAFIA NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO [recurso eletrônico] /
Heder De Oliveira Silva. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Vera Lúcia Freitas Marinho.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Geografia em Rede)-Universidade Federal da Grande
Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Ensino de Geografia. 2. Aula de Campo. 3. Plataforma Geoguia. 4. Protocolo para aula de
Campo. I. Marinho, Vera Lúcia Freitas. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

HEDER DE OLIVEIRA SILVA

**PLATAFORMA GEOGUIA: GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE AULAS DE CAMPO
EM GEOGRAFIA NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Aprovado em: 08/04/2024

**Vera Lúcia Freitas Marinho, Dra. (UEMS)
(Presidente/Orientadora)**

Camila Riboli Rampazzo, Dra. (UFGD)

João Batista Alves de Souza/IFMS, Dr. (IFMS)

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e as suas circunstâncias.”

Educação e Mudança, Paulo Freire (2013)

Dedico este trabalho aos meus pais, a quem agradeço as bases para me tornar a pessoa que sou hoje.

Aos meus filhos e esposa, minha razão de viver.

À minha querida família e amigos que tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.

A Deus; sem Ele, eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho.

A todos aqueles a quem está pesquisa possa ajudar de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, pois é graças aos seus esforços que hoje posso concluir o meu curso. Não há exemplo maior de dedicação do que a de nossa família.

À minha orientadora, que não mediu esforços para compartilhar seus conhecimentos e, sem a qual, não teria conseguido concluir esta difícil tarefa.

Aos meus colegas de curso, que, assim como eu, concluem mais uma etapa exitosa da vida acadêmica.

Agradeço a todo o curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) da UFGD, do qual me sinto lisonjeado por ter feito parte.

Agradeço a todo(a)s os que me ajudaram ao longo desta caminhada.

Este trabalho resume-se à dedicação que eu presenciei ao longo dos anos em cada um dos profissionais da educação, estudantes e familiares que esteve comigo e acreditou nas ações que desenvolvi em ambiente externo à escola.

RESUMO

A presente pesquisa traz uma discussão referente à Aula de Campo enquanto procedimento metodológico integrador da teoria e prática na promoção da aprendizagem de estudantes tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio, no componente curricular de Geografia. De cunho quantitativo e qualitativo, o estudo tem como objetivo geral discutir e correlacionar o tema Aula de Campo como uma metodologia integradora da teoria-prática no ensino de Geografia. Como objetivos específicos, o estudo se propõe a criar um recurso virtual relacionando a Aula de Campo ao contato teoria-prática no ensino de Geografia; produzir uma ferramenta didática aqui apresentada na plataforma eletrônica para o desenvolvimento de Aula de Campo; e, por fim, desenvolver um produto educacional visando estreitar as relações tecnologia, professor-aluno-objeto de estudo, experienciando novos métodos de aprendizagem na aplicação de conteúdos, conceitos e categorias abordados no ensino de Geografia. Os resultados apresentam, além da discussão teórica e empírica acerca da Aula de Campo no ensino de Geografia, a construção de um produto educacional – Plataforma Geoguia cujos conteúdos são voltados ao planejamento e à execução de Aulas de Campo, incluindo as exigências presentes nos documentos oficiais, como, por exemplo, o Protocolo da Aula de Campo, publicado pela Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso. A incursão empírica revela que, entre os professores pesquisados, independente do nível de ensino em que atuem, reconhecem o potencial pedagógico das Aulas de Campo. No entanto, há implicações reais que dificultam desde o planejamento até a execução de Aulas de Campo e, embora, representem desafios, não impedem sua adoção. Neste sentido, a dissertação contribui em tratar e repensar a Aula de Campo no ensino de Geografia nos diferentes níveis acadêmicos e, sobretudo, visando a aprendizagem plena do aluno.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Aula de Campo, Plataforma Geoguia, Protocolo para aula de Campo.

ABSTRACT

The current research brings a discussion regarding the Field Class as methodological procedure integrative of theory and practice in the promotion of the learning of students in Elementary and Middle School as well as in High School, in the curricular component of Geography. Of quantitative and qualitative nature, the study has as general objective discuss and correlate the theme Field Class as a methodology integrative of theory-practice in the teaching of Geography. As specific objectives, the study proposes to create a virtual resource relating the Field Class to the contact theory-practice in the teaching of Geography; produce a didactic tool here presented in the electronic platform for the development of Field Class; and, lastly, develop an educational product aiming at strengthening the relations technology, teacher-student-object of study, experiencing new methods of learning in the application of contents, concepts and categories approached in the teaching of Geography. The results present, besides the theoretical and empirical discussion on the Field Class in the teaching of Geography, the construction of an educational product – Platform Geoguide (Geoguia) whose contents are focused on the planning and on the execution of the Field Classes, including the requirements presented on the official documents, such as the Protocol of Field Class, published by the Secretary of Education of the State of Mato Grosso, for example. The empirical incursion reveals that, among the researched teachers, independently of the teaching level in which they act, do recognize the pedagogical potential of the Field Classes. However, there are real implications which hamper from the planning to the execution of the Field Classes and, although they represent challenges, they do not impede the adoption. In this regard, the thesis contributed to tackle and rethink the Field Class in the teaching of Geography in the different academic levels and, above all, aiming for the full learning of the student.

Keywords: Teaching of Geography, Field Class, Platform Geoguide (Geoguia), Protocol for Field Class.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURA.....	12
LISTA DE GRÁFICOS.....	13
LISTA DE QUADRO.....	14
LISTA DE FIGURAS.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 AULA DE CAMPO: ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA.....	19
2.1 A AULA DE CAMPO: CONTEXTO TEMÁTICO	20
2.2 AULA DE CAMPO: INCURSÃO TEÓRICA.....	21
2.3 A AULA DE CAMPO E O ESTUDO DO MEIO	24
2.4 AULA DE CAMPO: UMA NECESSIDADE INQUESTIONÁVEL	27
2.5 AULA DE CAMPO: INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE	
31	
2.6 A AULA DE CAMPO: A ACESSIBILIDADE E O EXERCÍCIO DA INCLUSÃO	36
2.7 A AULA DE CAMPO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO	40
2.8 A AULA DE CAMPO: PROTOCOLOS OFICIAIS - SEDUC/MT.....	43
3 EXERCÍCIO DA AULA DE CAMPO: INCURSÕES METODOLÓGICA, RELATOS	
E VIVÊNCIAS	50
3.1 O TRILHAR METODOLÓGICO	50
3.2 RESULTADOS: INCURSÃO EMPÍRICA NO EXERCÍCIO DA AULA DE	
CAMPO	51
3.3 AULAS DE CAMPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS	60
4 PRODUTO EDUCACIONAL: PLATAFORMA GEOGUIA.....	67
4.1 AULADECAMPO COM: PRODUTO E FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	67
4.2 TRILHAS PARA A SEGURANÇA – ÊNFASE NA PRÁTICA	70
4.2.1 Equipe de Sustentação	71
4.2.2 Meios de Transporte	73
4.2.3 Alimentação.....	75
4.2.4 Vestimentas Adequadas.....	76
4.2.5 Hidratação.....	77
4.2.6 Formas de Registros	78
4.2.7 Documentos e Cuidados de Saúde	79

4.2.8	Resíduos	86
4.2.9	Documentação e Autorizações	87
4.2.10	Diário do Docente.....	90
4.3	O FUTURO É AGORA: SUGESTÕES DE TECNOLOGIAS PARA A AULA DE CAMPO.....	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
	ANEXO A – FORMULÁRIO PARA PLANEJAMENTO DE AULA DE CAMPO....	105
	ANEXO B – FORMULÁRIO PARA AUTORIZAÇÃO DE AULA DE CAMPO.....	107
	ANEXO C – FORMULÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES.....	108
	APÊNDICE – AULA DE CAMPO: TRILHAS, CONHECIMENTO E OUTRAS CARTOGRAFIAS	
	- CATÁLOGO DE AULAS DE CAMPO	

LISTAS DE ABREVIATURAS

ANTT - Agência Nacional de Transportes Terrestres

CDCE - Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar

CNMP - Conselho Nacional do Ministério Público

Detran - Departamento Nacional de Trânsito

DRE - Diretoria Regional de Ensino

EF - Ensino Fundamental

EM - Ensino Médio

ES - Ensino Superior

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

MEC - Ministério da Educação e Cultura

Nedesp - Núcleo de Educação Especial

Profgeo - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional

PPP - Projeto Político Pedagógico

Seduc - Secretaria de Estado de Educação

SAGR - Secretaria Adjunta de Gestão Regional

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Unemat – Universidade Estadual de Mato Grosso

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Identificação do local de exercício profissional do docente	52
Gráfico 2	Tempo de conclusão de graduação em Geografia.....	52
Gráfico 3	Tempo de exercício na docência	53
Gráfico 4	Vínculos de exercício e atuação dos entrevistados	54
Gráfico 5	A situação funcional dos entrevistados	55
Gráfico 6	Graduação dos entrevistados	55
Gráfico 7	Apoio e suporte dos envolvidos nas Aulas de Campo	57
Gráfico 8	Fonte de apoio e/ou custeio financeiro para as Aulas de Campo.....	57
Gráfico 9	Formato das Aulas de Campo: disciplinar ou interdisciplinar	58
Gráfico 10	Formas de registros de avaliações das Aulas de Campo	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Indicações aos estudantes portadores de necessidades especiais	38
Quadro 2	Passos e trâmites do Protocolo Aula de Campo – Seduc/SAGR (MT)	48
Quadro 3	Etapas exigidas no planejamento da Aula de Campo	71
Quadro 4	Informações da empresa, funcionários e o veículo para a Aula de Campo.	75
Quadro 5	Modelo de ficha de informações de saúde para a Aula de Campo.....	80
Quadro 6	Kit básico de primeiros socorros para Aula de Campo.....	83
Quadro 7	Indicações complementares da ficha de saúde	84
Quadro 8	Comorbidades.....	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma da criação da Plataforma Geoguia.....	68
Figura 2 – Logo da Plataforma Geoguia.....	69
Figura 3 - Tela de abertura do Geoguia.....	70
Figura 4 – Equipe de sustentação.....	72
Figura 5 – Meios de Transporte.....	73
Figura 6 – Alimentação.....	74
Figura 7 – Vestimenta.....	75
Figura 8 – Hidratação.....	76
Figura 9 – Formas de registros.....	78
Figura 10 – Documentos e cuidados com a saúde.....	79
Figura 11 – Kit primeiros socorros.....	84
Figura 12 – Comorbidades.....	86
Figura 13 – Resíduos.....	86
Figura 14 – Protocolo da aula de Campo.....	87
Figura 15 – Pernoite.....	89
Figura 16 – Importância do Google Earth para o planejamento da Aula de Campo.....	91
Figura 17 – Medindo distâncias.....	92
Figura 18 – Clima tempo.....	92
Figura 19 – Catálogo de Aulas de Campo.....	110

1 INTRODUÇÃO

A trajetória profissional de um professor é repleta de desafios, expectativas, frustrações e conquistas. Essa definição poderia, sem esforço, enquadrar-se às inúmeras profissões e, até ousadamente, à trajetória da vida humana em geral. Além da suposta aproximação entre vida profissional e pessoal daqueles que, há anos, atuam como professores, buscando promover a aprendizagem, sem perder o compromisso central com a formação cidadã dos estudantes. Neste sentido, enquanto pesquisadores em formação, e em diálogo com a nossa trajetória profissional em constante construção, a presente dissertação foi elaborada. Diante do exposto, a motivação para o seu desenvolvimento traz a vivência de professor de Geografia deste autor que, ao longo dessa caminhada, despertou a paixão pelo exercício das Aulas de Campo, realizadas em diferentes lugares e paisagens geográficas.

Portanto, esta dissertação tem sua gênese nas referidas vivências as quais conduziram a questionamentos como: as aulas de campo promovem uma integração da teoria e prática no ensino de Geografia? Enquanto professor do componente curricular como anteriormente mencionado é possível afirmar que a problemática apresentada é fruto de experiências na atuação em sala de aula, inclusive na propositura e execução de aulas de campo. A inquietação pessoal já existia, embora tenha sido fomentada durante a participação nas aulas no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (ProfGeo¹) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), possibilitando transformar essas ideias em projeto de pesquisa no ensino de Geografia.

A caminhada formativa possibilitou compreender cientificamente a temática e, no desdobrar das propostas de pesquisa e os seus objetivos, considerando a construção de um produto educacional, sendo uma das finalidades de um mestrado profissional. Assim, compreende-se que os produtos educacionais são: “[...] ferramentas elaboradas pelos próprios profissionais em formação que comportam conhecimentos organizados objetivando viabilizar a prática pedagógica”. O produto educacional possui sentido e significado pedagógico e “[...] partem de uma realidade que precisa deles para a resolução de problemas identificados na própria realidade” (FREIRE et al., 2017, p. 380).

¹ Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Geografia. Área de concentração Ensino de Geografia, com as seguintes linhas de pesquisa: Saberes e conhecimentos da Geografia no espaço escolar; Formação docente em Geografia; As linguagens no ensino de Geografia. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/pos-graduacao/profgeo/index>>.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi discutir e correlacionar o tema Aula de Campo como uma metodologia integradora da teoria-prática no ensino de Geografia e, os objetivos específicos foi de criar um recurso virtual relacionando à Aula de Campo e ao contato teoria-prática no ensino de Geografia; produziu uma ferramenta didática aqui apresentada na plataforma eletrônica para o desenvolvimento de Aula de Campo; e, por fim, desenvolver produto educacional visando estreitar as relações tecnologia, professor-aluno-objeto de estudo, experienciando novos métodos de aprendizagem na aplicação de conteúdos, conceitos e categorias abordados no ensino de Geografia.

Considerando os objetivos, trilhou-se um caminho metodológico de um produto educacional: a Plataforma Geoguia, que traz uma pesquisa realizada com elementos metodológicos de natureza qualitativa e quantitativa. Em virtude disso, foram consultadas referências como Neves (2010) e Silva e Campos (2017), o primeiro considera a Aula de Campo como um deslocamento em direção ao conhecimento e a necessidade de se dar ênfase à temática em questão; enquanto Silva e Campos abordam a instigação da curiosidade enquanto os conteúdos são apresentados vivos, a fim de propiciar aos estudantes construir o próprio processo de aprendizagem. Além disso, a pesquisa se baseia em Bacich e Moran (2018) e em Paulo Freire (2001; 2017), o célebre educador; Marques (2021) que, entre outras contribuições, dialoga no campo das metodologias ativas, na busca pela dinamização das aulas e ampliação de possibilidades de aprendizagem. Por fim, o Documento de Referência Curricular de Mato Grosso/Base Nacional Curricular Comum (BNCC) trata as metodologias ativas.

Ao se considerar a temática desenvolvida nesta produção científica, é interessante mencionar que durante as leituras para fundamentação teórica, constatou-se a existência de diversas expressões, tais como: aula de campo, saída de campo, estudo do meio, trabalho de campo, visita técnica. Diante disto, nesta dissertação optou-se pelo termo Aula de Campo compreendida como:

[...] conjunto dos meios e condições pelos quais [sic] o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos (LIBÂNEO, 2013, p. 178).

No arcabouço de discussão teórico-metodológica, a Aula de Campo, incluída no campo das metodologias ativas, é considerada, portanto, a integradora entre a teoria e a prática devido ao fato de dialogar com a realidade e o vivenciado. Isto possibilita uma aprendizagem plena, justificando a escolha por um produto educacional ora proposta na mencionada

plataforma eletrônica, em construção permanente, e que se propõe como uma ferramenta pedagógica. Além da discussão de fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos incluíram as etapas de pesquisa empírica, investigação e coleta de dados por meio da técnica de questionários utilizando o formato virtual da plataforma *Google Forms*, o qual propiciou a sistematização e a análise dos dados.

Nos resultados, são observadas as dificuldades diante de procedimentos burocráticos para a propositura de Aulas de Campo. Ainda neste contexto, os professores participantes de Escolas Estaduais do Estado de Mato Grosso se deparam com obstáculos nos trâmites para seguirem o novo *Protocolo da Aula de Campo*, proposto desde 2022, normatizado pelo governo do Estado de Mato Grosso, pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc) e pela Secretaria Adjunta de Gestão Regional (SAGR), visando formalizar os critérios de organização e segurança dessas experiências pedagógicas. Evidencia-se o reconhecimento de Aulas de Campo como prática pedagógica interdisciplinar para a promoção da aprendizagem. Tendo em vista essa premissa, ratifica-se a viabilidade do produto educacional aqui proposto na construção da plataforma eletrônica para todas as fases do desenvolvimento desta.

A presente dissertação está subdividida em capítulos, no primeiro, apresenta-se a Aula de Campo como um procedimento metodológico, sendo vista como uma necessidade inquestionável para a vivência e diversidade de atividades oferecidas aos estudantes.

No capítulo dois, terá espaço reflexões acerca da acessibilidade e a Aula de Campo nos documentos oficiais dos Governos Federal e Estadual.

O capítulo três aborda os resultados da pesquisa realizada com professores que já desenvolveram Aulas de Campo em diferentes espaços e vivências. Essa seção contribuirá para definir a importância e os cuidados necessários para a qualidade desse instrumento metodológico e a construção do produto exigido para a conclusão dessa etapa de estudo.

O quarto capítulo destina-se ao produto educacional, ou seja, a Plataforma Geoguita, aqui definida como uma ferramenta fundamental para contribuir com a Aula de Campo, e que se propõe a oferecer meios para o desenvolvimento de aprendizagens com segurança, a fim de possibilitar a maximização de aprendizagens e garantir a vivência de relações construtivas.

Por fim, há as considerações finais, apresentação dos Anexos e o Apêndice - Catálogo de Aulas de Campo, como sugestões para o desenvolvimento de Aulas de Campo no Estado de Mato Grosso.

2 A AULA DE CAMPO: ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p. 28).

2.1 A AULA DE CAMPO: CONTEXTO TEMÁTICO

Vivenciam-se momentos de complexidade quanto ao desenvolvimento de aprendizagens, sendo necessária a busca da diversificação de metodologias utilizadas no cotidiano escolar. Entre outras, as metodologias ativas destacam-se por dinamizar as técnicas pedagógicas que proporcionam ao estudante o protagonismo da construção do conhecimento, Marques contribui nessa reflexão, quanto ao ambiente necessário para o desenvolvimento de aprendizagens de forma mais sensível e construtivo:

O aprendizado ativo cria um ambiente de classe mais aberto e imprevisível do que em uma aula baseada em palestras, onde o conteúdo e o ritmo são estritamente controlados. [...] Aprender fazendo motiva os alunos e permite que eles desenvolvam estratégias orientadas para a solução de problemas, implicando em uma abordagem de ensino e aprendizagem baseada na obtenção de conhecimentos e habilidades focada no processo educacional de modo mais dinâmico. [...] A combinação da aula teórica com ferramentas de aprendizagem ativa pode ser útil para que os alunos compreendam melhor e esclareçam equívocos sobre o tema estudado, de modo que alguns tópicos não entendidos podem se tornar mais compreensíveis (MARQUES et al., 2021, p. 729).

Diante disso, compreende-se que o conhecimento promovido no âmbito escolar necessita não apenas ser compartilhado, bem como mutuamente construído. Por isso, compreende-se que o conceito de aprendizagem significativa:

[...] é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (MOREIRA, 2012, p. 2).

Neste contexto, reporta-se à visão de Paulo Freire (2001; 2017), de que o educador deve partir do conhecimento prévio do educando e que o educador ao ensinar também aprende e o estudante ao aprender também ensina, ou seja, uma educação emancipadora, em que ocorre uma relação dinâmica de Educador-Educando e Educando-Educador. Ao se considerar a experiência deste autor enquanto educador, para que as aprendizagens possam ocorrer de fato, faz necessário que estudantes tenham maturidade quanto à importância do conhecimento para a sua vida vindoura e/ou que o professor seja capaz de motivar os estudantes na trajetória de construção do conhecimento.

O contexto atual, diante da modernização tecnológica, com o constante surgimento dos novos métodos e instrumentos de aprendizagem, tem cada vez mais desafiado os educadores pela constante atualização e qualificação para que diante de novas tecnologias possam de forma responsável promover o desenvolvimento de aprendizagens (HAGEMEYER, 2004). Para o ensino de modo geral, tal realidade tornar-se-ia facilitadora no que se refere a obter a atenção dos estudantes devido às possibilidades e aos meios que poderão ser empregados durante as aulas. A título de exemplo, mapas conceituais, levantamento de dados referentes ao local de vivência e reflexões ligadas à economia, cultura, sociedade e natureza acabam por aproximar os estudantes daquilo que, de fato, é necessário. Neste viés, há uma gama de plataformas que contribui para a dinamização das aulas e o uso deste novo tempo (PONTES; RODRIGUES, 2022).

O espaço² de vivência dos estudantes torna-se a melhor opção para atrair-lhes para o conteúdo proposto. Não significa dizer que será fácil contextualizar todos os conteúdos, haja vista a complexidade de temas propostos, principalmente nos últimos anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O meio em que o aluno se encontra torna-se o lugar por excelência que poderá contribuir para o seu desenvolvimento:

O meio é uma Geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço que podem ser pontos de partida para uma reflexão (PONTUSCHKA, 2004, p. 260).

² “O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente” (SANTOS, 2008, p. 46).

A escola é sempre um lugar por excelência para as aprendizagens. Neste aspecto, contextualizar os temas a serem trabalhados, além de valorizar os conhecimentos historicamente construídos, contribuem para a emancipação dos estudantes em relação aos projetos que idealizam e transformam-se em seus principais meios de motivação (FREIRE, 2001; 2017).

É preciso considerar que grande parte das escolas do país está geograficamente inserida em contextos de complexidade e assimetrias econômica, sociocultural e ambiental. Portanto, para o desenvolvimento de aprendizagens significativas deve-se rever as ações desenvolvidas no universo das múltiplas realidades escolares.

2.2 AULA DE CAMPO: INCURSÃO TEÓRICA

No ensino de Geografia é fundamental o desenvolvimento de habilidades de competências previstas nos documentos oficiais e requer rigor no trato daquilo que será proposto para as aulas desta disciplina. Pensar Aulas de Campo requer do fazer geográfico em sala de aula, elementos básicos que nortearão o fazer pedagógico.

Os estudantes precisam conhecer minimamente aquilo que será encontrado no meio no qual será desenvolvido a Aula de Campo. Noções básicas ligadas ao espaço, lugar, território, paisagens, meio ambiente e cultura possibilitará mais reflexões e construções que culminarão com mais aprendizagens.

Uma das questões mais intrigantes na educação de modo geral é a definição daquilo que se faz ou, propriamente dito, a conceituação da ação a ser desenvolvida. Sempre há aqueles que perguntam o que é? Como? Onde? Por quê? Para quê? Essa ação não deve ser vista como algo estranho nem há o que se estranhar. No espaço escolar é comum a expressão “a principal ação do professor é ministrar aula”, tal que não há nenhuma novidade até aqui. Ao colocar que a principal ação do professor é ministrar aulas, não há interesse em reduzir a relevância indiscutível da *práxis* do professor. Mas, sim apontar a existência de enorme complexidade nessa ação, por isso salienta-se as várias nuances que surgem e se desenvolvem em sala de aula (MESQUITA, 2021).

Dando continuidade na complexidade do fazer pedagógico, Libâneo (2013, p. 178), afirma que, no processo de ensino, devemos entender a aula como um conjunto de meios e condições realizado que possibilita “[...] o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula”. A partir disso, o autor remete

a uma importante reflexão acerca da ação do professor, visto ser fundamental estar preparado com planejamento que inclua atividades que poderão contribuir para o desenvolvimento da aula. Contudo, pode ser insuficiente para a aprendizagem, se se levar em conta a diversidade de objetivos existentes em sala de aula.

O professor precisa aglutinar à sua prática ações para o desenvolvimento tanto de um ambiente agradável como de relações saudáveis no cotidiano escolar, embora esta última não seja de sua responsabilidade exclusiva. Num ambiente confiável prevalecem ações, que contribuem para o afloramento do sentimento de pertencimento, o qual, somado à existência de diálogo, pode obter resultados mais produtivos (MESQUITA, 2021). É fundamental que o professor consiga diversificar as atividades, pois possibilitará não só melhor participação dos estudantes, bem como a interação com estes. Ao passo que, para a escola, cabe amparar todas as ações pedagógicas desenvolvidas interna e externamente. Não adianta o professor ser conhecedor das metodologias ativas, e não ter suporte para desenvolvê-las. Morán contribui nesse aspecto, refletindo sobre metodologias e sua importância para o desenvolvimento dos objetivos pretendidos, sendo a proatividade destaque nessa ação:

Se queremos [sic] que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos [sic] que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (MORÁN, 2015, p. 17),

Dentre os trabalhos referentes às metodologias ativas a serem utilizadas na contemporaneidade para o bom desenvolvimento das ações pedagógicas, pode-se destacar a Aula de Campo. Neste sentido, os autores Oliveira e Assis, no artigo *Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula*, conceituam Aula de Campo como:

[...] uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 198).

Portanto, a Aula de Campo proporciona uma gama de possibilidades de experiências formativas a ponto de Ntumua, Bata e Carneiro (2021, p. 164) defenderem que possibilita o conhecimento do que existe *a priori* do contacto com ele, “[...] possibilita, outrossim, a construção de habilidades, atitudes e valores, assim como a articulação entre a teoria e a prática no ambiente escolar”. Esses autores contribuem ainda no levantamento de possíveis caminhos para ampliar o saber geográfico e a importância da Aula de Campo:

A Aula de Campo como recurso didático proporciona o desenvolvimento do conhecimento geográfico que dificilmente seria encontrado em aulas teóricas apresentadas em sala de aula, contribuindo assim, para ampliar o conhecimento geográfico e o interesse do aluno por esta disciplina escolar. Portanto, a Aula de Campo é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia e não só, pois expressa significados práticos para as aulas de geografia e dinamiza o ensino, despertando o interesse e a curiosidade pelo entendimento dos demais conteúdos geográficos, favorecendo o processo de educação geográfica (NTUMUA; BATA; CARNEIRO, 2021, p. 164).

Percebe-se claramente a importância da Aula de Campo enquanto prática metodológica na prática docente. Por seu turno, no artigo *Aula de Campo como prática de ensino – aprendizagem: sua importância para o ensino de geografia*, Júnior e Silva (2016) definem o papel da Aula de Campo como integradora na relação entre teoria, prática-vivência e nas aprendizagens. No artigo de Otacílio e Elaine, intitulado “Aula de Campo como um Encaminhamento Metodológico no Processo de Ensino-Aprendizagem: aplicações a partir da Geografia do cotidiano e do custo zero” é destaque o espaço que se encontra no entorno da escola, e sua importância:

[...] acredita-se que a Aula de Campo no entorno do espaço escolar é o momento [em] que os conteúdos aprendidos em sala de aula são reconhecidos na realidade vivenciada pelos estudantes, aproximando-os da teoria, com isso despertando [o] interesse pela Geografia, entendendo que esta importante ciência está presente no seu cotidiano (PAZ; FRICK, 2018, p. 243).

A Aula de Campo contribui para que o conteúdo esteja em movimento, pois possibilita vivências e dá vida aos conceitos e às categorias de disciplinas como Geografia, Cartografia, História e Ciências de modo geral. A partir da Aula de Campo, os estudantes podem se sensibilizar com as ações, que nem sempre são favoráveis à qualidade de vida, visto que a vivência em campo pode apresentar e aprofundar conceitos além dos abordados em sala aula

(PAZ; FRICK, 2018). Nesse contexto, o contato-vivência mostra-se fundamental para as aprendizagens, há situações que ocorrem no campo que não estão no controle de planejamento e planilhas. A Aula de Campo possui sua complexidade própria, segundo Oliveira e Assis:

A aula em campo é um corpo didático que não tem como ser separado da sensação de lazer, ansiedade, angústia e novidades. Entretanto, não deixa de ser aula, requisitando, aos docentes e discentes, preocupação com o objetivo de estar em campo: uma construção e legitimação do pedagógico processo de formação humana dos alunos e dos próprios professores em sua trajetória profissional. A aula em campo não é um simples passeio, um dia de ócio fora da escola, o momento de alívio e brincadeiras, um caminhar para relaxar as mentes “bagunçadas” das crianças e [dos] jovens do mundo moderno. (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 198).

A seriedade apresentada nas reflexões anteriores, as quais são necessárias e precisam ser compreendidas, devido à complexidade da ação pedagógica da Aula de Campo, porém, vale ressaltar que, mesmo com o comprometimento e a seriedade na ação, é preciso haver dinamismo. A Aula de Campo precisa ter também momentos de leveza e descontração, sem ficar atrelada somente ao planejamento e ao questionário fixo. É preciso permitir que o campo também direcione a aula através de seus sons, cheiros, temperaturas e tantas outras sensações que necessitam de tranquilidade (OLIVEIRA; ASSIS, 2009).

Não há interesse aqui de minimizar a importância do planejamento e rigor para com as atividades propostas. Contudo, pode-se afirmar que toda atividade precisa de seriedade e comprometimento com o fazer pedagógico e estar em busca de qualidade. A Aula de Campo permite ir além do proposto para a atividade de sala de aula e, por conseguinte, não é salutar considerá-la apenas como complemento daquilo que tenha sido abordado em sala de aula.

2.3 A AULA DE CAMPO E O ESTUDO DO MEIO

De partida, destaca-se a definição de estudo do meio remetendo à compreensão enquanto método e a necessidade de ser interdisciplinar. No entanto, vale ressaltar o professor enquanto mediador das ações propostas. Pontuschka e Lopes esclarecem que o estudo do meio não se trata de uma prática nova no universo educacional, tanto que:

Faz parte, na verdade, de uma “tradição escolar” que, inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais

perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social (PONTUSCHKA; LOPES, 2009, p. 176).

Ambos os estudiosos, o primeiro espanhol e o segundo francês, contribuíram para consolidação da Escola Nova, na busca por uma escola libertária e cuja valorização do meio fizesse parte da formação integral dos estudantes. Essa concepção contribuiu para influenciar renomados estudiosos no Brasil, dentre eles, Paulo Freire. O interesse do professor pela formação integral dos estudantes leva em consideração o meio no qual se encontram. A contextualização dos conteúdos trabalhados quebra barreiras que, muitas vezes, contribuem para dificultar o desenvolvimento de aprendizagens. A depender do nível de aprendizagem da turma e do domínio do professor sobre a condição de cada estudantes é um desafio iniciar do âmbito global.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a necessidade de garantir a formação integral dos estudantes, sendo possível observar no texto a presença desse conceito que precisa ser desenvolvido nas escolas e não pode ser banalizado, com preocupações apenas ligadas ao tempo. A BNCC, lançada em abril de 2017, define “formação integral” destacando que:

Independentemente [sic] da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir (BNCC, 2017, p. 14).

Promover aprendizagens sintonizadas com as necessidades, talvez seja o maior desafio da educação contemporânea. A diversidade de possibilidades existentes contribui para dificultar ou tornar mais complexa a ação pedagógica. Em face disso, a BNCC complementa a necessidade de trabalhos que colaborem para superar a fragmentação, consolidando a crítica à ação disciplinar. A formação integral demanda um olhar mais próximo do real, do concreto, no qual os estudantes se encontram. Considerar o local poderá com mais frequência dar sentido aos conteúdos que estão sendo desenvolvidos para os estudantes e tornar menos complexas as atividades propostas pelos professores. É preciso reforçar a necessidade da compreensão por parte do professor de que os conteúdos também são flexíveis.

O artigo publicado pela Universidade do Porto intitulado *Saídas de campo no ensino de Geografia: uma metodologia ainda atual?* apresenta Aula de Campo sob o ponto de vista

histórico. Fontinha faz uma reflexão importante relativa às primeiras ações ligadas a prática de campo:

A Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII foi marcante. Desde então, o conhecimento empírico foi valorizado na construção do conhecimento geográfico. Contudo, muitos geógrafos de gabinete eram contemporâneos dos que aliavam a prática de campo. A prática de campo, com designações distintas, como viagens, explorações, expedições científicas, entre outras, foi primeiramente exercida numa perspectiva naturalista (FONTINHA, 2017, p. 81).

As saídas de campo ganharam destaque no século XIX com a formação das Sociedades de Geografia. Na leitura do texto, evidencia-se o interesse do Estado pelas missões geográficas de campo. Nesse contexto, surgiram àqueles que contribuíram para dar caráter científico e construir as bases que consolidaram a Geografia moderna. Como destacado por Fontinha, pois a partir da segunda metade do século XIX:

[...] Alexander von Humboldt marca a diferença pelo seu interesse no trabalho de campo de caráter naturalista. Para o “pai” da Geografia moderna, pensar em conjunto, estabelecer relações, explicar [as] e chegar a leis gerais era imprescindível. Assim, a Geografia recorre a métodos de outras ciências (naturais) e deixa de ser, apenas, a descrição dos lugares. Outros investigadores que se seguiram mantiveram os hábitos de sair em missão geográfica (FONTINHA, 2017, p. 81)

Até aquele momento, tais missões de campo eram essencialmente de caráter naturalista. Portugal não foi o único país que se destacou nas atividades de campo. O próprio autor em questão afirma a contribuição do francês Vidal de La Blache³ na aproximação da vertente natural e humana. Vale ressaltar que:

Em Portugal, estas influências (no Ensino Universitário e no Ensino Secundário) revelaram-se, ainda que um pouco mais tarde do que em França e noutros países da Europa, através de algumas personalidades ligadas à Geografia universitária, como Silva Telles (que ocupou a primeira cátedra de Geografia no Ensino Superior, em Lisboa, no Curso Superior de Letras), Amorim Girão (primeiro Doutor em Geografia) e, especialmente, Orlando Ribeiro, todos considerando a Geografia como uma Ciência integradora e complexa, que obrigava à observação dos fenómenos e, por isso, defendiam as Saídas de Campo com o seu alto valor educativo. Estas facilitavam o

³ “Paul Vidal de La Blache (1845-1918) Vidal escreveu várias obras, e foi, na França, o primeiro mestre da geografia dos professores” (LACOSTE 1988, p. 106). Isto não quer dizer que antes de Vidal de La Blache não houvesse geógrafos na França, mas sim, que é com Vidal que a geografia deste país ganha o *status* de uma ciência importante. Uma vez que “La Blache criou uma doutrina, o possibilismo, e fundou a escola francesa de Geografia. E, mais, trouxe para a França o eixo da discussão geográfica [...]” (MORAES, 2002, p. 37).

entendimento do caráter sintético e relacional dos elementos da Paisagem, desenvolvendo uma postura menos livresca e memorialística [sic] da Geografia escolar (FONTINHA, 2017, p. 82).

Enfatiza-se nessa citação a Geografia como uma “disciplina integradora”, de “observação de fenômenos” e “elementos da paisagem” e, por extensão, a Aula de Campo no ensino de Geografia. Em relação aos conteúdos voltados para a Aula de Campo no contexto escolar, a última metade do século XX foi fundamental, sobretudo devido ao desenvolvimento das ideias construtivistas⁴ implantadas na educação. Contudo, careciam desenvolver abordagens construtivas no que se refere à intervenção e à criticalidade. Fontinha realça a complexidade do ensino e as novas exigências relativas ao ensino e ações necessárias para o fazer pedagógico:

A Revolução de abril de 1974 foi um marco importante na mudança de concepção teórica sobre o ensino, que condicionou a aprendizagem da Geografia, em termos de metodologias e de programas. Respondeu às exigências sociais e políticas de democratização do ensino que passava, também, por torná-lo menos memorialístico e teórico; por valorizar o aluno como indivíduo crítico e interventivo, desenvolvendo nele competências geográficas e cívicas; por promover, muitas vezes no seio de grupos de trabalho, o ensino pela descoberta e a formulação e a resolução de problemas e a construção do saber, denunciando alguma influência da corrente pedagógica do construtivismo (FONTINHA, 2017, p. 83).

Dessa forma, a Aula de Campo considera o perfil de cidadão com o qual é fundamental construir o conhecimento. É preciso garantir a qualificação do cidadão na perspectiva de emancipação, crítica e intervencionista, para que o estudante seja crítico e capaz de intervir no meio no qual se encontra. Por isso, desenvolver práticas didáticas que aproximam a escola do seu entorno e do espaço no qual é objetivado, possibilita análises e reflexões que a sala de aula por mais dinâmica que seja não consegue. A partir dos anos de 1980, a Nova Geografia ou Geografia Radical passou a valorizar as práticas de campo, pois se consolidava a necessidade de se formar um cidadão crítico. Tais ações contribuíram para a valorização não só da Geografia, como também das demais ciências. Assim sendo, a Aula de Campo aproxima aqueles que participam do seu entorno e do espaço em questão (local de estudo).

⁴ Ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento (BECKER, 1993).

As práticas de campo não se destacaram apenas no continente europeu, e, o século XX – mais precisamente entre as décadas 80 e 90, foi marcado pela redemocratização da política e ampliação do acesso na educação brasileira (BARRETTO; MITRULIS, 2001). Nessa ocasião, vários autores se sobressaíram na Geografia brasileira, entre os quais Milton Santos (1981; 2002) e, na educação, a figura memorável de Paulo Freire, como mencionado. Ambos os autores ultrapassaram as fronteiras brasileiras, sendo reconhecidos e premiados na América, Europa e África.

Na educação francesa, Freinet⁵ destacou-se na valorização do campo, no Brasil um de seus contemporâneos e merecedor do prêmio de Patrono da Educação brasileira, Paulo Freire, utilizou-se do entorno do aluno para alfabetizá-lo, propunha que o educador ministrasse as aulas partindo do conhecimento prévio do educando, ou seja, do que lhe fosse real e compreensível. Evidencia, portanto, que o conhecimento prévio do educando seria um ponto de partida e não um porto de estagnação ou justificativa para limitar o horizonte de aprendizagens.

Neste contexto, pode-se considerar que a Aula de Campo tem o potencial para evocar os conhecimentos prévios dos estudantes, criando o vínculo entre teoria e prática, promovendo espaço para a construção de novos saberes e aprendizagens. Dessa forma, fica evidente a relevância da Aula de Campo para a promoção de uma aprendizagem significativa.

2.4 AULA DE CAMPO UMA NECESSIDADE INQUESTIONÁVEL

Não há desafio maior que oferecer educação com qualidade e para a geração atual parece ser ainda mais complexo. Não houve no tempo e no espaço condições como as atuais e isso tem contribuído para choques culturais, tornando, assim, mais complexa a formação do professor. Assim, é preciso sempre estar atualizado tanto a formação inicial quanto a continuada do docente, visando promover uma educação mais próxima possível da que a realidade vigente exige (SCHMITT; DOMINGUES, 2016).

Não parece ser interessante comparar gerações, sendo assim, não é possível ser saudosista ou revanchista. É um novo tempo para as gerações anteriores, sendo necessário compreender que as crianças e os jovens têm memórias deste tempo. Precisamos ultrapassar etapas, onde o pensamento sempre remeteu ao passado como referência, o que ocorreu antes é importante para aprimorar o hoje e planejar o futuro.

⁵ Convicto de que educar é um ato político e engajado nas questões políticas, econômicas e sociais, Freinet alicerçou sua pedagogia no caráter libertário da área de educação e para enfatizá-lo, elaborou instrumentos de trabalho (BUSCARIOLO; ANJOS, 2022).

As ciências de modo geral têm responsabilidade enquanto disciplinas presentes em sala de aula de garantir a interação teoria e prática, proporcionando maior compreensão em relação aos conceitos e às categorias, inclusive na Geografia, por ser primordial a formação do geógrafo com qualidade, seja na licenciatura ou no bacharelado, para desenvolver Aulas de Campo com qualidade, desde o planejamento até a execução e avaliação.

Enquanto a licenciatura contribui com a formação sobre metodologias de ensino, torna acessível leituras relacionadas à Psicologia da Educação e prepara o professor didaticamente para estar na sala de aula e respeitar a especificidade da sua ciência. Essa condição formativa contribui inclusive para a compreensão social dos graduandos, para que saibam adaptar sua prática buscando, assim, melhor acesso aos conteúdos e a materialização das aprendizagens. O bacharelado ensina de forma mais aprofundada acerca das teorias geográficas e os métodos de pesquisa. Portanto, desnecessário dizer serem ambas as formações primordiais para o profissional da educação, pois desenvolve maior capacidade de ações, seja no nível teórico ou prático. É preciso reforçar a necessidade da formação continuada nas especificidades das ciências e na parte profissional devido aos desafios presentes na educação básica e superior.

Sempre foi desafiador para o professor garantir aprendizagens com qualidade, não seria diferente agora. Diante disso, supõe que é preciso levar em consideração que, em sua maioria, práticas pedagógicas precisam ser avaliadas no que se refere a possibilidade de desenvolvimento de aprendizagens. No livro *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*, Cavalcanti (2019) destaca o movimento constante de renovação e, ao mesmo tempo, as práticas inertes e resistentes. Percebem-se práticas no cotidiano escolar que não contribuem para o aprendizado. Neste sentido, a autora assinala críticas às práticas docentes que permanecem:

Professores explicadores: práticas orientadas pelo princípio da preleção, da explicação do conteúdo pelos professores. Livro didático como fonte única e determinante do trabalho com os conteúdos, e como fonte de formação docentes. O mapa como ilustração e como instrumento de memorização: há ainda dificuldades em [sic] se trabalhar as produções cartográficas – mapas, plantas, desenhos, gráficos – associados aos conteúdos. A memória como habilidade predominante a ser explorada e avaliada no processo de aprendizagem dos alunos. A estruturação de conteúdos em torno de definições, sem contextualizá-las e relativizá-las, ensinadas como conhecimentos inquestionáveis. O improviso como planejamento das aulas, seguindo, em muitos casos, apenas o que ordena o livro didático, em termos de conteúdos e atividades. O cumprimento do programa a qualquer custo, no tempo disponível das aulas, ao longo do ano, sem preocupação com evidências de aprendizagens dos alunos. A relação formal entre professores e alunos, cada um cumprindo papel institucional, seguindo o que se pede em seus atos, comportamentos, sem envolvimento real no processo complexo de

desenvolvimento de conhecimento e de socialização em grupos e contextos determinados (CAVALCANTI, 2019, p. 47).

Dessa forma, Cavalcanti (2019) praticamente relata as vivências cotidianas do ambiente escolar. Convém ressaltar que há uma diversidade de condutas e procedimentos escolares, e, embora não sejam regras, ainda são comuns. A metodologia ativa não se trata de unanimidade quanto à inovação, porém destoa de práticas improdutivas como aulas expositivas que não leve em consideração o contexto escolar, se tornando uma ação meramente informativa, sem reflexão entre professor e estudantes / teoria e prática. A Aula de Campo demonstra desde a sua histórica utilização uma metodologia de aprendizagem indispensável para uma postura pedagógica emancipatória.

Deve-se reconhecer a complexidade atual sem abdicar da qualidade do que se ensinamos, sendo necessário levar em consideração todas as dimensões do ser humano. No livro *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, Moran reflete sobre o ensino de qualidade e faz referência as nuances envolvidas:

Organização inovadora, aberta, dinâmica. Projeto pedagógico participativo. Docentes bem preparados intelectualmente, emocionalmente, comunicativamente e eticamente [sic]. Bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais. Relação efetiva entre professores e alunos que permita conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los. Infraestrutura adequada, atualizada, confortável, tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas. Alunos motivados, preparados no seu intelectual e no emocional, com capacidade de gerenciamento pessoal e grupal (MORAN, 2006, p. 12).

Desse modo, Moran (2006) apresenta de forma sólida as ações necessárias para o desenvolvimento das aprendizagens. Assim, não há dúvida da complexidade do fazer pedagógico e sua importância social. O ambiente escolar necessita de uma sólida cultura de estudo, pois deve estar preparado para receber os estudantes e ao mesmo tempo proporcionar que os mesmos não voltem para casa da mesma forma que chegaram à escola.

Os espaços urbanos e rurais proporcionam diversidade de paisagens, lugares e territórios extremamente complexos, sejam nas relações socioculturais, ambientais ou econômicas. Estar em contato com o objeto de estudo permite desmistificar diferentes espaços, conteúdo escolares e conteúdos presentes no próprio espaço. Sendo assim, a Aula de Campo apresenta possibilidades para o desenvolvimento dos estudantes, pois proporciona o contato direto com o objeto de estudo em questão, tornando concreto o que antes se esboçava no imaginário. Contudo, é preocupante o fato de que muitos estudantes não vivenciarem a

diversidade de espaços representada em unidades temáticas, sejam da Geografia ou das demais ciências presentes no currículo escolar (NEVES, 2010).

A sociedade atual convive com uma diversidade de espaços geográficos e, ao mesmo tempo, devido aos diferentes meios virtuais, em muitos casos, não interagem de forma pedagógica com o seu cotidiano. Isto reflete na necessidade de se desenvolver e utilizar ferramentas que permitam a interação entre o mundo virtual e o contato com o real de forma vivenciada aplicável na Aula de Campo. Há outros fatores que contribuem para fomentar uma Aula de Campo e comprovar sua necessidade, visto que, por exemplo, não precisa necessariamente ser realizada distante da escola, do município, mas contemplar a temática em desenvolvimento (NEVES, 2010).

Nesse caso, na rotina de uma Aula de Campo, vale realçar a relação entre a vivência e os conteúdos trabalhados em sala de aula, a vivência diminui a distância da teoria e a prática. Como resultado, durante a Aula de Campo, os significados compreendidos são construídos porque os conteúdos se apresentam vivos e em movimento, frutos do diálogo teoria e prática (SILVA; CAMPOS, 2017). As atividades no campo sejam no pátio da escola, numa universidade, na área próxima à escola, ao bairro, à cidade, sejam na área rural contribuem para o despertar de um olhar geográfico, bem como na provocação a novas experiências. Assim, a Aula de Campo pode ser um caminho para instigar a curiosidade dos estudantes tendo como resultado novas aprendizagens (SILVA; CAMPOS, 2017).

Nessa perspectiva, cabe sublinhar que a Aula de Campo está em constante movimento e pode apresentar um conteúdo além daqueles abordados em sala de aula. Para isso, é necessário possibilitar instrumentos para que os estudantes sejam capazes de ampliar essa experiência. Independente do espaço em questão, em uma Aula de Campo é possível ouvir, cheirar, tocar e perceber diferentes sabores. Considerando a diversidade de estudantes existentes nas salas de aula, faz-se necessário sensibilizar para que a vivência ocorra. Ao diversificar as metodologias de ensino, tornar possível compreender as diferentes categorias e conceitos da geografia, promovendo a aprendizagem (NEVES, 2010; SILVA, CAMPOS, 2017).

Por conseguinte, realizar uma Aula de Campo exige uma preparação sólida e comprometida com a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Desse modo, no desenvolvimento de uma Aula de Campo, é primordial a inclusão dos diferentes componentes curriculares. Portanto, no planejamento é necessário definir os conteúdos a serem trabalhados durante a prática, na qual cada componente curricular poderá, com base na BNCC, apresentar

a Unidade Temática e os conteúdos que poderão ser utilizados e trabalhados durante a execução e no período pós-campo.

2.5 AULA DE CAMPO: INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Estamos em 2024 e é possível depararmos com escolas onde as atividades pedagógicas desenvolvidas predominam de forma disciplinar, fragmentadas em componentes curriculares. A princípio, culturalmente essa forma de trabalho fragmentado acaba tornando o fazer pedagógico simplificado, principalmente se levarmos em consideração o tempo e espaço, contudo, passível de críticas (THIESEN, 2008). Ao considerar tal realidade, as orientações são para o desenvolvimento de aprendizagens a partir de ações interdisciplinares e transdisciplinares. Isto posto, é preciso reconhecer que colocar professores de diferentes componentes curriculares no mesmo espaço e tempo não é garantia de ações interdisciplinar e transdisciplinar. No entanto, a realidade vigente exige uma postura ativa e atualizada do docente, visto que, antes de tudo a escola representa:

[...] o lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinaridade [sic] e complexo (THIESEN, 2008, p. 550).

Diante disso, dificilmente será possível desenvolver bons trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares sem a formação específica de áreas dos conhecimentos. Portanto, advoga-se que a Aula de Campo poderá ser mais produtiva quando interdisciplinar e transdisciplinar, valorizando os diferentes saberes e abordagens. O espaço é humano, social, natural, cultural, econômico dentre outros. Estar numa determinada rua no bairro próximo à escola pode suscitar conhecimentos sobre geografia, história, sociologia, filosofia, entre outras áreas. Corroborando, Pontuschka (2009, p. 173) afirma que adotar uma metodologia de ensino interdisciplinar favorece [...] “desvendar complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta”.

Contudo, deve ser observada a complexidade em tais atividades. As relações entre disciplinas ocorrem em virtude de vários fatores, dentre eles: a garantia de segurança e cumprimento das ações planejadas, melhor atendimento em relação às diferentes abordagens que poderão ser estabelecidas no campo e a ampliação de possibilidades de interação campo e conteúdos programados (THIESEN, 2008). Ressalta-se, portanto, a flexibilidade das atividades para que o campo não se torne frio, inodoro e insípido, embora mantenha a seriedade e o rigor. Como educador, é possível desenvolver ações com rigor quanto ao método e ser flexível quanto ao que o meio oferece, e muitas vezes não constam no planejamento das ações. Assim, deve ser reconhecido que o espaço geográfico onde o aluno se encontra precisa ser vivenciado e compreendido pelo próprio aluno. É preciso garantir que o espaço de vivência do aluno seja parte do currículo da escola, permitindo-lhe se perceber como um construtor do próprio meio (IRIBARRY, 2003).

Dessa forma, compreende-se a relevância e o desafio das atividades interdisciplinar e transdisciplinar no âmbito educacional. Assim, concebe-se neste trabalho o que a interdisciplinaridade busca:

[...] responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento. Trata-se de um movimento que caminha para novas formas de organização do conhecimento ou para um novo sistema de sua produção, difusão e transferência [...] (THIESEN, 2008, p. 545).

Com efeito, a interdisciplinaridade permite a construção do conhecimento de maneira ampla, não esvazia de poder as especialidades, mas possibilita o diálogo entre pontos divergentes e a promoção do conhecimento em pontos convergentes, ou seja, entre diferentes componentes curriculares. Desse modo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como:

[...] qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas objetivando-se a compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes cujo objetivo final seria a elaboração de síntese relativa ao objeto comum; implica alguma reorganização do processo ensino/aprendizagem e supõe trabalho contínuo de cooperação entre os professores envolvidos (GATTÁS; FUREGATO, 2006, p. 325).

Neste sentido, pode-se observar que a diversidade de componentes curricular não constitui em si um problema, mas as implicações podem surgir quando não há diálogo a respeito disso. Assim, Gattás e Furegato (2006) sinalizam que não apenas o diálogo, bem como transpor

limites e potenciais, assim, o próprio conceito de interdisciplinaridade se desdobra o de transdisciplinaridade uma vez que:

A transdisciplinaridade, por seu turno, está preocupada com uma interação entre as disciplinas, onde cada uma delas busca um além de si, um além de toda a disciplina: sua finalidade é a compreensão do mundo presente, de modo que haja uma unidade plural de conhecimentos. Há uma estrutura descontínua de níveis de realidade que determina o espaço descontínuo da transdisciplinaridade, a qual se preocupa com a dinâmica engendrada pela ação de vários e diferentes níveis de realidade ao mesmo tempo (IRIBARRY, 2003, p. 485).

Sendo assim, tanto a disciplinaridade quanto a transdisciplinaridade dialogam com a promoção de um ensino integrador e atual, possibilitando vislumbrar em meio a diversidade acadêmica ante os componentes curriculares a construção de conhecimento teóricos e práticos que não mascaram a dualidade, mas a partir desta constroem um conhecimento legítimo, autêntico. Sob esse aspecto, ao se apropriar-se da Aula de Campo como uma metodologia de ensino, isto pode:

promover a articulação dos conteúdos curriculares, em consonância com o desenvolvimento de investigações científicas interdisciplinares, é uma forma de propiciar ao estudante espaços-tempos que permitam seu reconhecimento como partícipe das transformações das paisagens, ao mesmo tempo em que constrói seu próprio processo de aprendizagem, saindo de uma postura passiva e se convertendo no protagonista dessa construção (SILVA; CAMPOS, 2017, p. 790).

Ao considerar tais possibilidades na Aula de Campo, pode expandir parcerias viabilizando o planejamento e a execução, mas, sobretudo, o compartilhamento de aprendizado. Assim, em tais práticas o envolvimento de professores, estudantes, gestores e familiares contribuem para a consolidação do trabalho coletivo participativo. Neste contexto, é interessante evidenciar que uma Aula de Campo em espaço não formal demanda:

[...] um trabalho em equipe, mobilizando o corpo administrativo, o pedagógico, os docentes e discentes, rompendo com a rotina da escola. Organizar uma Aula de Campo, tomando-a como uma metodologia pedagógica de relevância cultural e social, significa inovar o processo de ensino e de aprendizagem, ultrapassando as dimensões cognitivas e afetivas. Aumenta-se a sociabilidade, a autoestima, melhora-se a capacidade de trabalho em grupo e até o relacionamento entre professores e alunos (SILVA; CAMPOS, 2017, p. 782).

Devem-se salientar as ações de solidariedade, por exemplo, na alimentação, no cuidado com o outro durante o deslocamento e as trocas de leituras relativas à vivência. Nesta senda, Silva e Campos (2017) elucidam que sempre há aqueles que são solidários aos demais e a Aula de Campo possibilita a revelação destes. Sendo assim, no transcurso dessa prática, poderá também despertar para a troca de informações e curiosidade em relação ao que o outro está registrando, seja relativo a áudio, vídeo, foto ou escrita. Dentre outras contribuições, a Aula de Campo ainda permite a aplicação das aprendizagens iniciadas ainda em sala de aula. Para Neves (2010), uma vez no campo os estudantes tendem a compreender melhor os conceitos trabalhados e, ao mesmo tempo, notam elementos não trabalhados em sala de aula.

Contudo, é necessário equilíbrio na realização da Aula de Campo, para não a engessar a tal ponto que se torne impossível para o aluno ampliar a sua aprendizagem. Durante a explanação de um conteúdo, nem sempre é possível revelar a amplitude de elementos contidos nas paisagens, portanto, é preciso lhes permitir essa oportunidade, sendo importante a apresentação daquilo que chamou a atenção e despertou a curiosidade na diversidade presente. Em relação aos conteúdos, no planejamento é fundamental ter de forma objetiva a unidade temática e os conceitos que serão abordados durante a Aula de Campo, buscando estabelecer relação entre os elementos teóricos e a prática. Não é viável realizar uma Aula de Campo sem ter esses elementos de forma clara e objetiva. Portanto, no decorrer de uma Aula de Campo, independente da referência dos professores, será possível perceber diferentes problemas ambientais, gerar questionamento e preocupação crítica em relação à sociedade e a natureza? Outra questão diz respeito à motivação, é possível que após a Aula de Campo os estudantes se sintam incentivados à busca do saber em diferentes disciplinas? Em face disso, a partir da vivência propiciada pela Aula de Campo, o estudante pode despertar diversas capacidades, tais como: cognitiva, liderança, memória, linguagem (vocabulário), organização, criação, raciocínio, percepção, dentre outras. Essas capacidades desenvolvidas tornam impossível o retrocesso da aprendizagem.

Perante o exposto, do ponto de vista pedagógico, a Aula de Campo compreende um deslocamento em direção ao conhecimento, com meios e fins sólidos a fim de viabilizar aos estudantes vivenciarem e perceberem a variedade de conhecimentos existentes no mesmo espaço (NEVES, 2010; SILVA; CAMPOS, 2017). Conduto, deve-se ter o cuidado metodológico de não banalizar a Aula de Campo a um passeio. Uma vez realizada, a Aula de Campo pode deixar marcas. Dessa forma, os professores e auxiliares marcam a memória dos

estudantes que vivenciam o campo, pois, além disso, sons, cheiros, sabores e paisagens farão parte da história das suas vidas.

Logo, impregnada na memória, a Aula de Campo pode aproximar o professor-aluno, a teoria-prática e o vivido-teórico. Pode desenvolver entre os estudantes, sentimentos e valores de solidariedade, respeito e admiração com aqueles envolvidos que, muitas vezes, são eternizados na memória coletiva.

2.6 A AULA DE CAMPO: A ACESSIBILIDADE E O DESAFIO DA INCLUSÃO

O Estatuto da Pessoa com Deficiência é um dos documentos mais importantes produzidos na literatura voltado para garantir direitos, apresentar deveres e reflexão sobre acessibilidade. Foi produzido várias edições sendo fundamental para definição conceitual relativa à temática em questão. Nesta seção é salutar ressaltar a Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, cujo artigo 2º define:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Nos últimos anos, a presença de pessoas com deficiência nas escolas vem ao encontro da consolidação de uma educação diversa e lúcida em face da superação de limitações e preconceitos. Qual é a responsabilidade da escola? Dos profissionais da educação? Como deve os proceder frente a este desafio? Temos sensibilidade para estar produtivos frente a essa nova demanda formativa? Nunes nos defronta e refletiva sobre:

[...] a diversidade presente na educação inclusiva não é um favor aos grupos historicamente excluídos, mas uma luta pela humanização de todos nós. Luta essa que necessariamente passa pela assunção e superação de preconceitos e estereótipos de todos os envolvidos, uma vez que o convívio com a diferença é um esforço coletivo (NUNES et al., 2015, p. 1.107).

Assim, reconhecer a diversidade e a partir desta construir uma educação emancipadora demanda um esforço coletivo. Uma educação desenvolvida na diversidade leva à evolução da humanidade, sem perder os aspectos técnico-profissionais exercidos dentro de uma postura

afetivo-humana. Nunes et al. defendem assertivamente o fato da diversidade ser uma realidade na escola:

Enfim, assim como pensamos que uma rampa é uma melhor forma de locomoção tanto para pessoas com mobilidade reduzida quanto para quem tem uma mobilidade comum, o mesmo raciocínio se entende no convívio com a diferença permitido na escola: conhecendo diferentes modos de ser, facilitamos a nossa própria vida, pois flexibilizamos nosso olhar para o mundo e podemos superar a lógica do preconceito que tanto conhecemos. Porém, esse convívio com a diferença é um esforço coletivo: família, escola, poder público, comunidade, todos precisam dar sua contribuição (NUNES et al., 2015, p. 1.107).

Além da possibilidade de desenvolver conhecimentos e exercitar habilidades, há de se destacar a socialização. A interação em ambientes com diversidade possibilita não só o aprimoramento da formação intelectual, bem como uma melhor vivência social. Por sua vez, o Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) no texto *Acessibilidade* define o termo como:

[...] a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização, em igualdade de oportunidades, com segurança e autonomia, do meio físico, do transporte, da informação e da comunicação, inclusive dos sistemas e tecnologias de informação e comunicação, bem como de outros serviços e instalações. Para as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, a acessibilidade possibilita uma vida independente e com participação plena em todos os seus aspectos; e para todas as pessoas, em diferentes contextos, pode proporcionar maior conforto, facilidade de uso, rapidez, satisfação, segurança e eficiência (BRASIL, 2015).

Ao se considerar as políticas de inclusão no ambiente escolar, é necessário resguardar a participação de todos os estudantes nas atividades de Aula de Campo, destacando-se os direitos, o artigo 4º da Lei nº 13.146 dispõe:

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa (BRASIL, 2015).

Garantir a participação de estudantes com necessidade de acessibilidade, exige ação planejada, sendo necessárias adaptações para que todos estejam na Aula de Campo. Sobre o tema acessibilidade, a Universidade Federal do Ceará discorre:

[...] a concepção de que a pessoa com deficiência é sujeita ativo, cuja vivência e visão de mundo devem assumir um papel primordial para a estruturação de um ambiente físico e socialmente acessível; e que a presença, na sociedade, de pessoas com deficiência, autônomas, é essencial para a criação de uma cultura inclusiva (UFC, s/d).

É preciso garantir que a inclusão se materialize e que todos independente da situação na qual se encontram, em parceria com cuidadores ou pais, possam participar das atividades propostas. Vale ressaltar o respeito à vontade do participante e à decisão tomada em conjunto ressalvadas as limitações médicas e garantia de meios que tornem a atividade produtiva e prazerosa a todos. No planejamento, a escolha do local para Aula de Campo deve levar em consideração o perfil da sala. Nesse caso, na proposta deve conter a indicação da presença de estudantes portadores de alguma necessidade especial para que sejam criadas as condições de participação integral.

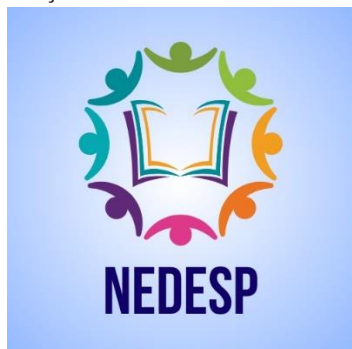
Neste sentido, no Quadro 1, foram organizadas algumas indicações de sítios eletrônicos voltados aos estudantes portadores de necessidades especiais, os quais contêm informações que podem auxiliar para a realização da Aula de Campo. Este material também se encontra na Plataforma Geoguia, no endereço <https://auladecampo.com/categoria/pcds-na-aula-de-campo/> ou leia o QR code:



Quadro 1 – Indicações para professores que trabalham com estudantes portadores de necessidades especiais

Estudante cego ou com perda parcial da visão
No sítio eletrônico do Núcleo de Educação Especial da Universidade Federal da Paraíba (Nedesp – UFPB) poderão ser observados alguns pontos em relação aos estudantes com deficiência visual: compreenda que a pessoa cega não vive num mundo escuro e sombrio. Ela percebe coisas e ambientes e adquire informações através do tato, da audição, do paladar, do olfato, dos sentidos sinestésicos e remanescentes. Indique as distâncias dos objetos e coisas em metros, quando houver necessidade. Ao orientar o estudante com deficiência visual faça do modo mais claro possível. Permita, durante as aulas, o uso do gravador e de demais recursos de tecnologia assistiva que lhe facilitem o aprendizado. Promova atividades colaborativas entre os alunos. Nas aulas práticas utilize a descrição do experimento realizado

e, quando possível, possibilite a exploração tátil-olfativa do material utilizado, desde que não ofereça riscos à segurança. Para os estudantes com perda parcial da visão vale observar os itens citados, porém, deve ser levado em consideração os cuidados com o percurso e é sempre bom ter alguém do lado se necessário. É fundamental que seja garantido para os responsáveis com transparência do percurso e o horário das ações. Lembrando o termo de autorização – é preciso estar no termo todos os elementos esclarecedores da ação desenvolvida.



Estudantes com transtorno do espectro autista

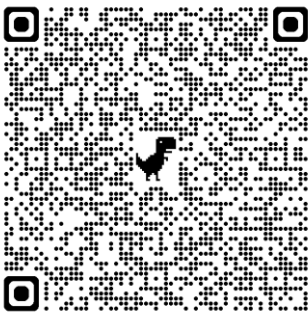
No sítio eletrônico *autismoemdia*, no texto *Autistas na escola: como melhorar o aprendizado* há observações que poderão ser utilizadas na Aula de Campo. Dentre os pontos que se pode destacar: Criar um cronograma visual, remover ou reduzir quaisquer estímulos no ambiente que causem ansiedade, ou ainda reforçar os estímulos positivos. Comunicar com antecedência as mudanças e transições. Comunicar-se claramente. Trabalhar em conjunto com pais e cuidadores. Ainda no mesmo sítio, há ainda 14 dicas para os professores adaptarem as aulas e ampliar os cuidados, como, por exemplo: evitar instruções verbais longas. Prestar atenção no modo como o aluno autista reage aos sons e à luz. Possuem a recepção monocanal - não pedir para ouvirem e verem o interlocutor ao mesmo tempo. Algumas pessoas com transtorno do espectro autista não são verbais. Não use cores luminosas, como alguns tons de amarelo. Cuidado com as generalizações. Quanto à comunicação, a forma clara é sempre bom. Essa abordagem deve ser realizada com todos, independente do perfil dos estudantes. No que se refere ao ambiente das atividades de Aula de Campo recomenda-se com antecedência um levantamento em relação ao ruído, uma vez confirmado, é fundamental que seja garantido ao aluno com transtorno do espectro autista fones de ouvido.

autismoemdia



Estudantes com deficiência auditiva

No sítio eletrônico *Crônica da Surdez*, há dicas para professores com estudantes surdos em sala de aula. Dentre as dicas, destacam-se: evitar conversas paralelas, ventiladores barulhentos; não arrastar cadeiras e mesas no chão. Falar naturalmente, sem movimentos exagerados dos lábios, dirigir-se à criança pelo nome. Repetir a pergunta, verificar se foi compreendido. Ao repetir a pergunta é preciso cuidado para não constranger. Ao falar, observar para que esteja de frente. É preciso sempre confirmar se todos compreenderam as orientações durante aulas em sala de aula e durante a Aula de Campo chamando a atenção por estar fora do ambiente escolar.

 
Estudantes com deficiência física Quando há estudantes em uma determinada sala de aula que irá participar de uma determinada Aula de Campo, é fundamental que os organizadores deem a mesma atenção no que se refere a participação do estudante. A Aula de Campo é inclusão e precisa ser inclusiva sempre. Estudantes com deficiência física simples ou múltipla, requer cuidados quanto a mobilidade. É preciso verificar o meio de transporte quanto ao acesso; é preciso dar atenção ao percurso que será realizado; é fundamental analisar com antecedência os banheiros; é preciso garantir que cuidadores ou responsáveis, caso queiram ir à ação planejada possam ir; a equipe de sustentação e os demais estudantes são e devem ser parceiros para garantir que a inclusão seja realizada com mais segurança e conforto, caso ocorra algum imprevisto, que as ações planejadas anteriormente, contribuam para a continuidade da realização da Aula de Campo sem que seja necessário o constrangimento ou até impedimento da ação em questão.

Fonte: autoria própria, 2024.

Em virtude disso, organizar uma Aula de Campo consiste num exercício complexo, visto as características físicas, psíquicas e socioculturais dos estudantes, por conseguinte, é preciso pensar a inclusão não apenas no que se refere ao acesso e à socialização, mas no aprendizado e respeitando suas limitações para que gozem plenamente dos seus direitos. Assim, em proposta de Aula de Campo é fundamental garantir o direito de participação de qualquer estudante, com autorização dos pais/cuidadores ou médico, vale a pena unir esforços para que todos possam estar presentes.

A participação de estudante com deficiência exigirá o comprometimento dos responsáveis professores, cuidadores e pais. Nesse caso, numa Aula de Campo precisa ofertar e garantir espaço para os responsáveis queiram estar presentes. Portanto, é preciso sensibilidade de quem organiza a Aula de Campo. Ao escolher o local e o tema a ser trabalhado na Aula de Campo, é possível adaptá-lo à realidade dos estudantes presentes, tornando a prática ainda mais cativante. Por isso, é válido integrar no planejamento a equipe, os pais ou responsáveis dos estudantes com deficiência.

2.7 A AULA DE CAMPO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO

Ao adotar a Base Nacional Curricular Comum (BNCC)⁶ como referência basilar dos documentos oficiais, notou-se que embora não conste o termo Aula de Campo⁷, a expressão é Trabalho de Campo, que aparece destacado no Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais, por:

[...] valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros). Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, o desenvolvimento de análises e de argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico. É nessa fase que os alunos começam a desenvolver procedimentos de investigação em Ciências Humanas, como a pesquisa sobre diferentes fontes documentais, a observação e o registro – de paisagens, fatos, acontecimentos e depoimentos – e o estabelecimento de comparações (BNCC, 2017, p. 355).

Diante disso, são vários documentos oficiais que defendem a Aula de Campo como procedimento metodológico para as aprendizagens, tendo como objetivo a formação plena do estudante. Ainda no referido documento, outra expressão não mencionada diz respeito às metodologias ativas. Contudo, ressalta sobre a necessidade de contextualizar e promover a interdisciplinaridade, adotar estratégias didático-pedagógicas diversificadas, bem como práticas e procedimentos para motivar e engajar e protagonismo. Neste diapasão, a pesquisa e a criatividade são a base para o desenvolvimento dessa metodologia.

O documento de referência curricular para o Estado de Mato Grosso *Concepções para a Educação Básica* (MATO GROSSO, 2018) não faz menção à expressão Aula de Campo tampouco trabalho de campo, saídas de campo, visita técnica. Enquanto, as metodologias ativas⁸ se destacam no espaço da sala de aula, visando a mediação do conhecimento sob a perspectiva pedagógica.

[...] é preciso frisar que as metodologias ativas têm fundamentos no princípio da autonomia e na “personalização do ensino”. Nessa configuração metodológica, o aluno não seria um receptor inerte de informações e sim um

⁶ No dia 6 de abril de 2017, a proposta da BNCC foi entregue pelo Ministério da Educação ao Conselho Nacional de Educação (CNE). De acordo com a Lei 9.131/95, coube ao CNE, como órgão normativo do sistema nacional de educação, fazer a apreciação da proposta da BNCC para a produção de um parecer e de um projeto de resolução que, ao ser homologado pelo Ministro da Educação, se transformou em norma nacional (MEC, s/d).

⁷ Neste documento, BNCC (2017), a expressão Trabalho de Campo aparece uma vez na página 355, enquanto a palavra campo exibe 586 vezes ocorrências. Não aparecem as expressões, contudo, saídas de campo, visita técnica e estudo do meio.

⁸ As metodologias ativas são mencionadas dezesseis vezes (MATO GROSSO, 2018).

participante ativo, com a explanação de pensamentos críticos e reflexivos (MATO GROSSO, 2018, p. 37).

Assim, dado o destaque as metodologias ativas⁹ e reconhecendo a Aula de Campo no grupo dessa estratégia de ensino que pode se caracterizar pela:

[...] inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem. [...] orientada pelos princípios de iniciativa, originalidade e cooperação com vistas a liberar suas potencialidades. Assim, a educação não é a preparação para a vida, ela acompanha a própria vida, o desenvolvimento do ser humano, sua autonomia e aprendizagem por meio da experiência e da reflexão sobre a experiência que impulsiona estabelecer relações, tomar consciência, construir conhecimento e reconstruir a experiência. (BACICH; MORAN, 2018, p. 17).

Desse modo, as metodologias ativas também são fundadas nas ideias freireanas de uma educação problematizadora, dialógica, participativa e conscientizadora (BACICH; MORAN, 2018). Ao pesquisar o documento de referência curricular para Mato Grosso: *Ensino Fundamental – Anos Finais* notou-se a falta das expressões: Aula de Campo, saída de campo, estudo do meio, trabalho de campo e visita técnica. Ressalta-se, contudo, estudo de campo, que aparece nas habilidades de linguagens, no campo de produção de texto, a habilidade em relevo é a EF69LP35¹⁰. O termo estudo de campo também aparece uma vez na BNCC, sendo destacada na mesma habilidade:

Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver informações e conhecimentos em circulação num formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados (BNCC, 2017, p. 153).

⁹ Essa concepção surgiu muito antes do advento das TDIC, com o movimento chamado Escola Nova, cujos pensadores, como William James, John Dewey e Édouard Claparède, defendiam uma metodologia de ensino centrada na aprendizagem pela experiência e no desenvolvimento da autonomia do aprendiz. A Escola Nova de John Dewey, pautada pelo aprender fazendo (*learning by doing*) em experiências com potencial educacional, faz-se presente em tempos de metodologias ativas integradas com as TDIC. Dewey propôs uma educação entendida como processo de reconstrução e reorganização da experiência pelo aprendiz (DEWEY, 1959 apud BACICH; MORAN, 2018).

O destaque dado aos conceitos anteriores na BNCC e DRC, estão representados no uso do termo metodologias ativas. O documento oficial *Protocolo da Aula de Campo*, publicado pelo governo do Estado de Mato Grosso, por meio da Seduc e da SAGR, classifica Aula de Campo como:

[...] as atividades desenvolvidas em ambientes considerados não escolares, que contribuem potencialmente na aprendizagem escolar, podendo ser realizada em espaços não formais, fora dos muros da escola, onde os impactos ambientais, a diversidade dos seres vivos, a história do Brasil, história local, entre outros assuntos relevantes para a formação cidadã, saem dos livros didáticos e ganham cor, forma e dimensão, pois além da aprendizagem dos conteúdos na prática, a saída a campo possibilita a formação de indivíduos mais críticos e conscientes (MATO GROSSO, 2022).

A partir disso, o documento traz as orientações para os profissionais da área da educação atuantes na Aula de Campo, especialmente, quanto aos cuidados para evitar danos à integridade física dos servidores e dos estudantes.

2.8 A AULA DE CAMPO: PROTOCOLOS OFICIAIS - SEDUC/MT

Em 2021, durante uma Aula de Campo ocorreu um acidente com um estudante de uma Escola Estadual de Cuiabá que veio a óbito afogado, num local conhecido como Prainha na Chapada dos Guimarães (LIVRE, 2021). O fato repercutiu a ponto do governo do Estado de Mato Grosso, a Seduc e a SAGR, em agosto de 2022, publicarem um documento com normas e trâmites oficiais a serem adotados nas autorizações de Aula de Campo. O documento, denominado de *Protocolo da Aula de Campo*¹¹, passou a ser obrigatório na rede de ensino do Estado de Mato Grosso cuja finalidade visa:

[...] estabelecer diretrizes para realização da aula de campo, visando orientar os profissionais da [área de] educação quanto à realização de eventos externos ao ambiente escolar, apresentando o processo de instrumentalização, as medidas de segurança para realização da aula e anexos para preenchimento dos professores responsáveis e dos responsáveis legais dos estudantes (MATO GROSSO, 2022, p. 1).

Desse modo, há a necessidade de alguns procedimentos para que a Aula de Campo seja aprovada e, posteriormente, realizada. Ao considerar os pontos relevantes do Protocolo do

¹¹ Protocolo do Aula de Campo -

<https://drive.google.com/file/d/1osE8nKKIzmfBfr3Eudh1LjHJPrFDuwyV/view?usp=sharing>

governo do estado, destacam-se os cuidados quanto à segurança dos envolvidos na ação. Observam-se, ainda, as orientações gerais em relação ao planejamento:

[...] seguir as instruções contidas neste protocolo, sempre vinculado a uma disciplina ou conjunto de disciplinas. O evento fora do ambiente escolar deverá obrigatoriamente estar contemplado no planejamento anual da disciplina. **Poderão participar da Aula de Campo, equipe gestora, professores e estudantes matriculados na unidade escolar.** [...] O Projeto Político Pedagógico (PPP) deve contemplar a Aula de Campo e, caso não contemple, deverão ser feitas as devidas adequações e aprovação (MATO GROSSO, 2022, p. 5, grifos nossos).

O Protocolo apresenta pontos que poderá exigir esforço da comunidade escolar, por ser responsável pelo Projeto Político Pedagógico (PPP). Cabe enfatizar ainda que na construção de projeto de Aula de Campo, os responsáveis precisam delimitar a metodologia que norteará o planejamento e resumir em formulário disponível no documento. As exceções serão analisadas pelo Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) e pela equipe gestora da Unidade Escolar. No documento, além do professor do componente curricular, verifica-se que poderão participar na Aula de Campo: pais, responsável, cuidadores, e pessoas necessárias à garantia de segurança e qualidade das ações planejadas, desde que autorizados pelo CDCE.

Com relação aos trâmites de prazos e aos preenchimentos dos formulários (Anexos A, B e C), entre as atribuições do professor do componente curricular são indicados:

- Elaborar o projeto/planejamento da Aula de Campo contendo uma descrição detalhada dos objetivos e metas a serem alcançadas, delimitar a metodologia e encaminhar à equipe pedagógica para análise e aprovação, preferencialmente até 180 (cento e oitenta) dias antes de finalizar o ano letivo atual – (Anexo A).
- Informar à Coordenação Pedagógica da Unidade Escolar se o plano de aula será desenvolvido de forma interdisciplinar com colaboração de outros professores.
- Cumprir fielmente o que foi planejado, sem improvisos. Exceto por motivos de força maior e/ou surgimento de fatos inesperados durante a aula.
- Marcar reunião com os pais ou responsáveis, com 30 a 20 dias de antecedência da data prevista para a aula planejada, a fim de apresentar o projeto e colher autorização dos mesmos, reunião essa que deverá ser lavrada em Ata, conforme segue:
 - a) Caso a Aula de Campo ocorra dentro do município da Unidade Escolar, distribuir os formulários de autorização para Aula de Campo – Anexo B, e recolher preenchido e assinado pelo responsável legal do estudante na presença de um servidor da unidade escolar, que deverá carimbar e assinar o documento autenticando-o (utilizar o carimbo de confere com o original) ao lado da assinatura do mesmo.

- b) Caso a Aula de Campo ocorra fora do município da Unidade Escolar, distribuir os formulários de autorização para Aula de Campo – Anexo B, e **recolher preenchido e assinado com reconhecimento de firma em cartório** pelo responsável legal do estudante, em atendimento à Resolução nº 295/2019 – CNJ.
- c) Em hipótese alguma o estudante poderá deixar o ambiente escolar sem autorização expressa do responsável legal do estudante, conforme alíneas a e b.
- Encaminhar ao Coordenador Pedagógico da Unidade Escolar a relação dos estudantes que irão à Aula de Campo, com no mínimo 20 dias de antecedência – Anexo C.
 - **Não permitir, em nenhuma hipótese, a presença de pessoas não autorizadas pelo CDCE e equipe pedagógica da Unidade Escolar, na aula campo.**
 - Informar, previamente aos estudantes, as atividades que serão desenvolvidas na Aula de Campo, com os respectivos objetivos, local, vestimentas e materiais adequados.
 - Informar aos responsáveis e estudantes que é expressamente proibido utilização de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas e portar quaisquer tipos de armas.
 - Durante a realização das atividades, o professor deverá realizar a contagem dos estudantes mediante a chamada, ao iniciar, ao final de cada ação ou a cada 60 minutos, e ao finalizar a Aula de Campo.
 - Em locais onde existam circulação ou aglomerados de pessoas, os professores e monitores devem ficar atentos para que os estudantes não se dispersem (MATO GROSSO, 2022, grifos nossos).

Entre os itens em destaque, caso a Aula de Campo seja realizada fora do município onde a escola está localizada, no preenchimento do formulário deverá constar as autorizações com as assinaturas dos pais ou responsáveis via cartório com o reconhecimento de firma. Nesse caso, para as comunidades escolares que se encontram próximo aos cartórios e com tempo livre poderão ser beneficiadas. Por outro lado, tendo em vista as condições em que a comunidade escolar seja composta por famílias sem tempo livre em dias úteis para ter acesso aos cartórios, tais dificuldades poderão acarretar a exclusão de alunos.

Outra característica interessante em relação aos proponentes da Aula de Campo se trata do papel dos coordenadores pedagógicos escolares, cuja função é aprovar ou reprovar o projeto. Neste caso, os trâmites incluem os seguintes passos:

- Analisar detalhadamente o projeto da Aula de Campo e verificar se não existem inconsistências entre o objeto de estudo e a prática.
- Analisar se a programação da Aula de Campo está de acordo com as normas contidas no Projeto Político Pedagógico e neste protocolo, e assim, aprovar ou reprovar a proposta.
- **Reprovar o projeto que apresente a realização de banhos em rios, açudes, barragens, cachoeiras, piscinas, entre outros, que possam**

apresentar riscos e/ou que não contribuam no processo de ensino aprendizagem constante no objetivo da Aula de Campo.

- Reprovar a Aula de Campo caso seja realizada em locais com encostas íngremes, penhasco, floresta ou similar e não seja confirmada a presença do Corpo de Bombeiros.
- Reprovar a Aula de Campo caso não seja confirmada a presença da Polícia Militar ou Guarda Municipal para acompanhar o trajeto e o desenvolvimento das atividades.
- Reprovar o projeto da Aula de Campo, caso o professor responsável e os monitores não apresentem certificado de conclusão do Curso de Noções de Primeiros Socorros disponibilizado para toda a rede Estadual de Ensino, por meio do COS – Cursos de Capacitação *Online* – Seduc/MT ou similares.
- Orientar que, para a realização de atividades de ensino e aprendizagem de natureza prática, cuja realização requeira trabalho efetivamente pedagógico fora dos limites da unidade escolar, somente será realizada com a presença de dois monitores/professores para cada grupo de, no máximo, 10 estudantes.
- Caso aprovado de acordo com os itens acima, encaminhar o projeto para análise do(a) Diretor(a) da Unidade Escolar e Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar.
- Apresentar as atividades que serão desenvolvidas na Aula de Campo, com os respectivos objetivos, local, roteiro, vestimentas e materiais adequados aos pais ou responsáveis pelos estudantes, essa reunião deverá ser lavrada em ata, junto com o professor responsável.
- Encaminhar ao(à) diretor(a) escolar a relação dos estudantes que irão à Aula de Campo, com no mínimo 10 (dez) dias de antecedência (Anexo C); (MATO GROSSO, 2022, p. 7, grifos nossos).

Dessa forma, ao atender todos os critérios ora apresentados, o projeto é considerado aprovado pelo Coordenador Pedagógico e segue para a próxima instância: o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE). Esta etapa é simples, pois já foi aprovada por parte da equipe gestora escolar diretamente ligada, sendo ainda responsável pelos estudantes e pela relação com os professores. Cabe aos representantes do CDCE analisar se o projeto da Aula de Campo está em consonância com o PPP da Unidade Escolar, previamente aprovado, acompanhar e avaliar se atende a esse Protocolo.

A etapa seguinte cabe ao diretor da escola para que as próximas ações ocorram conforme o previsto no planejamento, deve, inclusive, reavaliar algumas ações já aprovadas pelo Coordenador Pedagógico. Conforme o *Protocolo da Aula de Campo*, é responsabilidade do principal do gestor escolar:

- Analisar detalhadamente o projeto da Aula de Campo e verificar se não existem inconsistências entre o objeto de estudo e a prática.

- Submeter o projeto à Diretoria Regional de Educação/DRE que encaminhará para a Coordenadoria de Gestão Pedagógica/Coped para análise e emissão de parecer favorável ou desfavorável.
- **Não autorizar a realização da Aula de Campo em caso de parecer desfavorável da Diretoria Regional de Educação.**
- Encaminhar ofício solicitando o acompanhamento do Corpo de Bombeiros se a programação do projeto constar aula em locais com encostas íngremes, penhasco, floresta ou similar e outros locais que possam apresentar risco, com identificação do local e do trajeto a ser percorrido.
- **Encaminhar ofício solicitando o acompanhamento da Polícia Militar ou Guarda Municipal para acompanhar o trajeto e o desenvolvimento das atividades,** com identificação do local e do trajeto a ser percorrido (para qualquer atividade fora do ambiente escolar).
- **Planejar no Projeto Político Pedagógico as ações financiáveis e não financiáveis necessárias à realização da Aula de Campo, tais como: transporte, alimentação entre outras ações.**
- Providenciar *kit* de primeiros socorros para a Aula de Campo.
- Após devolutiva do projeto aprovado e homologado pela DRE, o(a) Diretor(a) escolar encaminhará o projeto para a coordenação pedagógica e professor responsável para agendamento da reunião com os pais e responsáveis para apresentação do projeto.
- Preenchido o formulário – Anexo III, o(a) Diretor(a) escolar encaminhará à DRE para conhecimento (MATO GROSSO, 2022, grifos nossos).

Neste sentido, um dos pontos que merece destaque faz referência as ações financiáveis e não financiáveis. Essa parte é fundamental, pois precisa estar presente no PPP da escola e, por isso, a indicação é elaborar e organizar as Aulas de Campo no início do ano letivo. Além de facilitar o planejamento de todas as ações devido à dilatação do tempo e a organização das ações financiáveis por parte da Gestão Escolar. Outro fato a ser lembrado, quanto às ações não financiáveis reside no fato de que é importante envolver a comunidade escolar ou apenas os pais e responsáveis. Assim também o acompanhamento das forças de segurança (Guarda Municipal e Polícia Militar).

A penúltima etapa recai na Diretoria Regional de Educação, após ter passado pelo Coordenador Pedagógico, pelo CDCE e pelo diretor escolar, enfim, o projeto chega ao Órgão Central da Educação que se encontra regionalizado. No Mato Grosso são 15 Diretorias Regionais de Educação, sendo uma extensão do Órgão Central – Seduc (MT) localizada na Capital do Estado em Cuiabá. Na Diretoria Regional de Ensino será dada ênfase as seguintes questões:

- O Coordenador da Coordenadoria Pedagógica – Coped irá aprovar ou reprovar o Projeto da Aula de Campo. Após, o diretor da Diretoria Regional de Educação – DRE deverá homologar a decisão da Coped (Anexo I - Formulário de Planejamento da Aula de Campo).
- Após homologado o Projeto da Aula de Campo, devolver Anexo I - Formulário de Planejamento da Aula de Campo à Unidade Escolar, devidamente assinado.

- Caso esteja em desacordo com o PPP e/ou ao Protocolo da Aula de Campo, indicar as irregularidades constantes e notificar o(a) Diretor(a) Escolar e Coordenador Pedagógico para sanar os apontamentos necessários.
- **Caso haja reprovação ao projeto pela DRE, a Aula de Campo não será realizada** (MATO GROSSO, 2022, grifos nossos).

Esta etapa compreende a formalização final da comprovação dos trâmites anteriores. Assim, considerando o rigor com as normas previstas no Protocolo, no Quadro 2 constam os passos a serem adotados pelo proponente, o docente, na organização da Aula de Campo.

Quadro 2 - Passos e trâmites do Protocolo Aula de Campo – Seduc/SAGR (MT)

Atividade	Prazo
Passo 1: Apresentação do professor da proposta da Aula de Campo ao coordenador pedagógico.	Até 180 dias antes de finalizar o ano letivo atual.
Passo 2: Aprovação pela equipe pedagógica e CDCE do projeto da Aula de Campo.	
Passo 3: Adequação do PPP inserindo o projeto da Aula de Campo para o ano seguinte.	
Passo 4: Apresentação na semana pedagógica do projeto da Aula de Campo.	Início do ano letivo.
Passo 5: Inserir no GPO as ações financiáveis e não financiáveis da Aula de Campo.	
Passo 6: Envio do projeto da Aula de Campo para aprovação ou reprovação da DRE/Coped.	60 dias antes do evento.
Passo 7: Análise do projeto da Aula de Campo pela Coped.	10 dias para análise e resposta.
Passo 8: Homologação feita pelo diretor da DRE.	
Passo 9: Receber a resposta da DRE.	50 dias antes do evento.
Passo 10: Encaminhar ofício solicitando o acompanhamento do Corpo de Bombeiros se aula for realizada em locais com encostas íngremes, penhasco, floresta ou similar, com identificação do local e do trajeto a ser percorrido.	30 dias antes do evento.
Passo 11: Encaminhar ofício solicitando o acompanhamento da Polícia Militar ou Guarda Municipal para trabalhar em conjunto nas atividades que demandam segurança, com identificação do local e do trajeto a ser percorrido.	30 dias antes do evento.
Passo 12: Reunião para o professor e a Coordenação pedagógica apresentarem o projeto aos pais ou responsáveis, preenchimento e recolha do <i>Anexo B - Formulário de autorização da Aula de Campo</i> .	30 a 20 dias antes do evento.
Passo 13: Preencher e Encaminhar o <i>Anexo B - Formulário para a Identificação dos Estudantes</i> para execução da Aula de Campo a DRE.	15 dias antes do evento.

Fonte: MATO GROSSO/SEDUC/SAGR (2022).

Atualmente, diante das regras estabelecidas nesse Protocolo, há críticas quanto as proibições de práticas que eram comuns durante as Aulas de Campo, o que tem gerado desconforto entre professores, estudantes e, principalmente, gestores escolares que recebem a primeira negativa.

Em face disso, muitos docentes consideram o Protocolo como mais um procedimento burocrático para a aprovação do projeto e a execução de Aula de Campo. De fato, trata-se de

um processo lento que exigirá perseverança do docente responsável e da equipe. Portanto, é crucial que os docentes tenham conhecimento sobre as exigências previstas. Nesse viés, optou-se por inserir o conteúdo desse documento oficial, o *Protocolo da Aula de Campo*, no capítulo seguinte e nos resultados do produto pedagógico da plataforma eletrônica - *Geoguia*, apresentado nesta dissertação.

No próximo capítulo será desenvolvido e apresentação a reflexão relativa à pesquisa realizada com professores que desenvolveram Aulas de Campo e através de suas vivências, contribuíram para a construção da Plataforma Geoguia.

3 EXERCÍCIO DA AULA DE CAMPO: INCURSÕES METODOLÓGICAS, RELATOS E VIVÊNCIAS

3.1 O TRILHAR METODOLÓGICO

O caminho metodológico foi pensado visando alcançar os objetivos propostos, e, considerando os aspectos teóricos e empíricos desta pesquisa, adotou-se procedimentos qualitativos e quantitativos. Considerando tal perspectiva, compreende-se como pesquisa qualitativa:

[...] aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise (MARTINS, 2004, p. 289).

Ao passo que a coleta de dados foi feita por meio de dois questionários (um para aqueles que moram em MT e outro para aqueles que moram em outro estado – Goiás) com perguntas abertas e fechadas. Para Gil (1999, p. 128), o questionário compreende uma técnica de investigação “[...] composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas [...]”. Neste sentido, optou-se pela elaboração de questionários na versão virtual, utilizando a plataforma *Google Forms*. Assim, além do acesso a um serviço gratuito de criação de questionários e formulários, a plataforma registra os dados e os converte em gráficos, permitindo a sistematização dos resultados (OMOTE et al., 2005).

Ao total, foram respondidos dez questionários destinados ao público participante de docentes do componente curricular de Geografia e Gestão Escolar, atuantes nos ensinos Fundamental, Médio e Superior. Entre os participantes, há docentes com vínculos em escolas das redes estadual e municipal, e em universidades, sendo parte deles mestrando no ProfGeo, turma de 2022, sendo o critério de escolha possuir experiências em atividades interdisciplinares de Aula de Campo no ensino de Geografia.

Os participantes incluíram três professores estudantes do ProfGeo – dois residentes em Rondonópolis e uma de Itiquira; uma professora da rede estadual de Rondonópolis e quatro professores da rede estadual de Pontes e Lacerda. Além desses, participaram dois professores da Educação Básica do Estado de Goiás – um professor da Escola Estadual Baltazar Parreira

do Município de São Patrício e um professor da Escola Municipal de Goiânia, da Escola Municipal Bárbara de Souza Moraes.

Os formulários foram encaminhados eletronicamente no mês de junho de 2023, teve como foco os conteúdos: a importância da aula campo, a participação dos demais profissionais da escola, a aprovação para promoção da Aula de Campo, participação, apoio dos pais, dificuldades no planejamento, organização, recursos financeiros, transporte, execução e trâmites legais para a ação prática. Desse modo, a experiência dos participantes no exercício da Aula de Campo e na docência do componente curricular de Geografia mostrou-se crucial para a organização e na configuração da plataforma eletrônica - *GeoGuia*, apresentada como produto pedagógico de ensino de Geografia.

Considerando os aplicativos e sítios eletrônicos existentes relativos à Aula de Campo, o diferencial para a ideia aqui apresentada consiste em criar uma ferramenta com linguagem de fácil acesso contendo um conjunto de informações de multimídia e orientações específicas para a organização, o planejamento e a execução de uma Aula de Campo como um dos procedimentos metodológicos de ensino. Nesse aspecto, a criação dessa plataforma eletrônica tem por originalidade o conteúdo voltado à proposição não só de elaboração do projeto na fase pré-campo, bem como na avaliação das atividades no período de pós-campo.

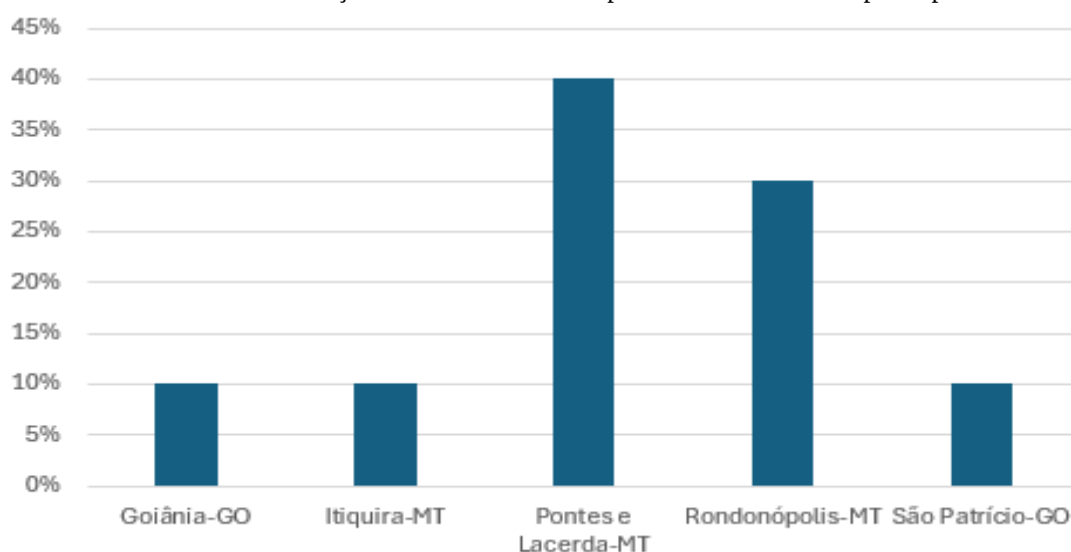
3.2 RESULTADOS: INCURSÃO EMPÍRICA NO EXERCÍCIO DA AULA DE CAMPO

As informações oriundas dos questionários foram organizadas, primeiramente no formato de gráficos utilizando a plataforma *Google Forms*, contendo perguntas fechadas. Para as questões abertas, optou-se por destacar os relatos das vivências no exercício das Aulas de Campo. No gráfico 1, foram organizadas as informações sobre a identificação do local de exercício profissional.



(O primeiro QR code relativo ao questionário dos professores de Mato Grosso / O segundo, para os professores que não estão em MT.)

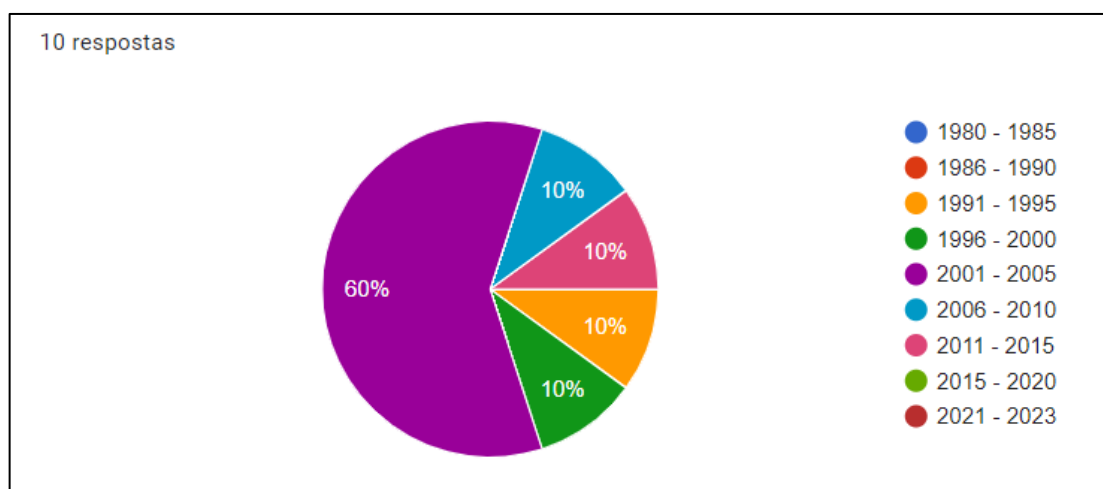
Gráfico 1 - Identificação do local de exercício profissional do docente participante



Fonte: Elaboração própria (2023).

Os dois professores pesquisados que se encontram fora do Estado de Mato Grosso são profissionais que possuem experiência com Aula de Campo, sendo um deles com experiência com Gestão Escolar. Quanto aos vínculos na atuação e exercício da docência, entre os entrevistados: redes estadual, municipal e universitária. Essa informação contribui para assegurar a pluralidade das respostas e a construção do produto educacional. Outro fato importante recai na diversidade garantida. O gráfico 2 ilustra informações sobre o ano de graduação dos entrevistados. Cabe frisar que a maioria dos entrevistados fez a graduação entre os anos de 2001 e 2005, ou seja, há quase duas décadas.

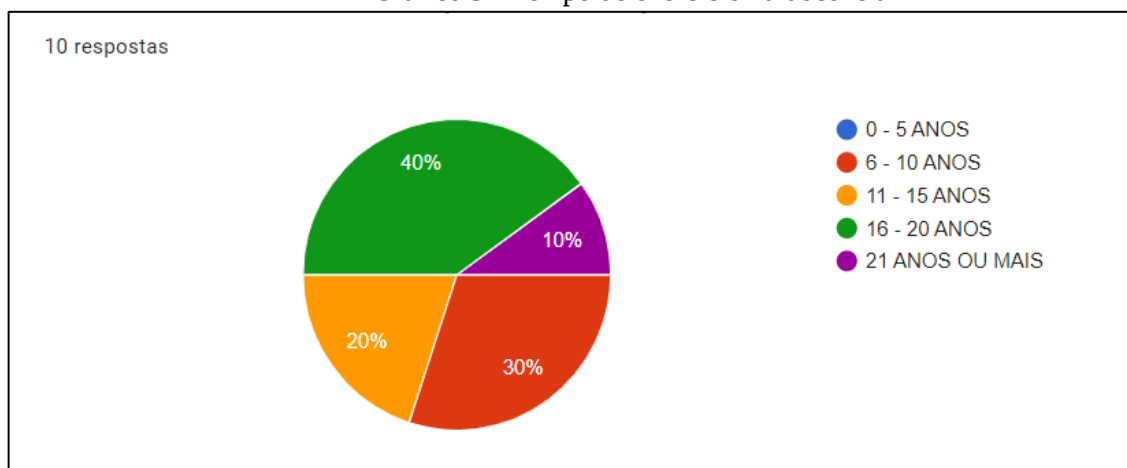
Gráfico 2 - Período da conclusão de graduação em Geografia



Fonte: Elaboração própria (2023).

Ao se observar o gráfico 2, há ainda uma diversificação no que se refere ao período de conclusão de graduação em Geografia. Por sua vez, o gráfico 3 apresenta o tempo de exercício na docência na educação básica. O resultado apresenta uma variação de respostas, mas com o predomínio entre 16 e 20 anos; em segundo lugar, aqueles que possuem entre 6 e 10 anos de experiência na docência. Essa informação auxilia à compreensão das múltiplas vivências dos entrevistados.

Gráfico 3 - Tempo de exercício na docência

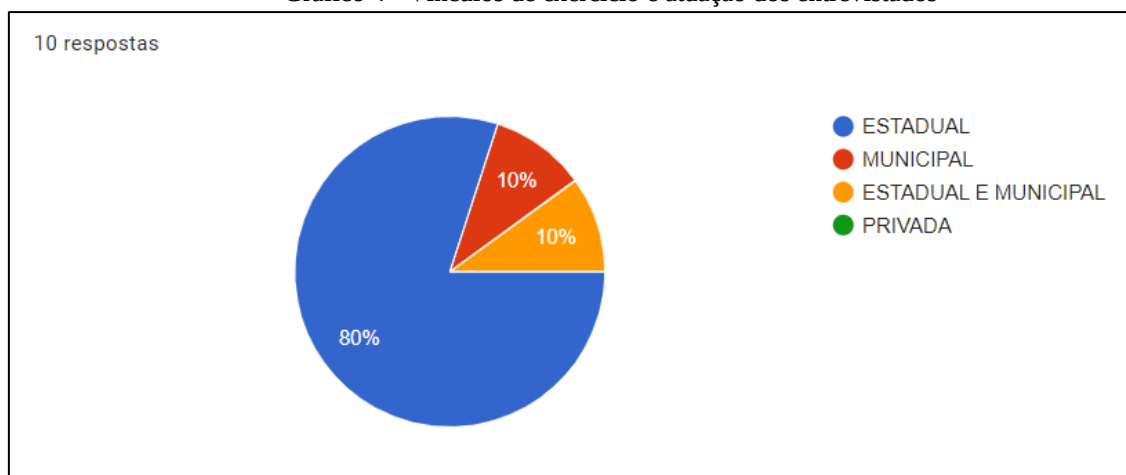


Fonte: Elaboração própria (2023).

A ideia de experiência aqui destacada não está diretamente relacionada ao tempo na docência, mas relativa a diversidade de vivências. Apesar de não ser a ênfase deste trabalho, considera-se que as experiências geram vivências e se desdobram na construção de uma maturidade pessoal, podendo ser em duas dimensões, a dimensão do trabalho e a dimensão psicológica (HERSEY; BLANCHARD, 1986). Assim, a maturidade do trabalho está relacionada à capacidade do fazer, à perícia, à disposição. Portanto, a experiência profissional e capacidade técnica para fazer determinada atividade lhe permite total autonomia. Já a maturidade psicológica se refere à motivação de realizar as tarefas, demonstrando autoconfiança e bom desempenho, sem necessidade de incentivos constantes para realizar as atividades. Em suma, uma pessoa com maturidade tende a realizar as atividades, assumir as responsabilidades pertinentes, sem necessitar de estímulos constantes (HERSEY; BLANCHARD, 1986). Em face disso, não se tem a pretensão de mensurar a maturidade dos participantes da pesquisa, contudo, aspectos referentes à atuação profissional são evidenciados nos relatos dos entrevistados.

O gráfico 4 contém dados sobre os vínculos de exercício e atuação dos entrevistados. Os resultados apontam o predomínio de atuação e vínculo em escolas, na rede estadual de Ensino Médio; entre os que atuam na rede municipal, predomina os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Gráfico 4 - Vínculos de exercício e atuação dos entrevistados

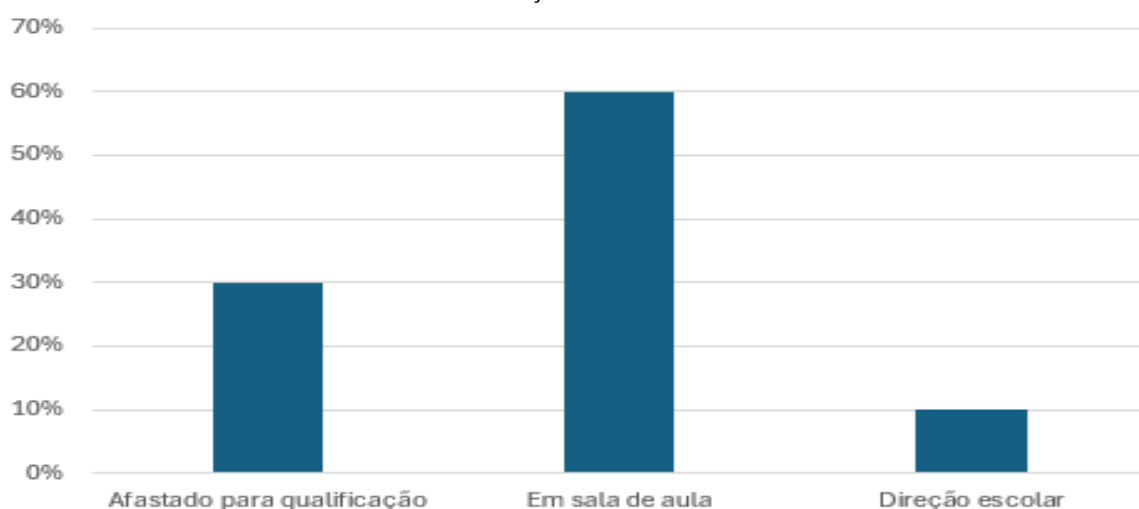


Fonte: Elaboração própria (2023)

Ainda sobre os vínculos de exercício na docência, entre os entrevistados há docentes atuando em escola cívico-militares, destaque para o Município de Pontes e Lacerda, localizado no Mato Grosso, passou pelo redimensionamento no início da segunda década desse século, ficando concentrado o Ensino Médio principalmente na Escola Estadual 14 de Fevereiro, e com as últimas mudanças governamentais, passou a ser chamada de Escola Estadual Militar Tiradentes 1º Tenente PM Carlos Henrique Pashoitto Scheifer, processo que se expandiu no Estado de Mato Grosso. Os demais professores estão distribuídos em escolas estaduais e municipais regulares.

O gráfico 5 engloba informações sobre a atual situação funcional dos entrevistados com predomínio de docentes em exercício em sala de aula, também se destacam os que se encontram afastados para a qualificação em programa de pós-graduação.

Gráfico 5 – Atual situação funcional dos entrevistados

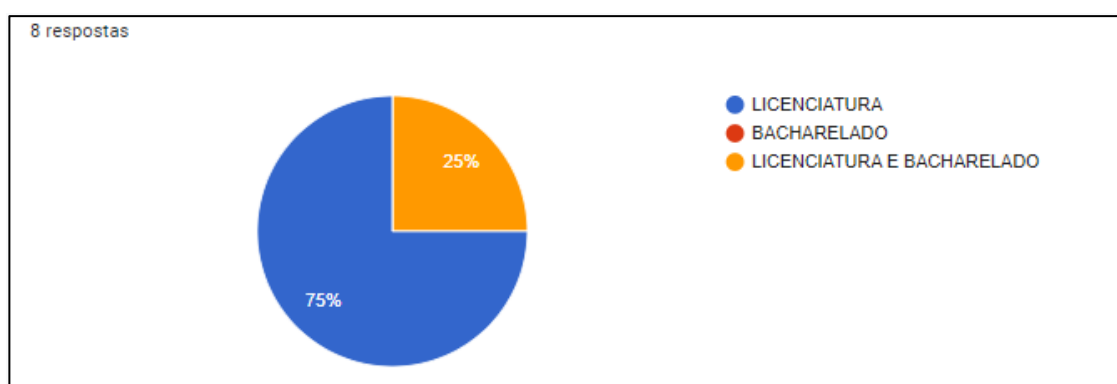


Fonte: Elaboração própria (2023).

No gráfico 5, nota-se uma relevante informação, ao apontar o afastamento docentes para a qualificação profissional em programas de pós-graduação, salienta-se que entre os entrevistados, muitos docentes mesmo sem afastamento de sala de aula buscam qualificação profissional, inclusive os entrevistados com vínculo no ProfGeo. Contudo, usufruir de um afastamento do exercício docente é primordial que obter melhores condições de se dedicar às leituras, às reflexões, a produção científica refletindo, principalmente, na plena qualificação profissional.

O gráfico 6 apresenta informações relacionadas aos cursos de graduação em Geografia em licenciatura, bacharelado ou ambos. Entre os entrevistados predominam os graduados na Licenciatura em Geografia, apenas duas respostas assinalaram graduação em Licenciatura e Bacharelado.

Gráfico 6 - Graduação dos entrevistados

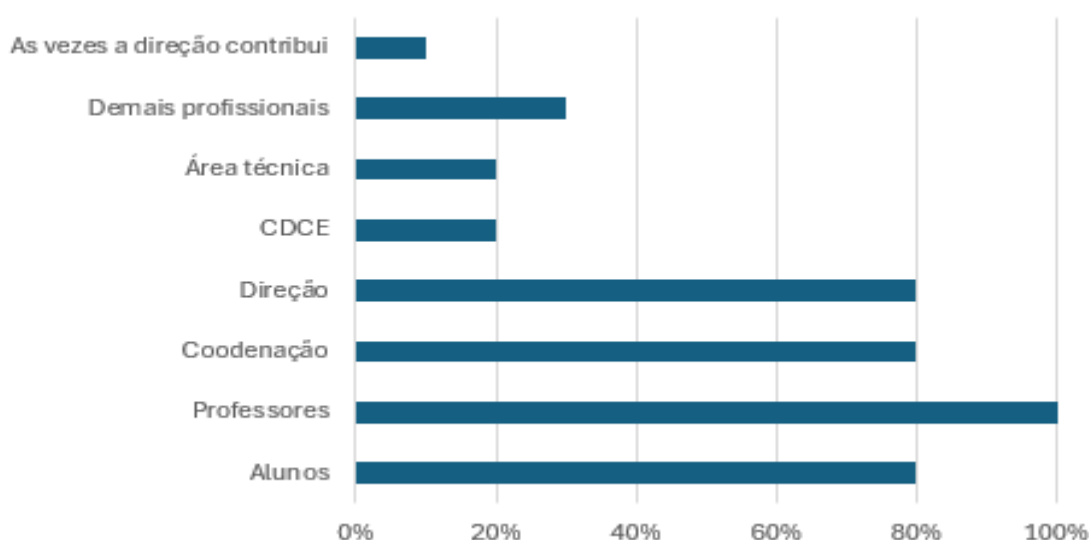


Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados apontaram que todos os entrevistados desenvolvem a Aula de Campo como instrumento para diversificar as metodologias em sala de aula. Sob esse prisma, Inglês

(2018) constata em sua pesquisa que as Aulas de Campo, além de diversificarem as metodologias pedagógicas, promovem o diálogo entre a teoria e a prática, aumentam o interesse dos estudantes pelo componente curricular trabalhado. Tendo em vista a obrigatoriedade institucional de cumprir o Projeto Político Pedagógico (PPP), ao incluí-la no projeto da escola fica evidente a relevância desta execução perante a comunidade e os órgãos que controla a realização dessa prática. O gráfico 8 exibe as respostas sobre o suporte e as contribuições para a realização das Aulas de Campo.

Gráfico 7 - Apoio e suporte dos envolvidos nas Aulas de Campo

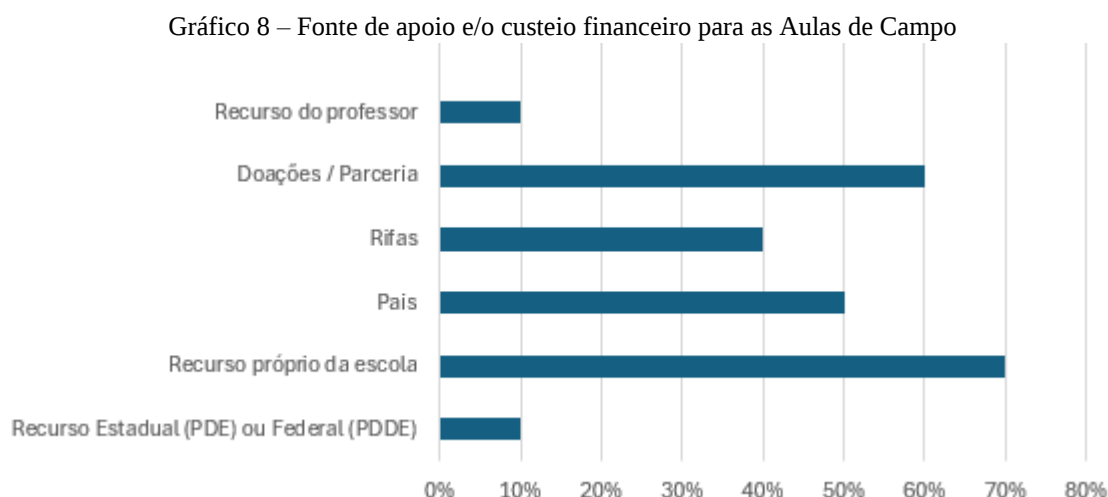


Fonte: Elaboração própria (2023).

O gráfico 7 demonstra que o maior apoio e as contribuições para o desenvolvimento das Aulas de Campo se concentram nos envolvidos, ou seja, os professores e a gestão escolar representada pela coordenação. Outro resultado que chamou a atenção, pois, às vezes, refere-se às contribuições dos estudantes. Além de importante, trata-se de algo a ser incentivado no decorrer da organização e execução da Aula de Campo para torná-la uma prática pedagógica presente no ensino e valorizada pela comunidade escolar. O último item “Às vezes a direção contribui”, é justificado pelo entrevistado (Às vezes a direção contribui. Mas depende da burocracia para a liberação. Muitos gestores não querem correr o risco de assumir um compromisso desses justamente para evitar dor de cabeça). Visto que a parceria professores, estudantes e pais lhes possibilita o protagonismo de ação, sendo está uma das missões da escola atual. Diante disso, a família e a escola podem consolidar uma parceria, no entanto, tendo claro o papel de cada um, mas ambos em prol do desenvolvimento de cidadãos em formação. De

modo geral, o envolvimento dos estudantes dependerá da realidade escolar, como também das condições financeiras das famílias.

O gráfico 8 traz dados das respostas sobre a fonte do suporte e/ou custeio financeiro para a realização das Aulas de Campo.

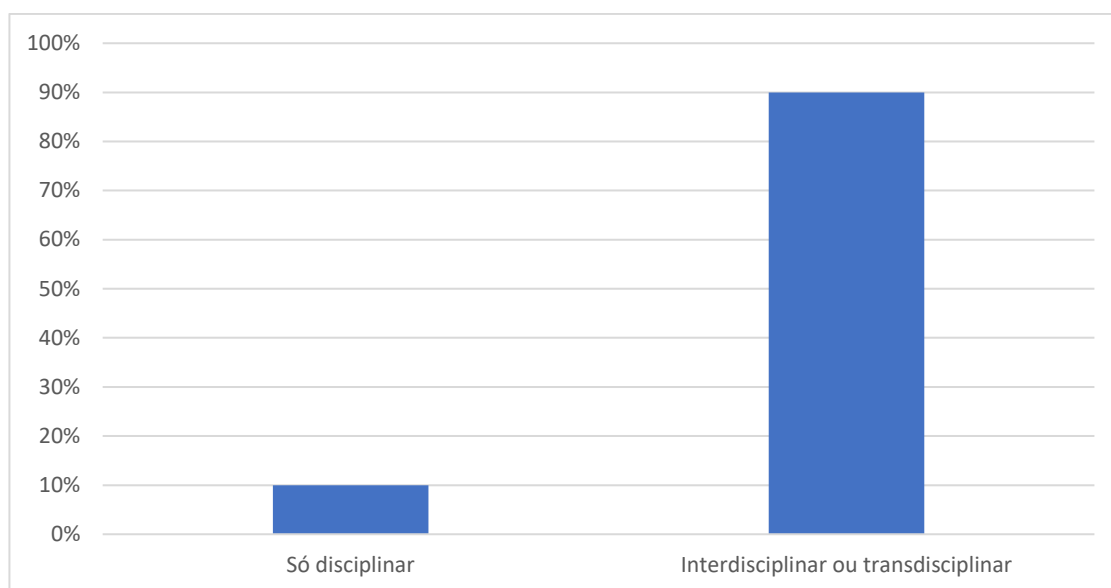


Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados mostram os recursos próprios da escola e das contribuições dos pais. Contudo, chama a atenção o apoio das famílias como participante desse processo em dois pontos: as contribuições dos pais de forma direta e por meio de rifas e doações, comprando ou ajudando vender. Ressalta-se também o apoio financeiro pessoal dos professores, como relatado por um dos entrevistados. No Mato Grosso, conforme o *Protocolo da Aula de Campo*, a Seduc orienta que o Projeto Político Pedagógico incorpore as ações financiáveis e não financiáveis necessárias à realização da Aula de Campo, tais como: transporte, alimentação. Assim, é responsabilidade da gestão escolar planejar recursos visando não sobrecarregar as partes envolvidas neste processo (MATO GROSSO, 2022).

O gráfico 9 incluiu dados sobre o molde das Aulas de Campo, se foram realizadas de forma disciplinar ou interdisciplinar. A maior parte dos entrevistados apontou o formato interdisciplinar ou transdisciplinar. Convém esclarecer que, às vezes, é tão somente disciplinar por não conseguir desenvolver parcerias.

Gráfico 9 - Formato das Aulas de Campo: disciplinar ou interdisciplinar



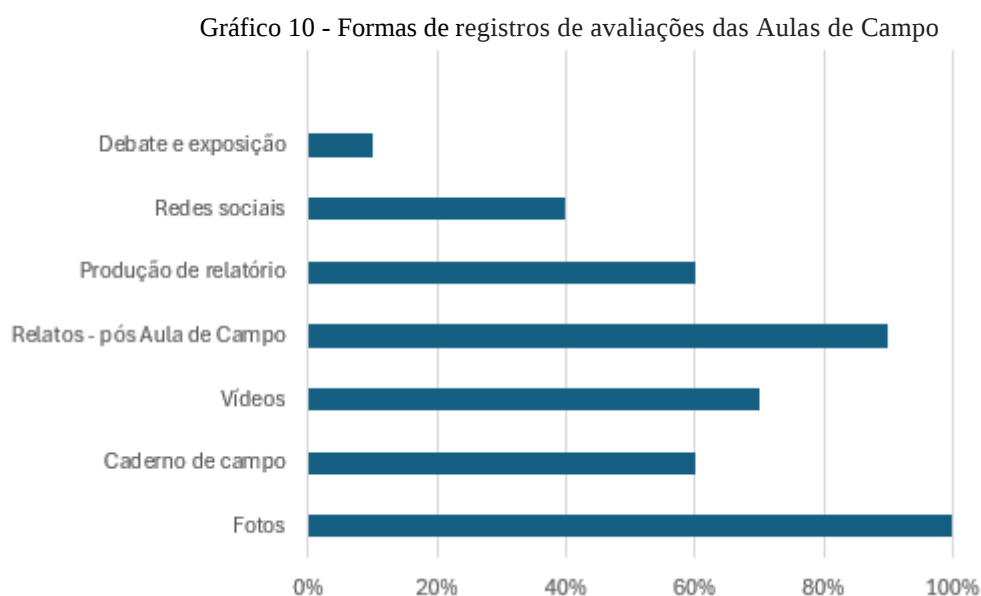
Fonte: Elaboração própria (2023).

Para aprofundar esta informação, foi questionado sobre quais disciplinas que geralmente contribuem e dialogam com as ações de Aula de Campo. As respostas demonstraram a predominância das disciplinas de História, Ciências, Biologia, Filosofia, Português e Artes. Tendo predominado a contribuição de História, Ciências (Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio). Para aqueles que já desenvolveram Aulas de Campo, parece não haver novidades nas respostas dos professores entrevistados. No entanto, cabem algumas reflexões: por que essas disciplinas predominam entre as respostas e o porquê da presença de Artes, Física e Filosofia? Será que a proximidade e os laços de amizade entre os docentes entrevistados, pode influenciar na organização e execução da Aula de Campo?

Ao se debruçar sobre a experiência individual no exercício de docência, pode-se afirmar que as parcerias interdisciplinares têm o maior potencial de acontecer entre professores que compartilham amizade ou tenha proximidade no trabalho e, particularmente, cientes de promover uma aprendizagem que transcenda a fragmentação do conhecimento. Desse modo, a Aula de Campo deve ser idealizada e explorada em seu potencial de prática interdisciplinar e transdisciplinar, abrangendo uma quantidade maior possível de componentes curriculares (THIESEN, 2008).

O gráfico 10 contém informações sobre os registros e as avaliações das atividades durante as Aulas de Campo. As respostas assinalam o uso com maior frequência de fotos, relatos e vídeos. Há destaque também para os relatórios no período do pós-campo, isso foi

observado na maioria das respostas, e o formato exposição indicado na resposta de um entrevistado. Neste aspecto, surpreendeu o fato das redes sociais não se destacarem entre os demais itens apresentados pelos entrevistados.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Considerando o momento atual, foi questionado como os estudantes compartilham da experiência vivenciada com os demais estudantes e turmas da escola, a maioria dos entrevistados respondeu afirmativamente. Além disso, indagou-se: de que forma os estudantes compartilham as experiências vivenciadas no campo. Entre as respostas, surgiram: redes sociais compartilhadas de modo informal, exposição fotográfica e de filmagens, bate-papo e através de relatos feitos entre eles, em sala de aula ou quando é criado um momento para compartilhar com outros alunos da unidade escolar.

Assim, realização do compartilhamento foi tido como o mais importante nas respostas dos entrevistados, cabe ressaltar ainda os cuidados necessários com as redes sociais e a forma de exposição do conteúdo das atividades desenvolvidas. Neste sentido, vale ter cautela para obter as devidas autorizações para as publicações de imagens e vídeos, as quais devem ser incluídas no projeto de Aula de Campo, contanto que haja as assinaturas dos pais e responsáveis. No entanto, não se pode ignorar que as aulas de campo estimulam a comunicação entre os estudantes que participaram, escola, familiares e amigos (CARVALHO, 2004). Dessa forma, os envolvidos e até familiares devem estar atentos para mediar essas comunicações que são diversas, inclusive as publicadas nas redes sociais.

Quanto a segurança, para a realização da Aula de Campo, englobando as ações dos períodos que compreendem o pré-campo, o campo, propriamente dito, e o pós-campo. Em vista disso, inquiriu-se: quais ações você desenvolve para garantir a segurança durante a Aula de Campo? Entre as respostas foram citadas: vestimentas adequadas para usar durante a Aula de Campo; a verificação antecipada de locais, alimentação e hospedagem; e a preparação de *kit* de primeiros socorros, caso seja necessário. Além disso, devem ser apresentados imagens e mapas de localização e a orientação sobre a necessidade de registros durante a Aula de Campo, ter um cronograma das atividades e verificar a idoneidade da empresa de transporte e a qualidade do ônibus alugado.

Assim, vale ressaltar que todos os itens de segurança devem constar no projeto de Aula de Campo, pois se trata de medidas fundamentais para minimizarem os imprevistos, e, assim, prevenir para que as atividades ocorram com segurança. Um planejamento requer atenção com as normas de segurança e a comunicação prévia aos estudantes e familiares destes, bem como a equipe envolvida na Aula de Campo.

3.3 AULAS DE CAMPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Nessa fase da pesquisa, foram incluídos os resultados dos questionários das perguntas abertas, por isso, optou-se por relatos com destaque para as vivências no exercício das Aulas de Campo. As respostas dos entrevistados são apresentadas com excertos entre aspas e, devido à ética, foi preservado o anonimato dos participantes entrevistados. Em virtude disso, nomes fictícios foram usados para a identificação dos relatos,¹² acompanhados das siglas EF (Ensino Fundamental), EM (Ensino Médio) e ES (Ensino Superior), com objetivo de oferecer melhor compreensão sobre o conteúdo produzido com as respostas dos participantes.

Ao questionar sobre o porquê de desenvolver a Aula de Campo, as respostas foram variadas, com destaque para:

Vanilda - EF¹³: “As aulas campos foram desenvolvidas a partir de um projeto que existia na escola, chamado Desafio Geográfico, do qual o autor desse questionário foi o idealizador de tal projeto. Outras aulas-campos desenvolvidas foram para aprimoramento cultural e informativo, como visitas técnicas.”

¹² Tal opção foi, particular, para homenagear professores que contribuíram com a trajetória deste autor na formação no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

¹³ Professora alfabetizadora da Escola Estadual Farnese Rabelo localizada no Distrito de Diolândia, Município de Itapuranga - GO.

Aparecida - EM¹⁴: “Desde o início da minha carreira na Educação Básica, tenho cultivado o hábito de organizar aulas de campo, pois acredito que esse formato oferece aos estudantes a oportunidade de aprofundar e consolidar o conhecimento adquirido em sala de aula.”

Valdeni Valentina - EM¹⁵: “Levar os alunos a refletirem entre o conteúdo e a memória histórica que nos permeia. Instigando-os a questionar as permanências e rupturas históricas.”

Cibele - EM¹⁶: “A Aula de Campo faz parte da metodologia ativa. É importante para envolver o estudante na relação ensino e aprendizagem. Nela, o estudante tem a oportunidade de aprofundar os conhecimentos dos conteúdos que estão sendo estudados em sala de aula. Dessa forma, a Aula de Campo torna a aprendizagem mais significativa. Os conhecimentos adquiridos nessa metodologia ficarão marcados na formação do estudante, justamente por ter uma relação com a prática e a teoria”.

Lázara Caetano - EF¹⁷: “Porque acredito que a aprendizagem por meio da vivência/experiência se torna mais significativa, de forma que os estudantes apreenderem [sic] com mais facilidade o conteúdo abordado em sala”.

Joerme EM¹⁸: “Aprendizagem na prática”.

Ao se analisar as respostas dos docentes, alguns pontos precisam ser sublinhados, como, por exemplo, a ênfase na construção de projetos, tornando mais eficiente a relação com a comunidade escolar. Interessante observar, no relato, o entrevistado afirmar: “acreditar na Aula de Campo como instrumento metodológico”, e acrescenta, “é fundamental compreender a Aula de Campo como oportunidade”. Dessa forma, os docentes participantes reconhecem o potencial metodológico e pedagógico da Aula de Campo para a aprendizagem dos estudantes. Neste sentido, a Aula de Campo aproxima a teoria da prática, propicia ao estudante uma vivência do real, do palpável, do cotidiano (PAZ; FRICK, 2018).

Outro relato reforça a necessidade de questionar as permanências e a rupturas, essa reflexão ressalta a prática de campo, da qual a Aula de Campo representa uma das metodologias ativas. Dessa forma, a dinâmica entre teoria e prática fomentada pela Aula de Campo proporciona uma aprendizagem autônoma ao estudante, oferecendo-lhe a oportunidade de construir uma leitura de mundo não apenas espacial, bem como social, político e cultural (BACICH; MORAN, 2018).

Quanto aos locais onde já se desenvolveram Aulas de Campo, os professores que responderam os questionários mencionaram várias localidades, dentre estas: no Estado de Mato Grosso - Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade/Pontes e Lacerda (Serra Ricardo Franco,

¹⁴ Professor do Magistério da Escola Estadual Deputado José Alves de Assis, localizado no Município de Itapuranga - GO.

¹⁵ Professora (*in memoriam*) de Geografia da Escola Estadual Farnese Rabelo, localizado no Distrito de Diolândia Município de Itapuranga - GO.

¹⁶ Professora alfabetizadora, companheira e amiga, atualmente efetiva no Município de Itapuranga - GO.

¹⁷ Professora alfabetizadora aposentada do Município de Morro Agudo de Goiás - GO.

¹⁸ Professor aposentado – atuou como diretor, coordenador e professor da Escola Estadual Deputado José Alves de Assis durante a Educação Básica e professor durante a Licenciatura de Geografia na UEG localizada em Itapuranga - GO.

Usina Hidrelétrica no Rio Guaporé, Serra do Patrimônio, Mineradora Apoená, Centro Histórico de Vila Bela), Cáceres (Centro Histórico de Cáceres, Fazenda Jacobina, Fazenda Falcão e Dolina Milagrosa), Poxoréu, Dom Aquino (Água Puríssima) e região de fronteira Brasil e Bolívia. No Estado de São Paulo – Ubatuba, São Paulo, Cachoeira Paulista e São José dos Campos. No Estado de Goiás – área urbana de Goiânia (parques e fundos de vales), Itapuranga (cerradinhos), Serra Dourada e Chapada dos Veadeiros.

Dessa forma, há grande diversidade de lugares, paisagens e biomas utilizados para o desenvolvimento de Aula de Campo. Também foi evidenciada certa preferência dos entrevistados para o exercício das Aulas de Campo em paisagens rurais, lugares com registros históricos e áreas com elementos da natureza preservados; parte destas localidades serão utilizada como referência para indicações no “Catálogo de Aula de Campo” que estará presente no produto pedagógico desta dissertação - Plataforma Geogúia e presente no Apêndice.



Catálogo de Aulas de Campo - <https://auladecampo.com/categoria/catalogo-de-aulas-de-campo/>

Diante desta constatação, Seniciato e Cavassan (2004) afirmam que as aulas de campo num ambiente natural florescem sensações e emoções que corroboram para a promoção da aprendizagem, possibilitando que as sensações vividas nas Aulas de Campo em consonância com a realidade concreta evocada, promova uma leitura de mundo lúcida e autônoma. No entanto, há obstáculos para a realização de uma Aula de Campo, ao serem questionados sobre tais dificuldades, os entrevistados relatam:

Vanilda - EF: “A parte burocrática imposta pelos órgãos superiores, lidar [com] a responsabilidade de custos e gastos, imprevistos que alteram a dinâmica planejada.”

Aparecida – EM: “Sempre que organizei aulas de campo, os principais desafios que enfrentei estavam relacionados à logística necessária para a realização das atividades.”

Valdeni Valentina - EM: “Recursos financeiros para locação de ônibus, custeio de alimentação, e atualmente o *Protocolo da Aula de Campo* criado pela Seduc que é extremamente burocrático e longo de ser cumprido.”

Cibele - EM: “O planejamento em si não tem obstáculos. O problema é a falta de apoio da escola. Muitas vezes, o professor tem que fazer tudo sozinho. E a Seduc, devido ao acontecimento trágico ocorrido em Aula de Campo na Chapada dos Guimarães, tornou mais burocrático [sic] a realização desse tipo de aula. Penso que para, supostamente, maior segurança de professores e alunos.”

Lurdes de Brito - EF¹⁹: “Na época que realizei as aulas, vejo que as questões financeiras era[m] algo que poderia impedir a aula de acontecer no primeiro momento, pois nem sempre conseguimos parcerias para o ônibus. E, posteriormente, a autorização dos pais, já que há uma grande preocupação, pois o risco de incidentes ou acidentes existem.”

Entre os relatos das experiências dos docentes merece pontuar a parte burocrática nas atividades de Aula de Campo, que pode estar associada às mudanças de trâmites e as exigências de segurança institucional visto que, até recentemente, para realizá-la bastava pensar um local e um simples planejamento, contando com o apoio financeiro da escola ou pais. Outra indicação em destaque nos relatos refere-se à logística, provavelmente, devido à dificuldade no que se refere a marcação de datas, garantia de transportes e a organização dos roteiros de ações a serem desenvolvidas; o recurso financeiro é outro ponto chave para a realização das Aulas de Campo, pois pode recair na escola, nos pais ou nas parcerias, por conseguinte, muitas Aulas de Campo ficam apenas na idealização. Sobre a participação das famílias no exercício das Aulas de Campo e o modo como ocorre, os relatos dos entrevistados informam:

Vanilda - EF: “Sim. Dando apoio, sendo parceiros antes e durante a aula campo, participando ativamente das reuniões para análise da saída de campo.”

Aparecida – EM: “Nesse aspecto, nunca encontrei dificuldades com as famílias, pois sempre contei com o apoio delas para autorizar a participação de seus filhos nas atividades de campo.”

Maria José - EM²⁰: “Autorizando os estudantes, outros preparam lanche ou se organizam para acompanhar.”

Valdeni Valentina - EM: “Sim, geralmente financiando os custos da alimentação de cada filho.”

Cibele – EM: “As famílias desde o momento que são avisadas auxiliam sim no desenvolvimento da Aula de Campo. A meu ver isso não seria um obstáculo.”

Adilson Gomes - EM²¹: “Sim. Participando do planejamento.”

Lurdes de Brito - EF: “Através de recursos financeiros quando necessário e confiança depositada em nosso trabalho.”

Joerme - EM: “Autorizando o deslocamento do aluno.”

Observados os relatos das vivências, há distintas respostas quanto à participação das famílias no desenvolvimento da Aula de Campo, visto ser compreensível a variação de postura, pois há uma diversidade de relações estabelecidas entre famílias-escola, família-estudos, família-estudantes e professor-famílias, que desembocam ou não no envolvimento efetivo dos familiares dos estudantes. A participação da família revela-se imprescindível em todo o processo de formação do estudante, pois, escola e família compartilham a responsabilidade de

¹⁹ Professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Escola Estadual Deputado José Alves de Assis, Itapuranga - GO.

²⁰ Professora de Geografia no Ensino Fundamental, Médio e na Licenciatura, sendo ainda coordenadora do Curso de Geografia na UEG-Itapuranga - GO.

²¹ Professora Língua Portuguesa e Inglês no Ensino Médio na Escola Estadual Deputado José Alves de Assis, localizado em Itapuranga - GO.

promover a formação cidadã. Quem são os responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento dos jovens? Dessen e Polonia, reflete sobre essa questão tão impar para os dias atuais:

Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Buscou-se ainda saber entre os entrevistados de exemplos acerca da escolha dos lugares e dos conteúdos e/ou temas explorados nas Aulas de Campo:

Vanilda - EF: “Cuiabá/MT - visita em [sic] museus e monumentos antigos pela cidade. Estudando a história local da cidade e do estado.”

Aparecida - EM: “Parque Ricardo Franco (Vila Bela_MT): Avaliando Impactos e Promovendo o Desenvolvimento Sustentável na Unidade de Conservação.”

Maria José - EM: “Jardim Botânico - variedade de flora brasileira”.

Valdeni Valentina - EM: “Centro Histórico de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT - foi abordado [sic] a posição geográfica onde foi construída a cidade, bem como sua importância histórica na garantia da posse da Região Oeste do Brasil Colonial. Centro Histórico de Cáceres-MT - localização geográfica, conjunto arquitetônico variado (colonial, *Art nouveau*, *Art déco*, eclético e neoclássico). Fazenda Jacobina - importância histórica no processo de colonização de Mato Grosso.”

Lázara Caetano - EF: “No ano passado, uma das aulas foi dentro do espaço urbano de Itiquira-MT e sua comparação com as áreas periféricas que engloba sítios e chácaras. Trabalhamos questões como urbanização, crescimento urbano, infraestrutura urbana e instituições públicas e privadas.”

Lurdes de Brito - EF: “A abordagem foi sobre hidrografia, elementos e ciclos, posteriormente dando ênfase na [sic] água subterrânea. E a aula campo foi na fonte da água puríssima no município de Dom Aquino-MT.”

Manuel - ES:²² “Fundo de vale e curso de água: A água como recurso natural, a importância da vegetação no ambiente urbano, as áreas de fundo de vale como reservas ambientais para o equilíbrio ecológico e climático do espaço urbano.”

Joerme - EM: “Cibele-Itapuranga-GO. Intemperismo das rochas e formação dos solos.”

A partir dos depoimentos, verificou-se que no planejamento ou na execução as Aulas de Campo predominam temas ligados ao meio ambiente e locais históricos, apesar de serem atividades preparadas por professores de Geografia, a História impera juntamente com temas ambientais. A fim de mapear sobre a participação dos estudantes nas Aulas de Campo, foi sugerido que se escrevesse em formato livre sobre a participação dos estudantes nas fases de

²² Professor no curso de Licenciatura de Geografia e Orientador da Monografia na UEG-Itapuranga - GO.

planejamento, prática e pós-campo. Ao analisar os relatos dos docentes, foi constatada a participação dos estudantes na maioria das respostas, embora menos na fase do planejamento. É primordial que os estudantes participem do planejamento e da organização das ações, para obterem noções básicas e perceberem a importância das atividades propostas para a Aula de Campo. Além disso, os estudantes na Aula de Campo ao assumirem o protagonismo pelas ações desenvolvem habilidades e competências previstas no projeto da Aula de Campo.

Encerrando o questionário, os relatos reportam os riscos a incidentes ou acidentes e, por extensão, as normas de prevenção de risco e segurança, ao considerar o documento oficial *Protocolo da Aula de Campo*, publicado pelo governo do Mato Grosso, pela Seduc e pela SAGR, conforme mencionado. Portanto, foram questionados aos docentes em exercício nas escolas de Mato Grosso: se conhecem o Protocolo, a maioria confirmou conhecer, sendo apenas duas respostas negativas. Na sequência, para os que conhecem, foi indagado: como você analisa as novas exigências contidas no *Protocolo da Aula de Campo*?

Maria José - EM: “Processo moroso e burocrático, que desencoraja o profissional.”

Valdeni Valentina – EM: “É necessário, contudo, é extremamente burocrático e difícil de ser atendido em sua totalidade.”

Cibele - EM: “É importante ter um protocolo. Mas desde que seja possível seu cumprimento. Este protocolo está muito burocrático. Mas compreendo que é para maior segurança de todos.”

Lázara Caetano - EF: Por um lado, acho válido por causa da segurança, mas sobre a questão do prazo (sessenta dias com antecedência) é muito complexo marcar uma data em tão longo prazo. Outro ponto é a questão dos pais registrar[em] em cartório a autorização, pela questão de tempo e valor. Sobre a presença do Corpo de Bombeiros e Polícia é outro ponto difícil de ter acesso (nem temos Corpo de Bombeiro no nosso município). Como disse anteriormente, é muita burocracia. A meu ver, exigir o curso dos [sic] primeiros socorros e fazer uma reunião registrada em Ata na qual os pais assinem, já seria o suficiente.”

Adilson Gomes - EM: “São razoáveis, mas aumentou a dificuldade de excussão das aulas propostas pela burocracia, pois temos que conciliar por exemplo, as horas dos pais para recolher documentos e assinaturas, mas reconheço que depois de tudo cumprido pelo protocolo da Aula de Campo, toda comunidade escolar está mais resguardada e com eficiência dos objetivos.”

Lurdes de Brito – EF: “Apesar do protocolo exigir planejamento com mais antecedência, é de grande valia, pois sair da sala de aula com um grupo de estudantes, é uma responsabilidade enorme, sendo assim, garantir a segurança não só dos estudantes, mas também da equipe responsável é fundamental para que o sucesso no seu sentido amplo seja alcançado.”

A partir dos relatos, grande parte destes concorda tanto em relação à importância do Protocolo e demonstram preocupação com a segurança como reforça a morosidade e a burocracia da liberação para a realização da Aula de Campo. Ao se indagar a respeito do acesso ao Protocolo da Aula de Campo, as respostas ficaram divididas. De fato, o Protocolo da Aula de Campo não é fácil de ser acessado, portanto, é preciso criar meios para melhorar o acesso. A partir de 2022, cumprir as normas do Protocolo da Aula de Campo passou a ser obrigatório

nas escolas do Mato Grosso, destaca-se sua importância para repensar esse exercício. Contudo, é visto como obstáculo para a prática ao se considerar os trâmites e a exigência previstos no Protocolo, no entanto, muitos docentes não estão acostumados.

Diante disso, oportuno ter uma equipe que garanta segurança e confiança. Pensar sobre tais questões é fundamental, pois há imprevistos e riscos. Executar a Aula de Campo demanda dedicação e responsabilidade dos envolvidos, por isso, deve-se evitar a ocorrência de acidentes. Na plataforma eletrônica são pontuadas algumas dicas de segurança visando precaver incidentes ou acidentes, e no caso de ocorrência, as medidas a serem adotadas. Por fim, foi perguntado: ao iniciar o planejamento de uma Aula de Campo, do que sente falta? Os entrevistados responderam:

Vanilda - EF: “Apoio da escola.”

Aparecida - EM: “No planejamento de aulas de campo, sempre identifiquei a necessidade de maior envolvimento de órgãos colaborativos, como o Corpo de Bombeiros, a Secretaria de Meio Ambiente e universidades, a fim de enriquecer o conhecimento técnico compartilhado.”

Maria José - EM: “Apoio da gestão.”

Valdeni Valentina - EM: “De mais apoio do corpo docente, de recursos para auxiliar os alunos com baixo poder aquisitivo.”

Cibele - EM: “Talvez um envolvimento maior da gestão da escola.”

Lázara Caetano - EF: “Geralmente o que sinto falta é a questão do tempo que estarei fora com a turma e a organização que preciso fazer com demais professores e gestão escolar para não deixar a turma sem professor. Também sinto falta de mais profissionais que possam me acompanhar nas aulas.”

Adilson Gomes - EM: “De ser mais ousado e de mais participação dos outros professores.”

Manuel - ES: “Condições materiais como transporte, e financeira, para servir lanche para as turmas”

Joerme - EM: “Investimento público”.

Nas respostas elencam-se a falta de apoio da gestão escolar, de investimento público e dos demais professores. Desse modo, é perceptível a necessidade de uma articulação prévia que corrobore o planejamento desde a perspectiva pedagógica até recursos diversos, como financeiro, de segurança e logístico. Convém lembrar que o apoio coletivo da equipe pedagógica e gestão da escola e dos pais serve para incentivar e facilitar a realização da Aula de Campo, a qual constitui uma prática didática formidável para a promoção de uma aprendizagem plena, criativa e crítica, fundamental na formação cidadã (CARVALHO, 2004; SENICIATO; CAVASSAN, 2004; SILVA; CAMPOS, 2015).

Neste sentido, legitima a propositura da construção de um produto educacional da plataforma eletrônica – *GeoGuia*, criado para servir como uma ferramenta virtual voltada a colaborar para a promoção de Aulas de Campo, fornecendo subsídios pertinentes à perspectiva metodológica. No próximo capítulo será destinado ao conteúdo que estará presente na Plataforma Geoguia. O Capítulo 04 em diante, terá essa finalidade.

4 PRODUTO EDUCACIONAL: PLATAFORMA GEOGUIA

4.1 AULADECAMPO COM: PRODUTO E FERRAMENTA PEDAGÓGICA

No *Dicionário da Língua Portuguesa* de Evanildo Bechara (2011) consta a definição da palavra guia: “1 ação ou efeito de guiar. 6 livro ou manual de instruções. 7 o que é modelo, orientador.” No *Meu Dicionário.org* há uma definição que chama a atenção “2. Direção”; e, na parte que faz referência ao substantivo masculino, pode ser observado: publicação contendo informações acerca de hotéis, restaurantes, locais a visitar, costumes e outras informações necessárias (...); roteiro. Neste contexto, há a tranquilidade para assumir a necessidade sempre transparente de seguir orientações, modelos ou guias de trabalho.

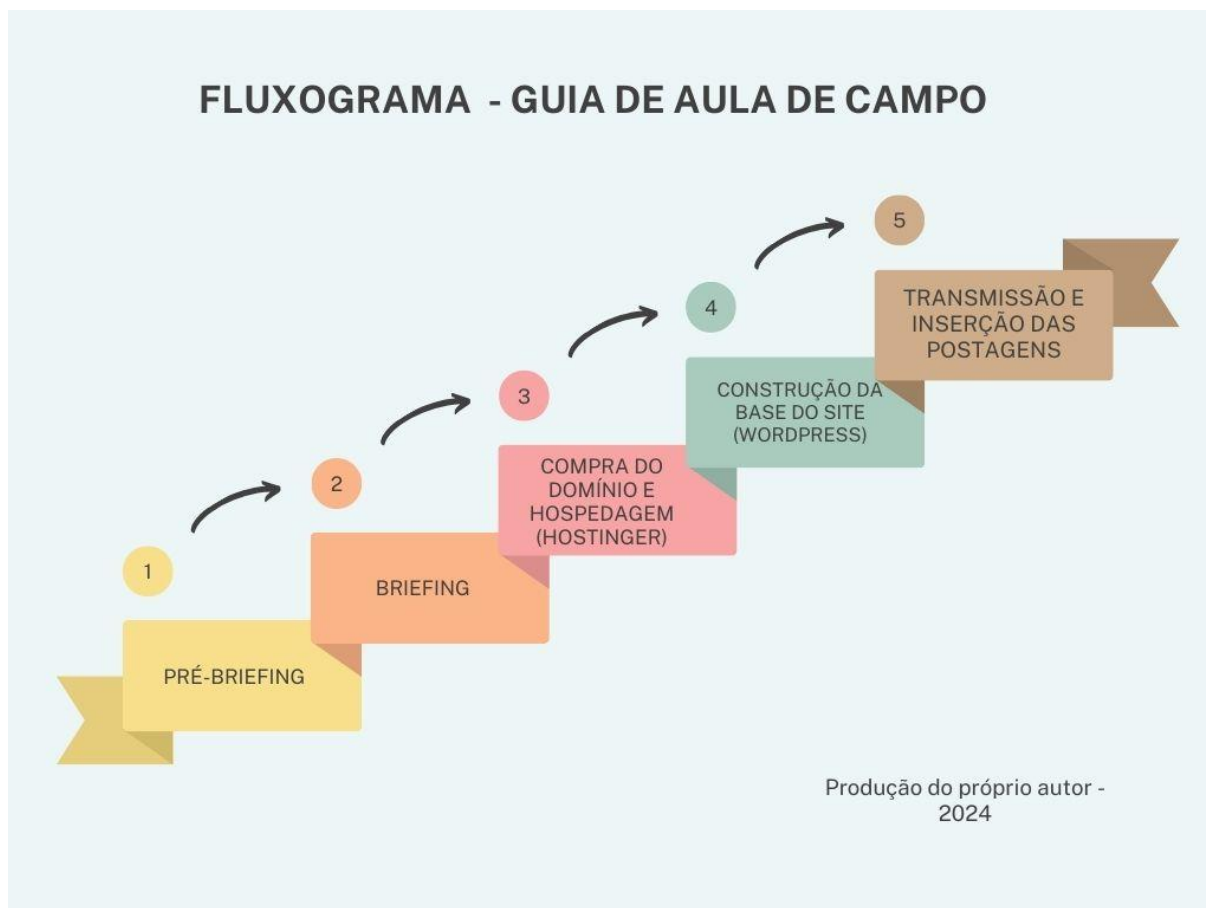
Dentre a polissemia da palavra guia, pode-se destacar as palavras roteiro e direção, cujo sentido refere-se à proposição do produto didático – ora apresentada na plataforma eletrônica – Geoguia. É preciso reforçar ainda que a plataforma eletrônica visa contribuir e dar movimento as ações que permeiam o exercício da Aula de Campo. Desse modo, a criação desta pretende atuar como uma ferramenta facilitadora para o desenvolvimento de Aulas de Campo bem-sucedidas. Em face disso, o referido Guia constitui um produto educacional a “[...] ser utilizado por professores e outros profissionais envolvidos com o ensino em espaços formais e não formais” (LOCATELLI; ROSA, 2015, p. 197). Assim, a plataforma eletrônica tem uma finalidade formal pedagógica aplicada ao ensino de Geografia. Entretanto, ao materializar os produtos educacionais tanto o pesquisador quanto o público que dele se utiliza deve:

[...] compreender que esses produtos não são receitas acabadas o como fazer (ensinar), mas ferramentas que indicam caminhos a serem percorridos, considerando-se as mudanças necessárias conforme o contexto e o público aos quais esses produtos se destinam (FREIRE et al; 2017, p. 380).

Diante do exposto, o “Guia” será uma ferramenta em constante construção. Assim, o produto educacional aqui proposto visa indicar caminhos, propor um aporte pedagógico para as aulas de campo e, na medida de sua aplicabilidade, receber ajustes contínuos. Trata-se, portanto, de um instrumento mediador para o desenvolvimento de aprendizagem, ou seja, uma ferramenta flexível para nortear as atividades que transcendam a prática disciplinar em sala de aula. A plataforma eletrônica tem como público-alvo profissionais que tenham interesse em desenvolver e estudar Aula de Campo. O Geoguia terá na Geografia a ciência norteadora,

contanto que entrelaçada a outras ciências para construir práticas interdisciplinares e transdisciplinares.

Figura 1 – Fluxograma da criação da Plataforma Geoguia



A plataforma – Geoguia” tem como objetivo além de produzir conhecimentos, informar os profissionais da educação formas que contribuirão para a melhoria das ações práticas em ambientes externos à escola. Sua construção foi iniciada a partir do levantamento de informações relativas ao que poderia ser definido como objeto para a conclusão do mestrado e ao mesmo tempo, contribuir de forma eficiente para mudanças culturais ligadas a Aula de Campo.

Desde o início, a ideia central foi construir uma plataforma para promover interações e contribuir para melhorias da prática de campo. Com pouco conhecimento ligado a produção de plataforma, foi iniciado a pesquisa via youtube.com para adentrar este mundo que inicialmente se mostrou fácil, porém eram apenas promoções.

No primeiro momento foi comprado a hospedagem e o domínio <https://auladecampo.com> no portal da <https://www.hostinger.com.br/>, por mais de oito meses foram realizadas tentativas “infrutíferas”, mas que geraram amadurecimento para reconhecer

que precisava de uma base, menos complexa para o desenvolvimento de postagens, em que pudesse de forma autônoma alimentar o site.

Depois de várias ligações e conversas via whatsapp, foi realizado via Meet – Google um diálogo com o Diego Galvão administrador da Smart Criações (<https://smartcriacao.com/>), que está sediada no Espírito Santo. Depois de aproximadamente quarenta minutos de exposição do projeto foi iniciada a construção da base no <https://wordpress.com> e que posteriormente pudesse ser realizada a hospedagem na Hostinger. Com a base construída no wordpress e uma ótima aula para manutenção e inserção das postagens, com entrega inclusive do tutorial, foi iniciada as inserções das postagens.

A figura 1 apresenta o logo do Guia da Aula de Campo – Geoguia: entrando em contato com o conhecimento. A escolha do ipê-amarelo representa a infância e a admiração pela beleza que expressa anualmente para aqueles que vivem, em especial, no Cerrado.

Figura 2 - Logo da plataforma eletrônica – Geoguia



Fonte: autoria própria (2024). Disponível em: <https://auladecampo.com/>

A figura 3 exibe a tela de abertura da plataforma eletrônica “Guia de Aula de Campo – Geoguia”: entrando em contato com o conhecimento.

Figura 3 - Tela de abertura do Geoguia



Fonte: autoria própria (2024). Disponível em: <https://auladecampo.com>

Na sequência, optou-se por apresentar os conteúdos do Geoguia, que foram incluídos em abas específicas para cada tema, dialogando, assim, com sua aplicação na Aula de Campo.

4.2 TRILHAS PARA A SEGURANÇA – ÊNFASE NA PRÁTICA

Para qualquer atividade desenvolvida em uma unidade escolar é necessário haver um planejamento, ou seja, uma tarefa docente que inclui:

[...] tanto a previsão das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado a [sic] avaliação (LIBÂNEO, 2013, p. 245).

A partir desse pressuposto, o planejamento da Aula de Campo corresponde a etapa mais importante do processo, por conseguinte, é preciso rigor, pois irradiará luz sobre todas as ações que possibilitarão a aprendizagem, bem como a segurança dos participantes da Aula de Campo. De fato, ter um planejamento sólido e objetivo revela-se fundamental para que as etapas sejam executadas de acordo com o combinado coletivamente e as instâncias envolvidas. Ressalta-se que uma Aula de Campo bem executada repercutirá na possibilidade de outras serem efetuadas.

O planejamento deve ser executável e transparente, ao passo que as ações precisam prever as possibilidades de risco e indicar medidas de segurança, como, por exemplo, observado no Protocolo da Aula de Campo (MATO GROSSO, 2022). Este traz um formulário (Anexo A), como modelo de planejamento exigido pela Secretaria de Estado de Educação para que a Aula de Campo seja autorizada. As etapas exigidas para a aprovação constam no Capítulo 3 desta dissertação e na aba do Guia: *Documentos oficiais para Aula de Campo* (presente na aba – Protocolo de segurança).

No quadro 3, com base nesse documento oficial, foi organizada uma síntese das exigências presentes no formulário de planejamento para obter a autorização de Aula de Campo no Estado de Mato Grosso.

Quadro 3 – Etapas exigidas no planejamento de Aula de Campo no Mato Grosso

Planejamento	Ações
Primeira etapa	A ficha de autorização para a saída da escola deve ser preenchida na secretaria escolar e assinada pelos responsáveis presencialmente, não sendo autorizada a assinatura em casa. Vale ressaltar que, para sair do município, a ficha deve ser preenchida e ter firma reconhecida. Dentre os itens que se destacam na ficha estão: unidade escolar, as disciplinas que participarão das ações de campo, professores responsáveis, a turma e os horários de saída e chegada; local onde será realizada a aula e a quantidade de estudantes.
Segunda etapa	Na ficha de autorização devem estar presentes os elementos básicos da ação a ser desenvolvida, ou seja, o planejamento da aula. Deve constar a justificativa, os objetivos de acordo com a BNCC, a metodologia de avaliação, a identificação do local e do trajeto realizado; e, por fim, a identificação de situações de risco para que medidas de prevenção sejam adotadas durante a realização da aula, identificação das atividades, dos materiais necessários e o transporte.

Fonte: autoria própria (2024).

Ao se observar a ficha de autorização (Anexo B) fica nítida a corresponsabilização da equipe gestora escolar, do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (membros internos da escola) e da Diretoria Regional de Ensino (Coordenador da Coped, presente na DRE e na direção da DRE). É fundamental seguir todos os trâmites necessários à aprovação da Aula de Campo para que não haja uma surpresa desagradável. No Mato Grosso, a partir do referido modelo, o planejamento deve ser claro e objetivo, tendo em vista os setores da educação que precisarão autorizar a execução da Aula de Campo. Nesse caso, o planejamento deve incluir a participação de diferentes setores que antes não estavam envolvidos diretamente. Para o desenvolvimento da Aula de Campo, são necessárias algumas ações que contribuirão para a sua qualidade e segurança.

4.2.1 Equipe de Sustentação

Figura 4 – Equipe de sustentação



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=equipe-de-sustentacao-aula-de-campo>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática observa-se uma aba complementar - Trilhas *para segurança: equipe de sustentação* pretende-se contribuir diretamente para a garantia da segurança e da qualidade das atividades previstas. É preciso que cada membro seja de confiança e tenha responsabilidade de agir quando for necessário. Ainda nessa fase, devem ser especificadas as pessoas que contribuirão para a realização da atividade proposta. É preciso comunicar a gestão escolar, por meio da coordenação pedagógica, os envolvidos, para que a escola se organize e todos possam participar das atividades. Os responsáveis devem ter conhecimento das atividades que serão desenvolvidas. Além disso, é necessário que todos conheçam e tenham em mãos a identificação dos estudantes presentes na atividade. Essas informações contribuirão para minimizar as possibilidades de imprevistos.

A partir da experiência de várias Aulas de Campo já realizadas, poderá ser observado na plataforma eletrônica, a aba Catálogo de Aula de Campo (este catálogo de Aula de Campo estará no 5ª capítulo dessa dissertação) - *Indicações aos docentes e responsáveis no exercício das Aulas de Campo* com o intuito de auxiliar o profissional nas atividades propostas e atrair os estudantes presentes nessas atividades para terem comprometimento, inclusive com os horários, e o rigor necessário para o bom desenvolvimento das ações propostas.

Convém prever o menor número de estudantes possível por responsável por ser uma preocupação fundamental para o sucesso da atividade de campo. Apesar de não ser obrigatória,

é primordial ressaltar a participação de pais e cuidadores, caso tenha estudante com deficiência para oferecer tranquilidade ao participante.

Caso seja vedada a participação de professores que não estejam vinculados diretamente ao projeto, há possibilidades que devem ser levadas em consideração, sendo válida a participação dos demais profissionais da área de educação em atividades de Aula de Campo. Por exemplo, ao convidar profissionais de outras áreas como os da secretaria e de apoio para as aulas de campo, esses se sentirão valorizados, pode, portanto, resultar numa experiência construtiva para as relações interpessoais da escola. Outro exemplo, em uma Aula de Campo que demanda mais tempo com atividades em áreas com trilhas com vegetação, relevo acidentado é preciso ter uma equipe de sustentação mais ampla, prevendo, inclusive apoios como corporação de bombeiros, um profissional da segurança treinado ou profissionais da área de saúde.

4.2.2 Meios de Transporte

Figura 5 – Meios de transporte



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=transporte-aula-de-campo>

Na aba da plataforma eletrônica Trilhas para segurança – ênfase na prática / Planejamento: Meios de transporte- *Aula de Campo e meios de transportes* destaca-se a importância quanto à escolha do transporte visando a qualidade, a segurança e o conforto. Ao contratar a empresa de transporte deve-se verificar a idoneidade e se informar sobre o suporte oferecido. Por exemplo, checar a qualidade do meio de transporte, a apólice de seguro deste e

passageiros, oferta de transporte reserva, caso seja necessário. Deve, ainda, evitar contratos com empresas que não ofereçam seguro para todos envolvidos na prática. Conferir esses critérios, permite evitar problemas relativos ao transporte, antes mesmo do início da Aula de Campo²³.

Dentre a documentação de empresa de transporte, deve-se observar se está devidamente registrada nas agências reguladoras e no caso do transporte de passageiros no Detran (em nível estadual) e ANTT (em nível nacional); verificar a apólice de seguro dos veículos da empresa contrata; solicitar os laudos de inspeção técnica e vistorias obrigatórias; observar que, para cada tipo de viagem, as agências reguladoras emitem uma licença de operação, que é obrigatória e deverá estar acompanhada de relação de passageiros com nome completo e a carteira de identidade. Finalmente, deve-se solicitar ao motorista do transporte a conferência na documentação dos passageiros antes de embarcar.

No quadro 4, foram organizadas dicas relevantes sobre a empresa, os funcionários e o veículo. Caso a contratação do transporte passe por processo de licitação, é preciso que as empresas apresentem tais informações.

Quadro 4 - Informações da empresa, funcionários e o veículo para Aula de Campo

EMPRESA: 1. Procure informações com guias de turismo, são ótimas referências. 2. Estude a trajetória da empresa. 3. Exija o contrato de locação com especificação do tipo de veículo e a capacidade deste. 4. Evite preços abaixo do mercado, pois pode se revelar oneroso.
FUNCIONÁRIOS: 1. Verifique se possuem o curso de transporte de passageiros obrigatório. 2. Antes de viajar, converse com o condutor e explique como será a viagem e os cuidados desejados da parte dele a fim de evitar desentendimentos. 3. Lembre-se que o condutor prestar um serviço, no entanto, no veículo, principalmente em situações de risco, sua orientação deve ser respeitada.
VEÍCULO: 1. Agende o horário de chegada do veículo uma hora antes do embarque e faça uma vistoria completa de acessórios e condições de limpeza. Havendo problemas ou divergências do que foi contratado comunique ao condutor e à empresa imediatamente. 2. Verifique o estado geral dos pneus. 3. Pergunte se o veículo está com o <i>kit</i> de manutenção completo (ferramentas, <i>steps</i> , macaco etc.).

Fonte: autoria própria (2024).

No sítio eletrônico *Diário do Transporte*²⁴ podem ser observados os itens relativos à contratação do transporte. Portanto, garanta o quanto mais orientação sobre o meio de transporte utilizado. O meio de transporte precisa aparecer no planejamento da Aula de Campo,

²³ O sítio eletrônico Redenção apresenta dicas do que avaliar na hora de contratar a empresa de ônibus. Disponível em: <http://www.redencaoonline.com.br/o-que-avaliar-na-hora-de-contratar-a-empresa-de-onibus-para-sua-viagem/>

²⁴ Diário de Transporte há outras indicações para a contratação do transporte. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2020/11/26/especial-cuidados-ao-contratar-um-servico-de-onibus-de-fretamento/>

especialmente, por questões de segurança, como também para garantir acessibilidade para os casos de estudantes com deficiência de locomoção.

4.2.3 Alimentação

Figura 6 - Alimentação



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-alimentacao>

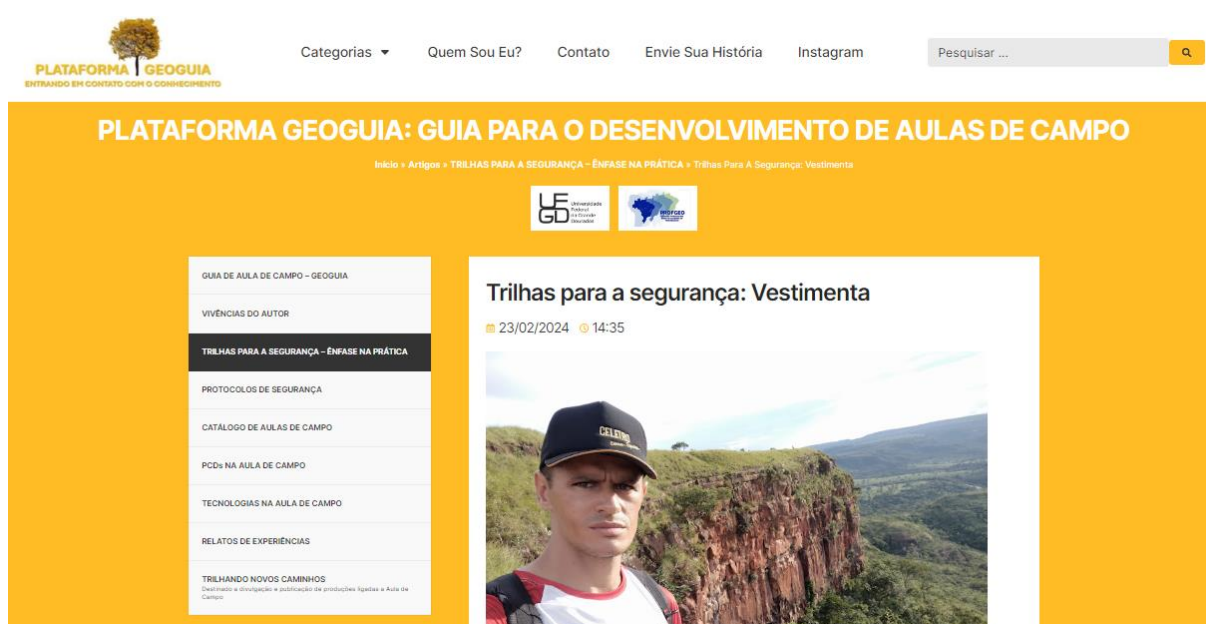
Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: Alimentação trata sobre os locais que serão utilizados para tal finalidade. Evite improvisar no momento da Aula de Campo, as questões que envolvem alimentação do grupo são fundamentais para possibilitar bom andamento e maior produtividade das ações planejadas. Cabe frisar no pré-campo já iniciar o levantamento dos hábitos alimentares dos estudantes para que não ocorram imprevistos durante a prática de campo. Deve-se verificar a ficha médica de cada aluno e observar os itens alergia e intolerância. Vale ressaltar a inclusão da culinária nas atividades de campo, já que os hábitos alimentares reportam à cultura de um determinado lugar assim como a música, a dança e tantos outros elementos culturais.

Alguns cuidados são necessários com a alimentação durante uma Aula de Campo, é preciso observar as fichas médicas individuais de cada aluno e demais participantes; marcar com antecedência todas as refeições, conferir o cardápio e apresentá-los aos participantes; deve assegurar que todos estejam com lanche e água, caso ocorra algum imprevisto; para as atividades mais duradouras, além do item anterior, assegurar que todos tenham uma reserva em

dinheiro para custear lanches, caso haja alguma parada imprevista; é fundamental se informar a respeito das condições de tempo da área a ser visitada para estabelecer com cuidado os alimentos a serem ingeridos; estar atento a todos participantes e assegurar que todos façam as refeições de forma correta.

4.2.4 Vestimentas Adequadas

Figura 7 – Vestimentas



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-vestimenta>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: Vestimentas trazem a necessidade de planejamento no que se refere ao que usar durante a prática. Cada ambiente exige uma vestimenta adequada, ao calor ou ao frio. Talvez seja a menor preocupação, já que a maioria das aulas de campo ocorre próximo ao local de estudo ou à moradia dos estudantes. No entanto, numa Aula de Campo é salutar se preocupar com esse item, pois numa área de trilhas com mata fechada serão necessárias vestimentas diferentes daquelas utilizadas em áreas abertas ou num laboratório de uma universidade. Para áreas de trilhas com vegetações e rochas, o ICMBio serve como referência, por meio de seu sítio eletrônico²⁵ especializado no Parque da Chapada dos Veadeiros, localizado no Estado de Goiás. Há recomendações, dentre as quais se destacam:

²⁵ Vide Chapada dos Veadeiros. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnachapadadosveadeiros/guia-do-visitante.html> Acessado em 16/08/2023.

(...) Tome um café da manhã bem reforçado. Mesmo que você não esteja acostumado a comer logo pela manhã, faça um esforço, pois as caminhadas exigirão muito de você, por isso é bom estar preparado. Leve bastante água e um bom lanche, mas evite vasilhames de vidro ou enlatados. Prefira alimentos leves como frutas, castanhas, sanduíches (sem maionese), banana e uva desidratada. Utilize roupas adequadas, boné e tênis ou outro calçado fechado. Chinelos e sandálias abertas não combinam com trilhas e, se arrebentarem, tornarão [sic] sua experiência desagradável. Leve protetor solar e repelente. Leve seus remédios de usos específicos, como antialérgicos, e de uso controlado, como pressão, asma e outros. Na época das chuvas, traga um anorake (ou capa de chuva) e roupa reserva para trocar após o passeio. Dica: embale roupas e equipamentos eletrônicos em um saco estanque para mantê-los secos. Siga as normas e as orientações dos funcionários do Parque, condutores de visitantes e bombeiros, especialmente nas áreas de banho, pois elas visam a proteção dos ambientes e dos próprios visitantes. Observe, mas não recolha flores e pedras dos locais que você está visitando, nem moleste os animais. Todo lixo que você produzir deverá ser trazido de volta à cidade, inclusive o lixo orgânico. Atividades em ambientes naturais envolvem riscos e o Parque Nacional não conta com serviço de resgate, portanto, aja com moderação. Evite atitudes que possam causar acidente, como subir em pedras ou árvores e saltar no rio de lugares altos (ICMBIO, 2023).

Trata-se de dicas válidas e devem ser seguidas para o bom andamento das ações planejadas. Em áreas urbanas, caso a atividade seja realizada durante o dia, deve-se optar por calçados e roupas confortáveis, e protetor solar. Caso a atividade ocorra em alguma indústria, é comum a própria empresa garantir os equipamentos de segurança ou repassar as orientações necessárias. É preciso sempre estar atento ao perfil dos estudantes e buscar meios para que todos estejam em segurança.

4.2.5 Hidratação

Figura 8 – Hidratação



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-hidratacao>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: *hidratação* alerta-se para a necessidade dos participantes estarem hidratados. Isto é fundamental para qualquer atividade e deve ser levado em consideração durante o planejamento das ações ligadas à Aula de Campo. Imprescindível saber com antecedência e com segurança os locais onde há água potável que contribuirá para o sucesso das atividades e a segurança dos participantes. De acordo com o *Protocolo de conduta e segurança em aulas de campo do Instituto de Geociências da USP*:

Uma variedade de patógenos, incluindo bactérias, parasitas e vírus, pode sobreviver em fontes naturais de água, como córregos, lagos, rios, bicas e nascentes. A ingestão de água dessas fontes deve, portanto, ser evitada. Se uma fonte de água tratada não estiver disponível na área de campo, recomenda-se levar a própria água, em quantidade suficiente para durar o dia todo (USP, 2015, p. 11).

A partir dessa reflexão é preciso levar em consideração alguns cuidados: saber com antecedência quais locais serão possíveis para aquisição de água; assegurar que todos levem suas garrafinhas; verificar se o transporte utilizado tenha água para todos durante a execução do trajeto. Vale salientar que poderá ocorrer imprevisto e água nunca é demais; ter água em quantidade e qualidade, caso algum aluno esqueça ou não tenha mais água em seu recipiente.

4.2.6 Formas de Registros

Figura 9 – Formas de registros



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-forma-de-registro>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: *forma de registros* aborda sobre a caderneta de campo como método de assegurar a qualidade das informações dos conhecimentos adquiridos durante a Aula de Campo. É fundamental que todos tenham para as anotações relevantes para garantir a culminância da atividade proposta. Esta ação não é só dos estudantes, os professores e os responsáveis pela Aula de Campo precisam, além das anotações relativas ao tema propostos, anotar ações que contribuam para uma próxima atividade. Por mais que uma atividade de campo seja bem-sucedida, deve-se fazer anotações para que, no processo de avaliação ou de prestação de conta, oferecer transparência de informações para a comunidade. Atitudes como esta facilita o planejamento e ajuda a adquirir confiança para as outras atividades.

Além da caderneta de campo, outros meios de registros poderão ser utilizados durante uma Aula de Campo. É imprescindível ainda durante o planejamento da atividade de campo levantar informações sobre as formas que poderão ser utilizadas para o registro das atividades de campo. Há locais em que não há restrições quanto a isso, porém, há comunidades e instituições que restringirão algumas formas de registros. Ao agendar algum local para visita, verificar as formas de registro para oferecer mais tranquilidade aos participantes. Vários são os meios que poderão ser utilizados para registro das atividades de campo, tais como: máquina fotográfica; celular – foto, vídeo, áudio e percurso; gravador portátil; caderno de campo; caderneta; relógio – percurso executado (GPS) e GPS portátil.

4.2.7 Documentos e Cuidados de Saúde

Figura 10 – Documentos e cuidados com a saúde



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-documentos-e-cuidados-com-a-saude>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: *documentos de saúde* foi constituída para reunir informações sobre cuidados com a saúde dos participantes, por ser comum não se dar atenção a isso. Cumpre esclarecer que são vários os imprevistos que podem ocorrer durante a Aula de Campo, aumentando a responsabilidade daqueles que planejam e executam a atividade proposta. Ter conhecimento das condições de saúde dos estudantes é uma obrigação do organizador da Aula de Campo. É preciso fazer o levantamento e acompanhar as ações necessárias que possibilitará qualidade da ação planejada. Neste viés, o quadro 5 apresenta um modelo de ficha de informações de saúde dos participantes, com base no Protocolo de conduta e segurança em Aulas de Campo feito pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (USP, 2015)²⁶.

Quadro 5 - Modelo de ficha de informações de saúde para Aula de Campo

FICHA DE INFORMAÇÕES DE SAÚDE	
Nome: _____	Data de nascimento: ____ / ____ / ____
Documento de identidade: _____	
Nome dos pais: _____	
Endereço completo: _____	
Telefones: residencial/celular: _____	
Pessoa a ser avisada em caso de urgência: _____	
Telefone de contato da pessoa: _____	
Plano de saúde, com número de matrícula e categoria (se tiver): _____	
1. Tem alguma dificuldade de: _____	

²⁶ Disponível em: <https://igc.usp.br/graduacao/seguranca/> Acesso em: 10 jan. 2024.

- enxergar () falar () ouvir () andar () movimentar braços e pernas ()
2. Tem problema com peso? Sim () Não ()
3. Tem algum problema na coluna? Sim () Não () Qual? _____
4. Já teve alguma fratura? Sim () Não () Qual? _____
5. Usa alguma prótese? Sim () Não () Qual? _____
6. Tem alguma deficiência? Sim () Não () Qual? _____
7. Quais as condições da sua pressão arterial: Alta () Baixa ()
8. Tem ou teve problema no coração? Sim () Não () Qual? _____
9. Faz acompanhamento desse problema? Sim () Não () Onde? _____
10. Tem ou teve desmaios ou convulsões frequentes? Sim () Não ()
11. Tem epilepsia? Sim () Não ()
12. Tem diabetes? Sim () Não () Tipo 1 ou 2? _____
13. Faz tratamento por causa disso? Sim () Não ()
14. É hemofílico? Sim () Não ()
15. Tem asma, bronquite ou insuficiência respiratória? Sim () Não ()
16. Já teve um AVC? Sim () Não () Quando? _____ Tem sequelas?

17. Toma alguma medicação? Sim () Não () Qual? _____ Para quê?

18. É acompanhado por causa disso? Sim () Não () Onde? _____
19. Já se submeteu a alguma cirurgia? Sim () Não () Qual? _____
20. Já esteve internado? Sim () Não () Por quê? _____
21. Faz algum tratamento especializado? psicólogo () fonoaudiólogo () terapia ocupacional ()
outro () Qual? _____
22. Tem ou teve síndrome do pânico? Sim () Não ()
23. Vacinas tomadas: Antitetânica:
() Parcial (apenas uma ou duas doses) Data? _____
() Completa (três doses) Data da última dose? _____
() Reforço Data? _____
- Hepatite B Sim () Não () Data? _____
- Febre amarela Sim () Não () Data? _____
- Outras (especificar, com data da imunização): _____
- 24. Possui alergia e/ou intolerância:**
a Medicamentos Sim () Não () Qual? _____
à Picada de vespa, abelha ou outro inseto Sim () Não () Qual? _____
a Carrapatos Sim () Não ()
a Plantas Sim () Não () Qual? _____
- Produto químico Sim () Não () Qual? _____
- Alimentos: Sim () Não () Quais (lactose, glúten, outros)? _____
- Outros (especificar) _____
25. Sabe nadar? Sim () Não ()
26. Leu o Protocolo de Segurança em Aulas de Campo? Sim () Não ()
27. Outras observações:

OBS: Quem tiver alguma das condições de saúde apontadas, ou outra que mereça atenção especial, deve sempre comunicar aos professores responsáveis antes da saída para as aulas de campo.

Fonte: USP (2015).



Fonte: <https://igc.usp.br/graduacao/seguranca/>

Ainda neste item, deve ser pensando o *kit* de primeiros socorros ao qual toda atividade externa deve ter de fácil acesso. Atualmente, o Estado de Mato Grosso ampliou essa ação exigindo um curso básico de primeiros socorros que pode ser realizado presencialmente, ministrado pelo Corpo de Bombeiros ou *online* pela Plataforma Avadep. É fundamental compreender que a segurança de qualquer pessoa em uma atividade de campo se inicia com o planejamento, o conhecimento do local a ser visitado e a preparação que inclui desde a hidratação até o vestuário. Deve-se dar atenção a todos os itens de segurança.

De modo geral, os primeiros socorros são definidos como as primeiras ações a serem realizadas em prol da segurança de alguém, que necessita de cuidados, devido a uma situação de risco, até a chegada de atendimento profissional. Para que isso ocorra é necessário ter o *kit* de primeiros socorros. Este *kit* não pode ser visto como algo único e pode ser utilizado em todas as situações apresentadas (áreas urbanas - áreas rurais, uma indústria – uma trilha em uma serra). É preciso compreender que cada espaço exige tomada de decisão diferente, visto que apresenta riscos próprios e é necessário ser sensível a isso.

Porém alguns itens são considerados básicos e a depender do espaço a ser visitado será necessário ser organizar de forma mais ampla. Visitado o sítio eletrônico da *Rede de Farmácia Pague Menos*²⁷, pode ser observado a venda do *kit* de primeiros socorros básico, que pode ser manuseado por qualquer pessoa sem a necessidade da presença de um médico ou um profissional da área de enfermagem. Na aba do sítio eletrônico do *Guia do Mochileiro*²⁸ devido à complexidade do tema Trilhas, há uma preocupação maior com a diversidade de produtos. A página inicia com uma chamada que deve ser seguida: “É importante que cada pessoa tenha seu *kit* individual de medicamentos, pois existem fatores como alergias e outras particularidades que diferem de um organismo para o outro.” Essa chamada demonstra a complexidade presente

²⁷ Dentre os itens presente no *kit* são listados: 1 caixa plástica primeiros socorros; 1 algodão rolo 25g; 1 atadura crepe; 1 compressa gaze não aderente c/10; 1 compressa gaze 11f c/10; 1 curativo c/10; 1 *spray* higiênico 45ml e 1 esparadrapo 2,5x0,9. Disponível em: <https://www.paguemenos.com.br/kit-primeiros-socorros-pague-menos/p>

²⁸ Guia do Mochileiro. Disponível em: <https://guiademochileiro.com.br/kit-primeiros-socorros-trilhas/>

na formação do *kit* e, ao mesmo tempo, a responsabilidade com a segurança individual, que se inicia com o próprio indivíduo, cabendo à equipe de sustentação apenas acompanhar. É preciso, mesmo com a presença do *kit* individual, garantir um de uso coletivo, caso seja necessário.

O quadro 6 contém indicações de um *kit* básico de primeiros socorros para eventuais necessidades em Aula de Campo.

Quadro 6 - *Kit* básico de primeiros socorros para Aula de Campo

Kit 1. Básico • Luvras descartáveis: para evitar a contaminação cruzada (cuidado com luvas de látex, pois é um alérgeno comum); • Gaze: para proteção da ferida de bactérias; • Espadrado: para envolver o curativo (curativos em bolhas devem ser fixos com esparadrapos para que não se desloque ao caminhar); • Atadura: para rebaixamentos e mobilização do local atingido; • Band Aid: para cortes leves.
Kit 2. Instrumentos gerais • Pinça: para farpas ou carrapatos na pele; • Tesoura: para corte de materiais ou roupa; • Fita Silver Tape: para remendos de emergência na mochila ou bota; • Manta térmica de alumínio: serve como isolante térmico; • Lenços umedecidos antibactericidas; • Álcool: para esterilizar os objetos antes do uso; • Repelente à base de citronela (são muito eficazes); • Termômetro: para medir a temperatura.
Kit 3. Medicamentos para levar em trilhas • Analgésico e antitérmico: para dor de cabeça ou febre (paracetamol e ibuprofeno); • Spray antisséptico: para feridas, o <i>spray</i> evita o toque no local; • Antialérgicos: para reações a picadas ou outras categorias de alergias; • Colírio: para irritação dos olhos; • Medicamento para enjoo: para controlar a intensidade e frequência; • Pomada para queimaduras: para cicatrização e regeneração da ferida; • Relaxante muscular: usar caso haja tensão muscular ou torcicolos; • Antiácidos: para alívio da azia e má digestão; • Pomada anti-inflamatória: para diminuir a inflamação do local e ajudar na cicatrização (a vaselina simples também pode ser usada no curativo de uma ferida); • Sais de reposição: para o tratamento de desidratação, exaustão pelo calor ou perda de líquidos por vômito ou diarreia. • Pastilhas purificadoras de água: para o tratamento da água antes do consumo; • Gel de babosa: recomendado para bolhas nos pés, após usá-lo coloque um <i>band-aid</i>;

Fonte: autoria própria (2024).

Figura 11 – Kit primeiros socorros



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-a-seguranca-kit-de-primeiros-socorros>

Vale ressaltar que não é permitido a medicação sem orientação médica, por isso é interessante ter o acompanhamento de profissionais da área de saúde e ter controle e conhecimento da ficha médica dos participantes. É preciso reforçar que Aula de Campo não se trata de aventura nem pode ser confundida com passeio. Daí a necessidade constante de cuidado. Neste sentido, a ficha médica será um instrumento essencial não só para identificar os estudantes com problemas de saúde, bem como indicar a possibilidade da participação do estudante na prática proposta (Quadro 7).

Quadro 7 – Indicações complementares da ficha de saúde

Providenciar o preenchimento da ficha médica
Providenciar o preenchimento da autorização para Aula de Campo
Obter a liberação médica – se possível
Caso possível – presença na atividade de campo de responsáveis ²⁹
Verificar medicamentos e itens de segurança – caso use a bombinha
Evitar ações que exijam muito esforço
Evitar atividades de campo em dias muito frios
Evitar atividades de campo em período de estiagem e tempo muito seco
Evitar ambientes fechados

Fonte: autoria própria (2024).

²⁹ A metodologia em questão defende a presença de responsáveis na Aula de Campo para aqueles que necessitam de um apoio ou olhar mais próximo.

No quadro 8, foram organizadas indicações de algumas comorbidades a serem consideradas na Aula de Campo.

Quadro 8 - Aula de Campo: comorbidades

Estudante com cardiopatia
Caso na ficha médica do estudante conste problema cardíaco, é necessária a comunicação com os pais/responsáveis para esclarecer essa situação, pois para a participação na Aula de Campo será necessária a autorização médica. Caso seja permitida, os responsáveis precisam estar atentos a todos os passos do estudante. No artigo <i>Guia Informativo para Professores sobre Crianças com Cardiopatias</i>³⁰ podem ser observados alguns sintomas de forma isolada ou combinada, tais como: taquicardia, palidez, tonturas, cianose (cor azulada na face e nas extremidades) e dor no peito. A definição do local a ser visitado é fundamental para garantir tranquilidade na execução de todas as etapas a serem desenvolvidas. Em situações que exigem maior cuidado, é necessário convidar os pais para participarem. A construção do conhecimento pode ser facilitada também pela presença da sensação de segurança. Vale ressaltar que a presença dos pais/responsáveis não tira a responsabilidade dos profissionais presentes na Aula de Campo. Pode-se estabelecer a partir dessa reflexão situações que poderão ser tratadas com prioridade quando se pensa Aula de Campo: quem irá participar? Quais conceitos e categorias serão trabalhados? Essa ação será importante para a definição das atividades.
Estudante Asmático
É comum a presença de estudantes com problemas respiratórios nos ambientes escolares e tem gerado preocupação devido à vulnerabilidade em que a escola se encontra. Deve-se destacar a fragilidade com que os profissionais se encontram no que se refere aos primeiros socorros, principalmente considerando que a formação continuada para atender essas especificidades ocorrem de forma remota ou na versão <i>online</i> sem tutoria. Considerando a possibilidade de estudantes com problema respiratório (asma)³¹ estarem presentes em atividades práticas, é preciso observar os cuidados necessários. Dentre os quais se destaca no texto <i>Ministério da Saúde sobre Asma</i>: evitar atividades físicas ao ar livre, especialmente em dias frios; evitar a baixa umidade ou a exposição em dia com muita poluição; não fumar e evitar ambientes fechados com pessoas fumando. Acompanhar e ser sensível às ações dos estudantes que tem asma sem que este se sinta constrangido. É fundamental garantir no planejamento, todas as ações necessárias para a segurança do asmático. É preciso evitar imprevistos e constrangimentos. As fichas médicas dos estudantes precisam ser analisadas com cuidado e responsabilidade, por isso, a necessidade da formação de equipe de sustentação ainda durante o pré-campo.
Comorbidades: Alérgicos
A alergia é um dos principais problemas observados nas fichas de identificação dos estudantes que participarão de aulas de campo. Além dessa identificação, devem-se seguir as orientações médicas. Contudo, nem todas as alergias já se manifestaram, por isso, os registros: ficha de identificação e ficha médica são essenciais durante a Aula de Campo. Para segurança, essas informações precisam estar acessíveis e ser comunicadas à equipe de sustentação. Além de exigir que os participantes tenham em mãos a medicação necessária. É preciso que a equipe de sustentação tenha no <i>kit</i> de primeiros socorros a medicação para tal finalidade. Também é importante que organizadores da Aula de Campo conheçam o local a ser visitado para antecipar ações que serão necessárias e possíveis cuidados. Assim, sobre o local a ser visitado cabe fazer o levantamento de informações a respeito de aves, cobras, escorpiões, formigas, abelhas etc. Observando que tais informações são relevantes para organizar o <i>kit</i> de primeiros socorros. Nesse caso, o <i>kit</i> de primeiros socorros deve incluir informações especializadas, pois, para cada local, haverá necessidades diferentes. Por fim, entre outros cuidados referentes à alergia, os participantes devem ser orientados quanto aos calçados e às vestimentas, à alimentação e à hidratação.

Fonte: autoria própria (2024).

³⁰ Guia informativo para professores sobre crianças com cardiopatias. Disponível em: https://ppgcs.furg.br/images/Guia_informativo_para_professores_sobre_crianas_com_cardiopatia.pdf

³¹ No sítio eletrônico GOV.BR, na página do Ministério da Saúde, são apresentadas informações sobre problemas respiratórios e asma.

Figura 12 - Comorbidades



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=aula-de-campo-comorbidades>

4.2.8 Resíduos

Figura 13 – Resíduos



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-residuos>

A aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: *geração de resíduos* representa uma reflexão a ser elaborada durante qualquer atividade desenvolvida na escola. Este tema não pode ser tratado com menor importância por estar fora da escola.

Qualquer atividade desenvolvida seja na escola, seja em uma Aula de Campo, precisa de planejamento para que sejam respeitadas as regras existentes. Essa informação deverá ser passada para todos os participantes durante a Aula de Campo, pois ninguém precisa estar num ambiente sujo nem com mau cheiro. Como não há garantia do tempo que estará em campo, deve-se assegurar um espaço limpo e agradável. É preciso que todos os participantes tenham em mente os cuidados necessários com o lixo produzido visto que este é de quem produz e deve se responsabilizar por ele, descartando quando necessário em locais devidamente destinados a este fim. Nas instituições e locais a serem visitados, deve-se assegurar que o espaço esteja limpo ao sair, comportamentos que permitirão novas atividades. Os responsáveis pela atividade de campo precisam ser sensíveis ao tema e contribuir para que o descarte do lixo seja realizado corretamente.

Ao definir o grupo de participantes da Aula de Campo e os responsáveis, é necessário reuni-los para visualizarem o planejamento e definirem os acordos e as condutas durante as atividades propostas, conforme exaustivamente mencionado. É preciso que saibam da responsabilidade com cada atividade e o compromisso em fazer o melhor. É preciso ser solidário e ter empatia para com todos.

4.2.9 Documentação e Autorizações

Figura 14 – Protocolo da Aula de Campo



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=protocolo-da-aula-de-campo-governo-de-mato-grosso-2022>

Na aba Trilhas para segurança – ênfase na prática / Trilhas para a segurança: *documentação e autorizações* dispõem-se sobre o acesso aos modelos de fichas de autorização. Provavelmente, é um dos documentos mais importantes em relação à saída com estudantes para os ambientes externos à escola. Não é tolerável estar sem a documentação assinada pelos responsáveis e reconhecida por parte da gestão escolar, com todos os percursos aprovados de acordo com os protocolos definidos. Tendo novamente como referência o Estado de Mato Grosso que dispõe de fichas de autorização (Protocolo da Aula de Campo) para que sejam anexadas ao planejamento da Aula de Campo.

Muitos professores consideram burocrática essa fase do planejamento devido ao tempo gasto e aos instrumentos necessários para que o projeto seja aprovado pelos órgãos responsáveis. As fichas fazem parte do *Protocolo da Aula de Campo* desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso que vigorou no começo de 2022. Por conseguinte, são vários os elementos encontrados e que contribuem para a melhor organização da prática de campo ou de atividades externas ao espaço escolar. Oportuno esclarecer que o Formulário de Autorização poderá ser visto no Anexo B.

A ficha de autorização aqui apresentada é denominada de *Formulário de Autorização da Aula de Campo*, sendo a primeira parte destinada à descrição da Aula de Campo que precisa ser preenchida na Unidade Escolar. Enquanto a segunda parte deve ser preenchida pelo responsável, onde poderão ser encontrados todos os dados relativos a este e ao estudante. A terceira e última parte é preenchida pela escola onde indicará o responsável pelo acompanhamento dos estudantes durante as atividades externas.

A segunda ficha (Anexo C), apresentada pela Seduc-MT, refere-se ao *Formulário de Identificação dos Estudantes*, na qual é possível perceber, de início, a identificação do professor responsável e a quantidade de estudantes participantes. Na segunda parte podem ser verificados os nomes dos estudantes, nomes dos responsáveis e o número de telefones destes. É crucial o preenchimento correto da ficha para que, em caso de incidente ou algo parecido, os responsáveis possam contribuir ou serem avisados o mais rápido possível.

Cabe ressaltar que as fichas de identificação e de acompanhamento são insuficientes para garantirem a segurança na ação prática aqui em questão. Como dito, é preciso estar acompanhado da ficha médica preenchida pelos responsáveis quando o aluno for menor de idade. Essa ação ampliará a segurança e minimizará os imprevistos.

4.2.10 Pernoite: mais de um dia no campo

Figura 15 - Pernoite



Fonte: <https://auladecampo.com/?artigo=trilhas-para-seguranca-pernoite>

É muito importante o planejamento da Aula de Campo com responsabilidade, tendo em vista o projeto, sua aprovação e execução. Quando é desenvolvido um projeto que necessita mais de um dia no campo, algumas ações precisam ser executadas para o planejamento aconteça com qualidade e segurança. Sabemos que menores de idade em hotel, somente com a presença de responsáveis ou autorizações assinadas e reconhecidas por órgãos responsáveis. Não iremos entrar no mérito da guarda nesse momento.

Por se tratar de atividades escolares, levando em consideração experiências já desenvolvidas, é interessante pensar em alojamento realizada em espaços escolares (da mesma rede de ensino). É sempre produtivo ocupar espaços da rede de ensino, levando em consideração que a muitas escolas estão preparadas para essas ações, sejam Aulas de Campo ou atividades esportivas.

Alguns itens precisam ser levados em consideração:

- Conhecer o local com antecedência o local e todos os itens anteriores.
- Comunicar via ofício/e-mail;
- Alojamento em instituições de ensino da mesma rede.
- Autorizações realizadas de acordo com os protocolos de segurança.
- Autorizações com reconhecimento de firma;
- Garantia de participação de cuidadores e pais/responsáveis.
- Maior número de profissionais possíveis.

- Espaços definidos para descanso.
- Sempre alguém de sentinela – é interessante ter alguém responsável atento.
- Verificar a segurança do local.
- Durante a permanência no local, garantir o máximo de cuidado possível.
- Entregar o local limpo e com lixo recolhido.

4.2.11 Diário de campo do Docente

O diário de campo do professor é um dos documentos mais importante presentes em uma Aula de Campo e contribui para garantir o acompanhamento das atividades a serem executadas (planejamento), correções ou reestruturações das atividades (campo), avaliações (pós-campo). No caderno de campo constam as principais atividades a serem realizadas e observações que contribuam para a sua efetivação.

A documentação individual de todos os participantes precisa estar acessíveis e presentes desde a saída, até o retorno, além dos documentos como planejamento, autorização de responsáveis, ficha médica, contrato com a empresa de transporte. Caso se necessite de alguma informação, será fácil resolver ou minimizar impactos, que possam impedir que a Aula de Campo aconteça, é preciso estar atento e ser cuidadoso.

4.3 O futuro é agora: sugestões de tecnologias para Aula de Campo

O período pré-pandemia não poderá mais ser vivenciado, pois as ações implantadas nos meios de comunicação se tornaram mais acessíveis, não desconsiderando, contudo, a desigualdade de acesso.

Nas últimas décadas vive-se um período de grande desenvolvimento de ferramentas que contribuem para o desenvolvimento de aulas de Geografia. Essas novas ferramentas possibilitam maior diversidade metodológica e se encontram mais acessíveis a sociedade. Considerando este contexto, na plataforma eletrônica foi criado um ambiente para as novas tecnologias no sentido de facilitar a observação de elementos que antes não eram possíveis devido à falta de meios. As escolas, os professores e os estudantes possuem hoje meios que contribuem para tornarem a aula interessante e produtiva, como, por exemplo, o uso celular, tornou as informações mais próximas, necessitando apenas de um bom planejamento e execução com responsabilidade.

As geotecnologias podem contribuir para a aprendizagem e facilitar as ações pedagógicas. É preciso que o professor, além de ter acesso a estas, tenha humildade pedagógica

para as novas possibilidades que esse novo mundo proporciona. Neste cenário, para os períodos pré-campo, campo e pós-campo, pode-se contar com uma diversidade de tecnologias voltadas para as aulas de Geografia, que estarão no Guia, tais como: Google Earth, Google Maps, Climatempo, Canva e Drones.

Serão produzidos uma série de vídeos com finalidade de contribuir para aqueles que se interessarem, facilitando assim, o planejamento da Aula de Campo. Os vídeos têm como objetivo possibilitar ao professor melhor compreensão das ferramentas que estão disponíveis e possibilitar o “fazer fazendo”. A primeira ferramenta tecnológica importante para a Aula de Campo, que será apresentada é o Google Earth. Para a produção dos vídeos foi utilizado o Game bar Windows (teclas Windows + G) e após a gravação, foram salvos no canal próprio autor no Youtube.com.

O tema “Importância do Google Earth para o planejamento da Aula de Campo” foi o primeiro vídeo produzido. O Google Earth pode ser utilizado de várias formas e interesse. Aqui foi realizado um recorte para demonstrar sua importância para o planejamento da Aula de Campo.

Figura 16 – Importância do Google Earth para o planejamento da Aula de Campo



Para visualizar o vídeo, clique: <https://www.youtube.com/watch?v=xSS10VX9Rhs&t=177s>

O segundo vídeo produzido utilizou o mesmo formato e teve como tema “Google Maps: medindo distâncias”.

Figura 17 – Medindo distâncias



Para visualizar o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=l0D3goryoGQ>

O terceiro vídeo tem como tema “Climatempo e sua importância para o planejamento da Aula de Campo”.

Figura 18 – Climatempo



Para visualizar o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UuUtX-7WD6c&t=154s>

Outras ferramentas poderão ser utilizadas para o planejamento das Aulas de Campo, é preciso ser criativo e ter sensibilidade. É preciso ressaltar que é inegável a necessidade de formações continuadas para ampliarem o acesso e o uso dessas ferramentas com qualidade; é

preciso aceitar as mudanças em curso, visto que o livro virtual representa uma realidade, por exemplo. As plataformas educacionais estão a serviço deste tempo, portanto, o docente deve se adequar às mudanças com responsabilidade, sem perder o foco, ou seja, a aprendizagem com qualidade e equidade.

Para a maior qualificação das aulas de Geografia o uso de geotecnologias é uma estratégia pedagógica quase obrigatória. Neste aspecto, a Inteligência Artificial está presente e poderá qualificar ainda mais o trabalho dos professores, pois poderá oferecer uma logística eficiente e obter resultados mais produtivos. Válido pontuar novamente que o próprio Guia possui essa finalidade. Para a maior qualificação das aulas de Geografia o uso de geotecnologias é uma estratégia pedagógica quase obrigatória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória profissional deste autor, no âmbito educacional, proporcionou experiências que o constituíram e se encontra em construção contínua. O desenvolvimento da presente pesquisa e a propositura de um produto educacional, a saber: a Plataforma Geoguia, que deu oportunidade não só de externar, bem como desvelar os anseios pessoais em face dessa existência profissional. A dinâmica da pesquisa exigiu o diálogo constante entre a teoria e prática, ou seja, os saberes das experiências conciliados com os saberes de formação.

De fato, nos últimos anos, o exercício da docência tornou-se cada vez mais complexo, exigindo a ampliação e a verticalização da qualificação profissional. Considera-se, assim, que o presente trabalho possibilitou um considerável amadurecimento científico e profissional. Ler, escrever e pesquisar sobre Aula de Campo revelou a este autor que, embora o conhecimento prévio referente à temática fosse considerável, tendia ao campo das noções e, portanto, faltavam conceitos consolidados.

De acordo com os resultados da pesquisa empírica, todos os professores pesquisados já planejaram e executaram Aula de Campo e a utilizam para diversificar suas aulas. Contudo, as dificuldades enfrentadas durante o planejamento englobam aspectos, como, por exemplo, logística, burocracia, recursos financeiros e apoio da gestão escolar e familiar. Estes obstáculos elencados geram desmotivação para os professores proporem projetos e a própria execução de Aulas de Campo. Em relação ao recurso financeiro, os entrevistados foram categóricos ao afirmarem que a responsabilidade na maioria das vezes recai na seguinte tríade: escola, parceiros (doações) e professores. Vale ressaltar que os parceiros existentes são resultados de um trabalho coletivo e apoio da instituição de ensino. Entretanto, os professores pesquisados também responderam que as famílias dos estudantes colaboram de diversas maneiras, desde a assinatura das autorizações para a participação nas aulas de campo até o fornecimento de lanches e auxílio logístico.

Em referência ao conteúdo pedagógico, a maioria dos professores pesquisados planeja as Aulas de Campo de modo interdisciplinar, englobando a parceria com outros componentes curriculares. Desse modo, considerando a importância da integração entre a teoria e a prática na Aula de Campo, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são condições essenciais para se superar a fragmentação do conhecimento e possibilitar, assim, um aprendizado pleno ao estudante.

Entre as opções para a realização da Aula de Campo, notou-se a preferência por lugares e paisagens com elementos da natureza preservados, visto que estes contatos fazem aflorar

sensações e emoções tanto positivas quanto negativas, mas constituem experiências formativas que exercitam a leitura do espaço, lugar e território em que se vive. Os resultados das Aulas de Campo são registrados por intermédio de fotos, vídeos e relatórios escritos. Cabe ressaltar que o exercício das Aulas de campo é observado principalmente nas disciplinas de ciências humanas e ciências naturais, sem se limitar a essas áreas, sendo comum haver práticas interdisciplinares e transdisciplinares, conforme mencionado.

O planejamento e a execução da Aula de Campo compreendem fatores indispensáveis, que, se houver certo descuido, pode comprometer os objetivos e a integridade formativa e até física dos participantes da referida atividade pedagógica. Diante disso, a Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso publicou o Protocolo para Aula de Campo cujo objetivo visa estabelecer diretrizes à segurança em Aulas de Campo. As normas se devem ao afogamento fatal de um estudante durante uma Aula de Campo, realizada na Chapada dos Guimarães que repercutiu e, em 2022, o referido documento tornou-se obrigatório para todas as escolas para a realização das Aulas de Campo no estado.

Diante disso, o referido Protocolo consiste em um documento importante, visto que surge como aporte para evitar tragédias, embora haja críticas em virtude de seu caráter fortemente burocrático. Contudo, apresenta os procedimentos definidos pelo governo do Estado, inclusive orientações para o planejamento e até a execução da Aula de Campo. Assim, relacionar burocracia com as dificuldades de execução ou desenvolvimento de uma determinada atividade também expressa a percepção sobre as instituições escolares. Provavelmente, alguns projetos foram marginalizados ou esquecidos por causa desses obstáculos. É preciso reconhecer que muitas práticas de ensino não se concretizaram, perdendo-se, assim, ótimas possibilidades de aprendizagem.

Cabe salientar que o cotidiano escolar é permeado de ações que exigem o cumprimento de leis, portarias, orientações e protocolos que, às vezes, não são bem aceitos pela equipe gestora e demais profissionais da área de educação. Observam-se, nos últimos anos, devido às mudanças políticas, culturais e sociais, novas demandas. Por conseguinte, mudanças, às vezes, causam certa insegurança acarretando ações desafiadoras no âmbito escolar. Neste sentido, o desafio dos profissionais de educação é trilhar um caminho imerso em burocracia que, apesar de organizar, muitas vezes, imobiliza as atividades, isso sem perder a criatividade e o otimismo pedagógico.

A modernização chegou à escola ditando tempo e causando mudanças no espaço e nas relações humanas. O celular e as mídias de modo geral demonstram a urgência de uma nova

metodologia de ensino considerando o grande número de conflitos presentes nas instituições educacionais. As geotecnologias que até a pouco tempo eram objetos de luxo, hoje fazem parte da rotina escolar e prescindem de reflexões acerca disso.

No que se refere à aprendizagem significativa, o produto educacional – Plataforma Geoguia ora desenvolvido, tem o intuito de corroborar para o desenvolvimento de Aulas de Campo, coerente com a seriedade de que deve ser planejada e executada, pois, se houver negligência, imprudência ou imperícia dos organizadores poderá comprometer os resultados pedagógicos e até colocar em risco a integridade física dos participantes. Dessa forma, a Plataforma contém vários elementos que orientarão o trabalho dos docentes interessados no exercício metodológico da Aula de Campo. Dentre outras indicações, encontram-se: um guia para o desenvolvimento de Aula de Campo, com as suas fases pré-campo, campo e pós-campo; tecnologias úteis para as atividades; dinâmicas e curiosidades. Além dessas indicações, constam propostas para a Aula de Campo com destaque para locais, unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades (Ensino Fundamental), competências específicas e habilidades (Ensino Médio).

Ressalta-se que a Plataforma Geoguia foi gestada como produto educacional voltado aos propósitos dos resultados exigidos no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional – Profgeo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Desse modo, a Plataforma Geoguia compreende uma ferramenta virtual de fácil acesso para subsidiar, orientar e propor de Aulas de Campo. Incluem-se, ainda, roteiros e registros de locais visitados pelos estudantes oriundos de escolas dos estados de Mato Grosso e Goiás. A galeria de fotos oferece a oportunidade a todos de conhecerem um pouco a respeito dos lugares escolhidos. Na essência, tais experiências demonstram o quanto a Geografia é dinâmica e encantadora, permanecendo na memória de todos aqueles que participam das Aulas de Campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTISMOEMDIA **Autistas na escola**: como melhorar o aprendizado. s/d. Disponível em: <<https://www.autismoemdia.com.br/blog/autistas-na-escola-como-melhorar-o-aprendizado/>> Acesso em: 2 jan. 2024.

BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7722229/mod_resource/content/1/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2024.

BARRETTO, E. S. S. MITRULIS, E. Trajetória e Desafios dos Ciclos Escolares no País. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 103-140, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/K6mBgJwFvzgyhHkNrBbPfNF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 2 nov. 2023.

BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

DRC MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. s/d. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/bnccmt/educa%C3%A7%C3%A3o-infantil-e-ensino-fundamental/documento-de-refer%C3%Aancia-curricular-para-mato-grosso>> Acesso: 8 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a inclusão de pessoas com deficiência. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/Consed/Undime. 2017. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/FranciscoS4/bncceief110518versaofinalsitepdf-257903347>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Asma**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/asma>>. Acesso em: 26 set. 2023.

BUSCARIOLO, A. F. V.; ANJOS, D. D. Trabalho Docente e Pedagogia Freinet. **Cad. Cedes**, v. 42, n. 117, p. 127-132, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/H3bpfSZGtQ9VNPmQTSSKbWQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 nov. 2023.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar a Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CNMP. **Acessibilidade.** s/d. Disponível em: <<https://www.cnmp.mp.br/portal/acessibilidade#:~:text=Acessibilidade%20pode%20ser%20definida%20como,e%20comunica%C3%A7%C3%A3o%2C%20bem%20como%20de>>. Acesso em: 2 jan. 2024.

CÓCARO, H.; CARDOSO, R. F.; PEREIRA, J. R. Territórios da Cidadania do estado de Mato Grosso: uma avaliação socioeconômica utilizando o índice Firjan. **Interações**, v. 17, n. 2, p. 193-209, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/xH4zrj9Pt3K9mT8c83TJtxH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DIÁRIO DO TRANSPORTE. **Cuidados ao contratar um serviço de ônibus de fretamento.** 2020. Disponível em: <<https://diariodotransporte.com.br/2020/11/26/especial-cuidados-ao-contratar-um-servico-de-onibus-de-fretamento/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DICIONÁRIO.ORG. **Dicionário Virtual da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://www.meudicionario.org/> >. Acesso em: 21 ago. 2023.

FAZ EDUCAÇÃO&TECNOLOGIA. 5 dicas para atender alunos com deficiência física nas escolas. 2022. Disponível em: <<https://www.fazeducacao.com.br/alunos-deficiencia-fisica-escolas>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FONTINHA, A.M.F. Saídas de Campo no Ensino da Geografia: Uma Metodologia Ainda Atual?. **Revista de Educação Geográfica UP**, n. 1, p.79-91, 2017. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/GETUP/article/view/2160>>. Acesso em: 10 out. 2023.

FREIRE, G. G. et al. Produtos Educacionais do Mestrado em Ensino da UTFPR – Londrina: estudo preliminar das contribuições. **Polyphonía**, v. 28, n. 2, p. x-x, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rp.v28i2.5276>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GATTÁS, M. L. B.; FUREGATO, A. R. F. Interdisciplinaridade: uma contextualização. **Acta Paul Enferm.**, v. 19, n. 3, p. 322-327, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/appe/a/zcxLWkprCCXBFcgghb5qfYcp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 out. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIA DO MOCHILEIRO. **Kit de primeiros socorros para trilha.** s/d. Disponível em: <<https://guiademochileiro.com.br/kit-primeiros-socorros-trilhas/>> Acesso em: 11 nov. 2023.

HAGEMEYER, R. C. C. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. **Educar**, n. 24, p. 67-85, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/ZFdD6xP7QX7JDdtZ3pBDKDM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 out. 2023.

HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. **Psicologia para Administradores:** as teorias e as técnicas da liderança situacional. São Paulo: EPU, 1986.

ICMBIO. **Chapada dos Veadeiros.** Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/parnachapadadosveadeiros/guia-do-visitante.html>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

INGLEZ, I. S. S. **Aulas de campo como estratégia de integração entre espaços educativos não formais e escola:** o Rio Pardo como local para abordar uma educação ambiental. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/391/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Aulas_campo_como_strat%C3%A9gia_integra%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 nov. 2023.

IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a Transdisciplinaridade: Algumas Linhas Históricas, Fundamentos e Princípios Aplicados ao Trabalho de Equipe. **Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 483-490, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/D4YgwJqvQh495Lgd6JGSHLz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

LIVRE. **Estudante morre afogado em Aula de Campo em Chapada dos Guimarães.** 2021. Disponível em: <<https://olive.com.br/estudante-morre-afogado-em-aula-de-campo-em-chapada-dos-guimaraes>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

LOCATELLI, A.; ROSA, C. T. W. Produtos Educacionais: características da atuação docente retratada na I Amostra Gaúcha. **Polyphonía**, v. 26, n. 1, p. 197-210, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/37990>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina), 2009. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MARQUES, H. R. et al. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. **Avaliação**, v. 26, n. 3, p. 718-741, 2021. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?format=pdf#:~:text=Exemplos%20de%20metodologias%20ativas%20s%C3%A3o,et%20al.%2C%202012\)%2](https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?format=pdf#:~:text=Exemplos%20de%20metodologias%20ativas%20s%C3%A3o,et%20al.%2C%202012)%2)>. Acesso em: 3 nov. 2023.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 5 nov. 2023.

MATO GROSSO. **Documento de referência curricular para Mato Grosso**: Concepções para a Educação Básica, 2018. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/bnccmt/educa%C3%A7%C3%A3o-infantil-e-ensino-fundamental/documento-de-refer%C3%Aancia-curricular-para-mato-grosso>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MATO GROSSO. **Orientações Curriculares**: Concepções para a Educação Básica. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Seduc-MT, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/12IdfeadygzgIyA2FnyYB0tpHZiYSJw9p/view>>. Acesso em: 3 nov. de 2023.

MATO GROSSO. **Protocolo da Aula de Campo**. 2022. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1osE8nKKIzmfBfr3Eudh1LjHJPrFDuwyV/view>> Acesso em: 8 jan. 2024.

MEC. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. s/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

MESQUITA, S. Ensinar para quem não quer aprender: um dos desafios da didática e da formação de professores. **Pro.Posições**, v. 32, p.e20170115, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/MyqFyz5JYrZsnXhVvnLHXns/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 30 out. 2023.

MORAN, J. M. **Mudando a Educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA1_ID2434_01102020223933.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2006.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, n. 1. p. 131-142, 2004. Disponível em: <<https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/26>> Acesso em: 13 nov. 2023.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem Significativa**: a teoria e textos complementares. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?**. Instituto de Física, UFRGS. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 23 e abril de 2010. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2023.

MOREIRA, P. P. **Alunos com surdez**: novas dicas para professores. 2024. Disponível em: <<https://cronicasdasurdez.com/novas-dicas-professores-alunos-surdez/#:~:text=Facilite%20a%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20na%20sala%20de%20aula&text=Durante%20a%20aula%2C%20tente%20manter,aparelhos%20auditivos%20e%20implante%20coclear>>. Acesso em: 2 jan. 2024.

NEDESP. **Orientações para professores de estudantes cegos**. 2020. Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/nedesp/contents/menu/documentos/professor-saiba-receber-o-aluno-cego-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010.

NTUMA, J. E.; BATA, E. J.; CARNEIRO, V. A. A Aula de Campo no ensino de Geografia: análise da sua prática na escola secundária de Namialo, Província de Nampula/Moçambique. **Geografia em questão**, v.13, n. 3, p. 149-178, 2020. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/23975>>. Acesso em: 25 fev. 2023.

NUNES, S. S.; SAIA, A. L.; TAVARES, R. E. Educação Inclusiva: Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 4, p. 1.106-1.119, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/gtPdZxy4yHrX9Lz9txCtQ7c/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 6 nov. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 1, p 195-209, 2009.

OMOTE, S.; PRADO, P. S. T.; CARRARA, K. Versão eletrônica de questionário e o controle de erros de resposta. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 397-405, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/V9YNV76yvtncMC49FwRZDYN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PAGUE MENOS. **Kit de primeiros socorros básico**. s/d. Disponível em: <<https://www.paguemenos.com.br/kit-primeiros-socorros-pague-menos/p>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PATERNOSTRO, N. N.; FONTES, T. G. N. T. Paisagem e Aula de Campo. **Geopauta**, n. 6, p. e8929, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/geop/a/fsVkjKZNmy8fGSmW9VtQWwP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 out. 2023.

PAZ, O. L. S.; FRICK, E. C. L. Aula de Campo como um Encaminhamento Metodológico no Processo de Ensino-Aprendizagem: aplicações a partir da Geografia do cotidiano e do custo zero. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 242-267, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/514>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PONTES, T. M.; RODRIGUES, Marciana Aguiar. Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia na E. M. Antonio José de Lima, em Morro do Chapéu/PI. **Revista Educação Pública**, , v. 22, n. 37, 2022. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/37/os-desafios-e-as-dificuldades-encontradas-na-disciplina-de-geografia-na-e-m-antonio-jose-de-lima-em-morro-do-chapeupi>>. Acesso em: 23 out. 2023.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do Meio: teoria e prática. Geografia, Londrina, v. 18, nº 2, 2009.

PRESTES MOTTA, F. C. **O que é burocracia?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REDENÇÃO. **O que avaliar na hora de contratar a empresa de ônibus para sua viagem.** s/d. Disponível em: <<http://www.redencaoonline.com.br/o-que-avaliar-na-hora-de-contratar-a-empresa-de-onibus-para-sua-viagem/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia brasileira. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**. Território e sociedade no início do Século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SCHMITT, C. S.; DOMINGUES, M. J. C. S. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. **Avaliação**, v. 21, n. 2, p. 361-385, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/aval/a/CgyjHL3TRXbgwRdWphLbcks/?format=pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de Campo em ambientes naturais e Aprendizagem em ciências – um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/d5zfyGJTDgv9nrw6hkWrbZK/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 4 nov. 2023.

SILVA, A. F.; JÚNIOR, R. J. O. Aula de Campo como prática de ensino – aprendizagem: sua importância para o ensino da Geografia. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18. 2016, São Luís. **Anais...** São Luís: Instituição. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468291713_ARQUIVO_AuladeCampo-ENG2016.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SILVA, B. F. S. et al. A importância do planejamento como prática de gestão na microrregião de saúde de São Mateus (ES). **Saúde Debate**, v. 39, n. 104, p. 183-196, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/dKZ6TDYZgxrPPhLCzhzxx9v/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, M. S.; CAMPOS, C. R. P. Aulas de Campo como metodologia de ensino- fundamentos teóricos. In: CAMPOS, C. R. P. **Aulas de campo para alfabetização científica**: práticas pedagógicas escolares. Vitória: IFES 2015.

SILVA, M. S.; CAMPOS, C. R. P. Atividades investigativas na formação de professores de ciências: uma Aula de Campo na Formação Barreiras de Marataízes, ES. **Ciênc. Educ.**, v. 23, n. 3, p. 775-793, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/zxrVcnPRkzs6TgBJDMvqkCj/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 3 nov. 2023.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação** v. 13, n. 39, p. 545-554, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYmFr/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 26 out. 2023.

UFC. **Conceito de Acessibilidade.** s/d. Disponível em: <<https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade>>. Acesso em: 2 jan. 2024.

USP. **Protocolo de conduta e segurança em aulas de campo.** 2015. Disponível em: <<https://igc.usp.br/graduacao/seguranca/>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VIGNOL, F. S. **Guia informativo para professores sobre crianças com cardiopatias.** Disponível em: <https://ppgcs.furg.br/images/Guia_informativo_para_professores_sobre_crianas_com_cardiopatia.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ZORATTO, F. M. M.; HORNES, K. L. **Aula de Campo como instrumento didático-pedagógico para o Ensino de Geografia..** Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_geo_artigo_fabiana_martins_martin.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ANEXO A - Formulário de Planejamento da Aula de Campo

 Governo do Estado de Mato Grosso SEDUC – Secretaria de Estado de Educação	
Anexo I	
FORMULÁRIO DE PLANEJAMENTO DA AULA DE CAMPO (Resumo)	
Unidade Escolar:	
Disciplina:	
Professor Responsável:	
Turma:	
Horário de Partida:	Horário de Chegada:
Local da Aula:	
Quantidade de estudantes previstos: _ _ _	
Justificativa	
Objetivos (de acordo com a BNCC)	
Metodologia de Avaliação	
Identificação do local e do Trajeto a ser percorrido	
Identificação de situações de risco para que medidas de prevenção possam ser adotadas durante a realização da aula	

Identificação das Atividades
Materiais necessários
Transporte
<i>Exemplos: Parcerias – Locação</i>

Assinaturas:

Professor (Nome do Professor)

Coordenador Pedagógico

Diretor Escolar

Presidente do CDCE

Coordenador da COPED/DRE

Diretor da DRE

Fonte: Governo do Estado de Mato Grosso - Secretaria de Estado de Educação (2022).

ANEXO B – Formulário de Autorização da Aula de Campo

 Governo do Estado de Mato Grosso SEDUC – Secretaria de Estado de Educação	
ANEXO II Município de _____ Escola Estadual _____	
FORMULARIO DE AUTORIZAÇÃO DA AULA DE CAMPO	
Descrever – (Ex.: Aula de campo; visitas a museus; participação em seminários entre outros)	
Autorização válida para o dia _____	
Descrição da Aula de Campo Preenchido na UE	Aula: _____
	Local: _____
	Município: _____
	Hora Prevista para saída: _____ Hora prevista para retorno a U E: _____
	Traje: _____
	Material individual: _____
Preenchido pelo responsável	Eu _____
	RG: Nº _____ Org. Exp. _____ CPF Nº: _____
	Endereço: _____
	Cidade: _____ UF: MT CEP: _____
	Telefone 1 _____ Telefone 2 _____ Telefone 3 _____
	na qualidade de (...) MÃE (...) PAI (...) TUTOR(A) (...) GUARDIÃ(O) (...)
	REPRESENTANTE LEGAL DO MENOR: _____
	Nascido(a) em : _____ Idade: _____ Natural de _____
	RG: Nº _____ Org. Exp. _____ CPF Nº: _____
	Endereço: _____
Cidade: _____ UF: MT CEP: _____	
AUTORIZO o estudante aqui qualificado a se deslocar para o evento descrito acima,	
Preenchido na EE	DESDE QUE ACOMPANHADO (A) DE: _____
	_____ que exerce o cargo/função: _____
	RG: Nº _____ Org. Exp. _____ CPF Nº: _____
	Endereço: _____
	Cidade: _____ UF: MT CEP: _____
Telefone 1 _____ Telefone 2 _____ Telefone 3 _____	
Formulário elaborado de acordo com o disposto na Res. Nº 295/2019 - CNJ	
Assinatura: _____ Assinatura: _____ (assinatura de mãe, ou pai, ou responsável legal) (Reconhecer firmas por semelhança ou autenticidade)	

Fonte: Governo do Estado de Mato Grosso - Secretaria de Estado de Educação - Protocolo da Aula de Campo (2022).

ANEXO C – Formulário para a Identificação dos Estudantes



Governo do Estado de Mato Grosso
SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

ANEXO III (preencher em três vias)
Município de _____
Escola Estadual _____

FORMULÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES		
Professor(es): _____		
Quantidade dos estudantes presentes na aula de campo: _____		
IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES		
IMPORTANTE: Os formulários de autorização dos estudantes deverão estar em posse do responsável pelo projeto de aula de campo, devendo estar com assinatura do responsável pelo estudante conforme preconiza o Protocolo de Aula de Campo/SEDUC.		
	Nome do (a) Estudante	Nome Responsável
1		Telefone do Responsável
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		

Fonte: Governo do Estado de Mato Grosso - Secretaria de Estado de Educação (2022, p 13).

APÊNDICE – A Aula de Campo: Trilhas, Caminhos e Outras Cartografias

A Região Centro-Oeste consiste numa das regiões brasileiras mais diversificadas tendo em vista seus aspectos econômicos, socioculturais e ambientais. Essa diversidade a torna propícia para atividades que contribuam para a interação e integração do ser humano ao espaço, possibilitando à escola realizá-las com qualidade tendo como referência a aprendizagem (CÓCARO, 2016). Neste contexto, o Estado de Mato Grosso se destaca naturalmente por ter os três principais biomas brasileiros, sendo Amazônia com a maior área territorial, seguido pelo Cerrado e, por fim, o Pantanal, também localizado no Estado do Mato Grosso do Sul. Há ainda uma rica diversidade de recursos minerais, além de possuir três das mais importantes regiões hidrográficas brasileiras (Amazônica, Araguaia-Tocantins e Paraguai) (CÓCARO, 2016).

Mato Grosso apresenta uma economia bastante fecunda, com ênfase para a produção de grãos, carne e peixe; e encontra-se em pleno desenvolvimento industrial, com crescente comércio. No aspecto social, apresenta uma exuberância cultural resultado do processo de ocupação por vários povos e etnias. Apesar das riquezas produzidas, possui fragilidades quanto à distribuição de renda e dificuldade no que se refere à segregação e desigualdade social (CÓCARO, 2016). Neste diapasão, as atividades econômicas desenvolvidas intensificam danos ambientais, embora haja ações de minimização de impactos. Há ainda necessidade de atividades voltadas ao não só para o descarte do lixo, saneamento básico, prática da queimada, bem como a contaminação de solos, dentre outros problemas.

Diante do exposto, nota-se que há necessidade de que ocorra com frequência a presença de estudantes em ambientes externos à sala de aula, onde poderão se inteirar e refletir sobre as ações necessárias para minimizar os danos causados ao meio ambiente no qual estão inseridos. Considerando os últimos anos, o Apêndice apresenta um Catálogo³² das vivências em Aula de Campo no qual são indicados: série/ano, o objetivo e o local da Aula de Campo, correspondência de Unidades Temáticas, Habilidades e seus objetos de conhecimentos voltados ao componente de Geografia – séries iniciais e do Ensino Médio. Tais experiências foram inseridas na aba da plataforma eletrônica - *Catálogo de aula de campo*.

³² Conceito: 1. cadastro, registro. 2. alistamento, arrolamento, inventário, lista, relação, rol. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/> Acesso em: 11 jan. 2024.

Por fim, o diálogo entre a teoria e prática de Aula de Campo compreende o conjunto de informações utilizadas na construção do produto pedagógico resultado desta dissertação na plataforma eletrônica – *Geoguia*.³³

Figura 19 – Catálogo de Aulas de Campo



Fonte: <https://auladecampo.com/categoria/catalogo-de-aulas-de-campo/>

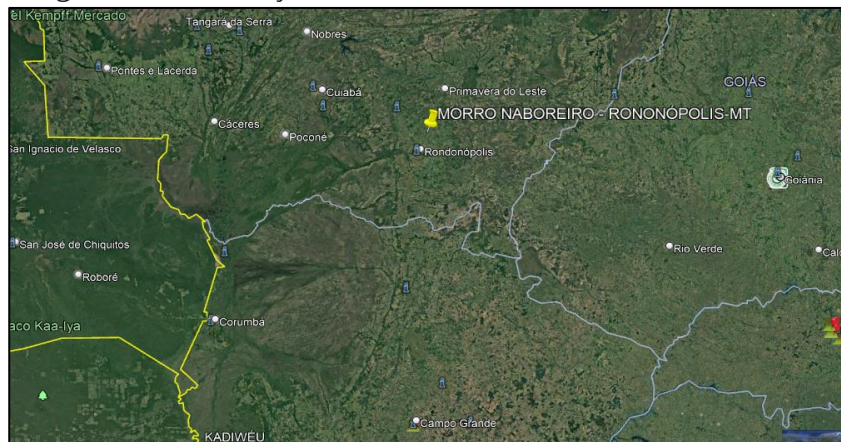
³³ Disponível em: <https://auladecampo.com/para-pcds>

**Catálogo de Aula de Campo: Trilhas, Caminhos e Outras Cartografias, Vivências e Memórias;
Unidades temáticas para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (BNCC, 2017)**

I - Aula de Campo no Estado de Mato Grosso: vivências e memórias

Morro Naboreiro – Rondonópolis-MT

Imagem 1 - Localização do Morro do Naboreiro



Fonte: Google Earth - Acesso em: 14 out. 2023

Imagem 2 – Vista panorâmica do Morro do Naboreiro



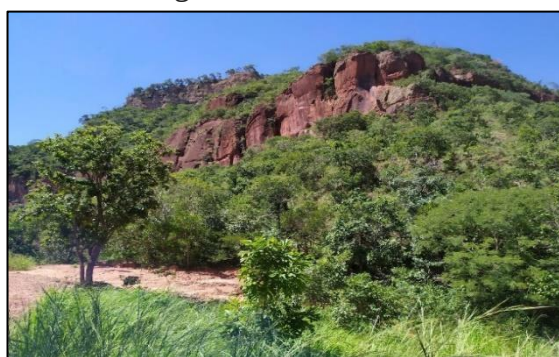
Fonte: arquivo próprio (11/2020)

Imagem 3 – Visão na parte superior



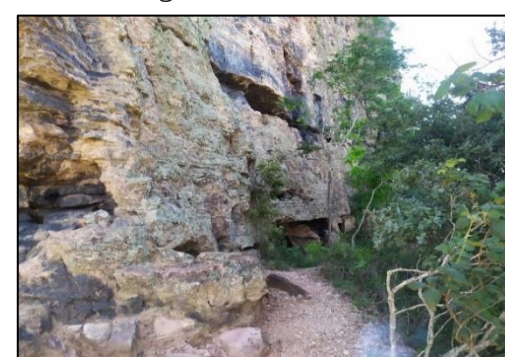
Fonte: arquivo próprio (11/2020)

Imagem 4 – Trilha de acesso



Fonte: arquivo próprio (11/2020)

Imagem 5 – Trilha de acesso



Fonte: arquivo próprio (11/2020)

Localização – situado a 28km da cidade de Rondonópolis, MT, o Morro do Naboreiro se encontra às margens da Rodovia MT130, possui uma trilha (MT130 até o topo) de aproximadamente 1.600m. Trata-se do ponto mais elevado do município de Rondonópolis com aproximadamente 640 metros de altitude – medido a partir do uso do Google Earth. Portanto, é preciso contar com uma equipe de sustentação, já que o percurso exige cuidado.

Acesso: Por meio da MT 130 – Rondonópolis-MT sentido Poxoréu-MT

Pontos de destaque para a Aula de Campo – Cerrado, relevo, solos, atividades econômicas (agricultura e pecuária) e problemas ambientais (sustentabilidade).

Cuidados Necessários: relevo íngreme com necessidade de suporte para fazer escalada, é preciso ter a presença de bombeiros; local com ocorrência de possíveis animais peçonhentos, de marimbondos, abelhas etc.

Comunicação: Heder de Oliveira Silva

Período ideal para a Aula de Campo: meses de abril a outubro, por ser um período de estiagem.

Sugestões de conteúdos: Geografia - Cerrado, relevo, solos e ocupação do espaço (agricultura e pecuária) e meio ambiente.

Tabela 1 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades Temáticas	Objetos do Conhecimento	Habilidades
6º ANO - EF	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses – lugares em diferentes tempos.
	Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	Mundo do trabalho	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando a representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 2 – Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e se posicionar criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-os com narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, a fim de comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-Nações.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.
	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
	(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

II - Aula de Campo: Estação de Tratamento de Águas – Rondonópolis-MT

Imagem 6 – Distribuição da Sanear na cidade de Rondonópolis



Fonte: Google Earth. Acesso em: 13 out. 2023

Imagem 7 – Estação de tratamento e distribuição de águas



Fonte: Sanear, 2022

(<https://sanearmt.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Sem-t%C3%ADtulo.png>)

Imagem 8 – Estação de tratamento e distribuição



Fonte: Lupanews, 2024

(<https://lupanews.com.br/rondonopolis-sanear-realiza-servicos-no-setor-ufmt-para-melhorar-o-abastecimento-de-agua-na-regiao/>)

Acesso: Avenida Dom Pedro II, 1210 - Centro, 78700-220

Pontos de destaque para a Aula de Campo – Água, captação, desinfecção, tratamento e distribuição

Cuidados Necessários:: Calçados fechados, calças compridas, chapéu ou boné, garrafinha de água, caderneta para anotações, câmera fotográfica, protetor solar.

Comunicação: Sanear - (66) 3411-0450 ou pelo sítio eletrônico: <http://sanearmt.com.br/>

Período ideal para a Aula de Campo: ano todo (dias de semana – período escolar)

Sugestões de Pesquisa: Geografia - captação de água, limpeza, desinfecção da água, transporte. Biologia; Ciências; História.

Tabela 3 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EM	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.

	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.
--	---	------------------------------------	---

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 04 - Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes épocas, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a se compreender e se posicionar criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial para identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer autonomia plena na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes períodos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-Nações.

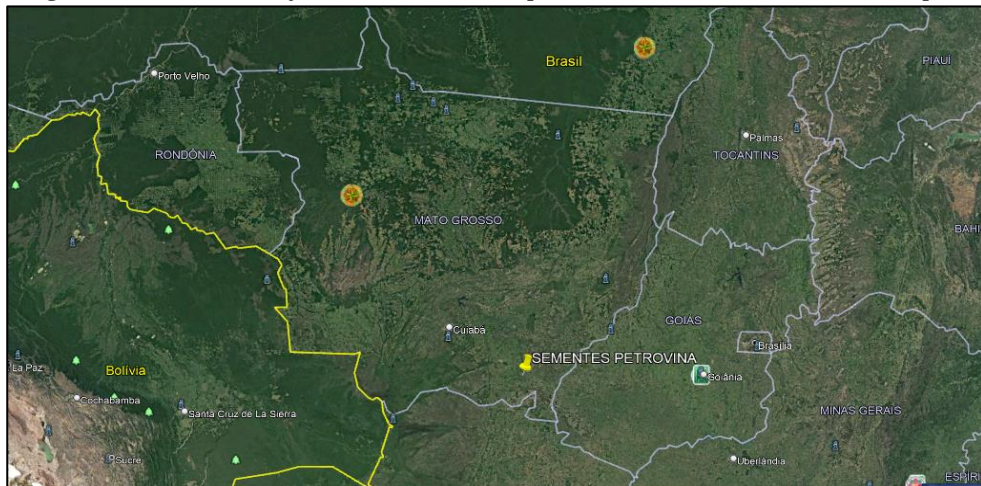
	(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões político-sociais, ambientais, econômicas e culturais.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes épocas, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.
	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, em áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo suas origens, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
	(EM13CHS404) Identificar e discutir os aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
	(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à sua concretização nas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

III- Aula de Campo: Fazenda Farroupilha - Sementes Petrovina Pedra Preta-MT

Imagens 9 e 10 – Localização da Fazenda Farroupilha – Sementes Petrovina – Município de Pedra Preta-MT



Fonte: Google Earth. Acesso em: 14 out. 2023.



Fonte: Google Earth. Acesso em: 14 out. 2023.

Acesso: Por meio da Rodovia BR364 km 119 – 86 km de Rondonópolis-MT/60 de Pedra Preta-MT.

Pontos de destaque para a Aula de Campo – Soja, algodão, condições de trabalho e Meio Ambiente.

Cuidados Necessários: calças compridas, calçados fechados, garrafinha de água, boné ou chapéu, preferencialmente camisa, câmera fotográfica (celular), bloco de anotações e conferência com antecedência da ficha de inscrição e ficha médica.

Comunicação: (66) 2101-4000

Período ideal para Aula de Campo: A qualquer tempo, no entanto, é preciso ligar com antecedência para verificar se estão em período de colheita, plantio ou entressafra, isso contribuirá para a eficácia do planejamento.

Sugestões de Pesquisa: Uso do solo, água, correção de solo, tipos de plantio, área cultivada, produção e produtividade, laboratórios, áreas de teste, produtos químicos utilizados, condições de trabalho, transporte dos trabalhadores, ações pós-colheita de algodão e soja – destino da soja e do algodão, ações desenvolvidas em prol da sustentabilidade ambiental.

Tabela 5 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EM	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes épocas.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e a sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir as distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.

	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos. (EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).
--	---	------------------------------------	---

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 06 - Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e se posicionar criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

	(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, a fim de compreender e se posicionar criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
	(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
	(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.
	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

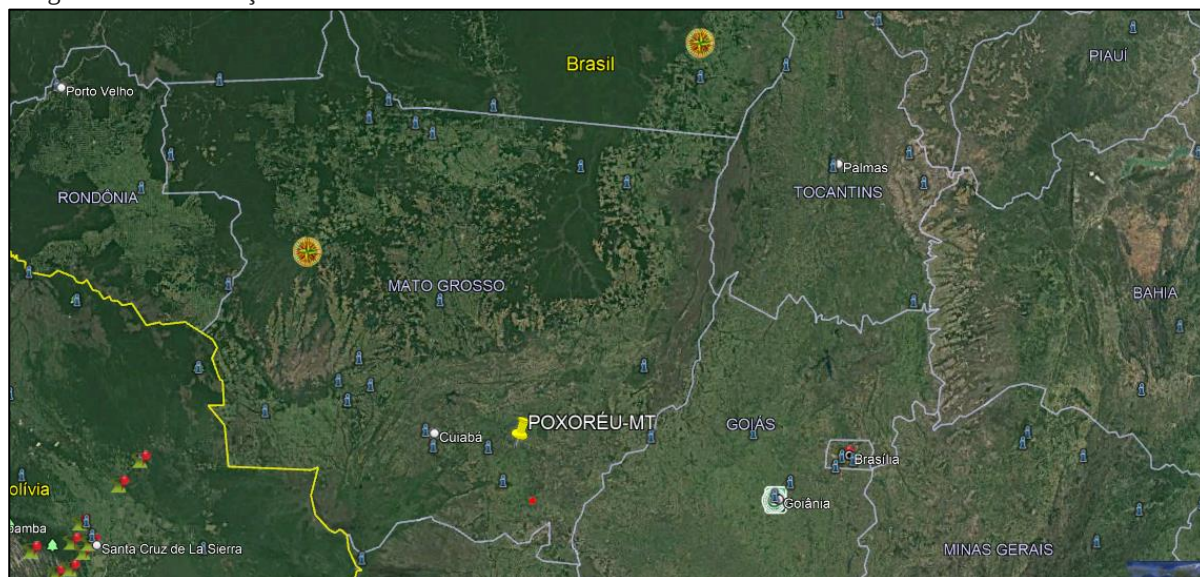
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
	(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
	(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
	(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
	(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, para a elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando-lhes os aspectos positivos e negativos para as populações locais.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas

	diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

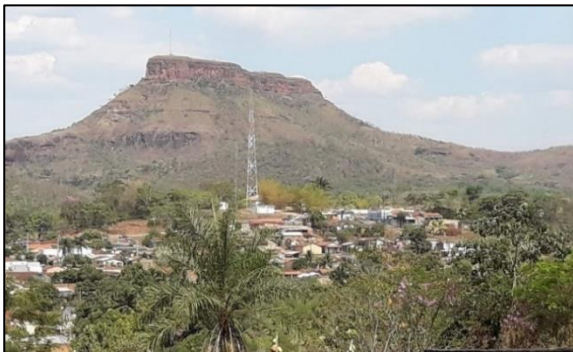
IV- Aula de Campo: Poxoréo - MT

Imagem 16 – Localização de Poxoréo-MT



Fonte: Google Earth acessado 14/10/2023

Imagem 21 – Morro da Mesa



Fonte: Arquivo próprio (2022)

Imagem 22 – Nascer do Sol no Morro da Mesa



Fonte: Arquivo próprio (2022)

Imagem 23 – Nascer do Sol no Morro da Mesa



Fonte: Arquivo próprio (2022)

Acesso: MT130 80km da Cidade de Rondonópolis-MT

Pontos de destaque para a Aula de Campo – Instituto de História e Geografia, onde se encontra um museu cujo acervo possui um mostruário de rochas, minerais e fósseis; máquina de beneficiar arroz; PCH (produção de energia); Morro da Mesa; e o Festival de Violeiros (mês de maio e junho).

Cuidados Necessários – calças compridas, calçados fechados, garrafinha de água, boné ou chapéu, preferencialmente camisa, câmera fotográfica (celular), bloco de anotações e conferência com antecedência da ficha de inscrição e ficha médica.

Comunicação: Marcos Sol (66) 9 989 4716 ou pelo sítio eletrônico: <https://www.instagram.com/conhecendopoxoreu24/>

Período ideal para a Aula de Campo: de abril a novembro.

Sugestões de Pesquisa: As várias fisionomias do Cerrado, fauna, flora, água, solos e usos, produção de energia, ocupação do espaço – agricultura, pecuária, extrativismo, ocupação urbana, história da ocupação do espaço, extração do diamante e turismo.

Tabela 7 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EM	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.

			(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos. (EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).
--	--	--	---

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 08 - Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
	(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
	(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
	(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.
	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

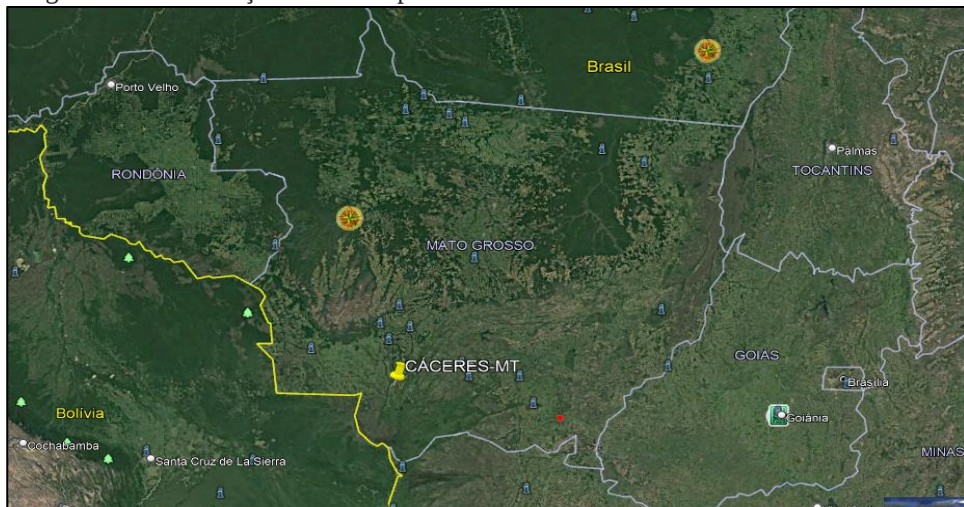
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
	(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
	(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
	(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, para a elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando-lhes os aspectos positivos e negativos para as populações locais.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas

	diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

V- Aula de Campo: Cáceres - MT

Imagem 24 – Localização do Município de Cáceres-MT



Fonte: Google Earth acesso 13/10/2023

Imagem 25 – Marco do Tratado de Madri e Igreja Matriz



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Imagem 26 – Fazenda Jacobina (Margem da BR070)



Imagem 27 – Cidade de Cáceres e Rio Paraguai



Fazenda Jacobina – Arquivo próprio (2019)
 Fonte: <<https://www.poconeonline.com/rio-paraguai-em-caceres-atinge-segunda-maior-cheia-da-ultima-decada-apontam-dados-da-marinha-brasil/>> Acesso: em 13 out. 2023.

Acesso: BR070 218 km de Cuiabá Capital do Estado de Mato Grosso

Pontos de destaque para a Aula de Campo: Fazenda Jacobina (história da fazenda, manutenção da fazenda, história da família, atividades econômicas atuais), Cidade de Cáceres (História da formação e ocupação do espaço, Rio Paraguai e sua importância, museus, igrejas e praça central – Símbolo do Tratado de Madri, suas construções; e Unemat.

Cuidados Necessários: calças compridas, calçados fechados, garrafinha de água, boné ou chapéu, preferencialmente camisa, câmera fotográfica (celular), bloco de anotações e conferência com antecedência da ficha de inscrição e ficha médica.

Comunicação: Heder de Oliveira Silva (66 999336556 ou Hedergeo@gmail.com).

Período ideal para a Aula de Campo: Se não houver ida a cachoeiras, é possível desenvolver aulas de campo em Cáceres-MT.

Sugestões de Pesquisa: Formação e ocupação do território e escravidão no Mato Grosso, atividades econômicas no início da ocupação de Cáceres, Cerrado e Pantanal; atividades econômicas – agricultura, pecuária e extrativismo; usos do solo nos meios rural e urbano; fauna e flora; Rio Paraguai e sua importância; preservação do patrimônio cultural; condições de vida e trabalho; Universidade Estadual de Mato Grosso e benefícios.

Tabela 09 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EM	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.

			(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).
--	--	--	--

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 10 - Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
	(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

	(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
	(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.
	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

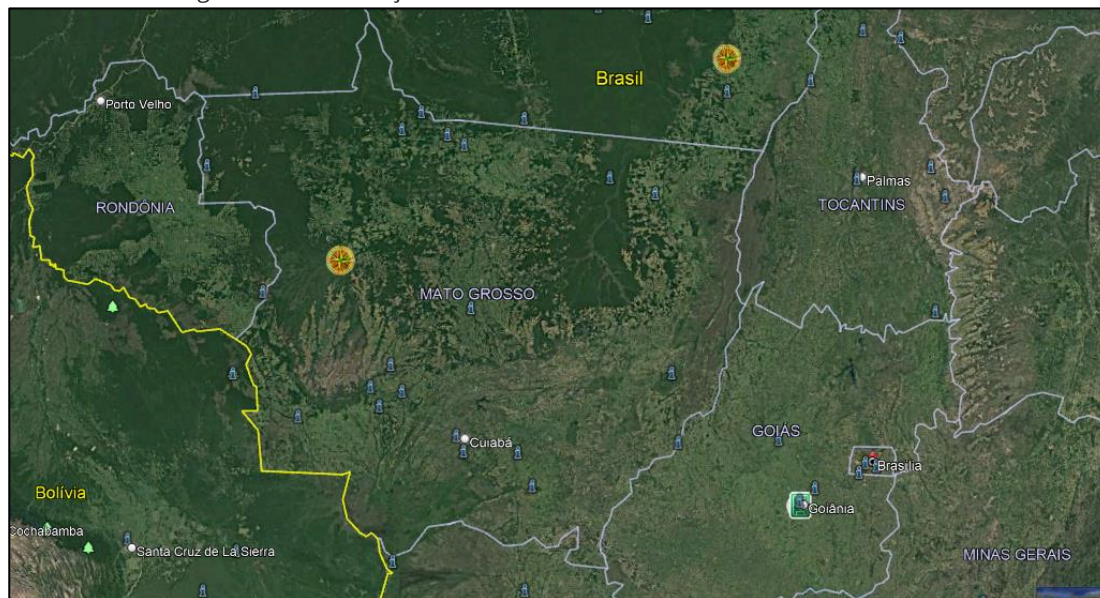
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades. (EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos. (EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica. (EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos. (EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, para a elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando-lhes os aspectos positivos e negativos para as populações locais. (EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo. (EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais

	próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
--	--

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

V- Aula de Campo: Cuiabá-MT

Imagem 28 - Localização da Cidade de Cuiabá – MT



Fonte: Google Earth acesso 14/10/2023

Imagem 30 – Igreja de São Benedito



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Imagem 31 – Museu da Pré-história



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Acesso: Cidade de Cuiabá-MT

Pontos de destaque para a Aula de Campo: Universidade Federal de Mato Grosso, Horto Florestal – UFMT, mostruário de rochas e minerais UFMT, Museu da pré-história, Igreja do Ouro (Igreja de São Benedito), Palácio do Governo – Museu, Centro Geodésico da América do Sul, Museu da Caixa d'água, Rio Cuiabá e Comunidade de São Gonçalo.

Cuidados Necessários: calças compridas, calçados fechados, garrafinha de água, boné ou chapéu, preferencialmente camisa, câmera fotográfica (celular), bloco de anotações e conferência com antecedência da ficha de inscrição e ficha médica.

Comunicação: Cada local tem seu contato próprio.

Período ideal para a Aula de Campo: o ano todo.

Sugestões de Pesquisa: Ocupação e formação de Mato Grosso, História de Cuiabá, atividades econômicas – História e Geografia, Cerrado e Pantanal – fauna e flora, águas em Cuiabá e sua história (Museu da Caixa d'água, localização de Cuiabá – Centro Geodésico, Patrimônio cultural, religião e diversidade cultural.

Tabela 11 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EM	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.

	Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos. (EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 12 - Competências específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-Nações.
	(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
	(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
	(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global.

	(EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.
	(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.
	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
	(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
	(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
	(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, para a elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando-lhe os aspectos positivos e negativos para as populações locais.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (das tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: autoria própria (2024).

V- Aula de Campo: Vila Bela Da Santíssima Trindade - MT

Imagem 34 – Localização da Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT



Fonte: Google Earth acesso em 15/2023

Imagem 34 – Estrutura de proteção



Fonte: Arquivo próprio (2019)

Imagem 35 – Antiga Matriz



Fonte: Arquivo próprio (2019)

Imagem 37 – Museu



Fonte: Arquivo próprio (2019)

Imagem 38 – Cangingi – Bebida típica



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Acesso: situado a 522 km de Cuiabá, às margens do Rio Guaporé, na região pertencente à Bacia Hidrográfica do Amazonas. É a primeira capital do Estado de Mato Grosso.

Pontos de destaque para a Aula de Campo: Formação do território brasileiro e expansão das fronteiras, história de Mato Grosso, período escravocrata, ocupação do espaço, construção da cidade de Vila Bela, antiga capital de Mato Grosso, diversidade cultural em Vila Bela (povos originários, povos escravizados e quilombolas), economia, Cerrado, recursos hídricos, turismo e meio ambiente.

Cuidados Necessários: calças compridas, calçados fechados, garrafinha de água, boné ou chapéu, preferencialmente camisa, câmera fotográfica (celular), bloco de anotações e conferência com antecedência da ficha de inscrição e ficha médica (se for em área rural e/ou cachoeiras – há mudanças).

Comunicação: Heder de Oliveira Silva

Período ideal para a Aula de Campo: abril a outubro

Sugestões de Pesquisa: História de Vila Bela, Cerrado, Bacia do Amazonas, Formação do território brasileiro, ocupação do território de Mato Grosso, Diversidade cultural em Vila Bela (danças do Congo e do Chorado), Quilombolas, povos indígenas em Vila Bela, quilombolas e Vila Bela, extrativismo mineral etc.

Tabela 13 - Unidades temáticas – Geografia (BNCC, 2017)

Ano/Série	Unidades temáticas	Objeto do conhecimento	Habilidades
6º ANO - EF	O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar as modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
	Conexões e escalas	Relações entre componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial nos ambientes urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos. (EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).
--	---	------------------------------------	---

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024).

Tabela 14 - Competência específicas – Ciências Humanas, sociais e suas tecnologias – Ensino Médio (BNCC, 2017)

Competência específica 1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
	(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se

	comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações. (EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, a fim de compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais. (EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis. (EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
Competência específica 3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional, nacional e global. (EM13CHS301) Problematicar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável. (EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade. (EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis. (EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

	(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis. (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
Competência específica 4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos. (EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica. (EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos. (EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
	(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Competência específica 6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, para a elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando-lhes os aspectos positivos e negativos para as populações locais.
	(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: Definição e recorte do próprio autor (2024)